



5

HISTÓRIA

—
5.ª CLASSE



Ficha Técnica

Título

História | Manual da 5.ª Classe

Redacção de Conteúdos

Albino Paulo
Bento Kianzowa
Cícero Ivan da Costa Mesquita
Delfino Nvuzi Mwakw
Domingos Cordeiro António
Edson Futy
Gabriel Albino Paulo
Mário Ilda Simão
Pedro Nsiangengo
Rebeca Helena
Rebeca Santana
Tunga Samuel Tomás
Yuri Miguel de Azevedo

Capa

Ministério da Educação

Coordenação Técnica para a Actualização e Correção

Ministério da Educação

Revisão de Conteúdos e Linguística

Paula Henriques - Coordenadora
Catele Conceição Teresa Jeremias
Domingos Cordeiro António
Gabriel Albino Paulo
Silvestre Osvaldo de Margarida Estrela
Tunga Samuel Tomás
Zélia Gomes

3.ª Edição

Editor: Mensagem Editora

Local e ano de Edição: Luanda - 2021

Lar do Patriota, Rua 50A, Nº. 546 E1 - Luanda

E-mail: mensagem.editora2019@gmail.com

Impressão: UNIMATER, Indústria Gráfica, Lda.

Tiragem: 887 411 Exemplares

Depósito legal: 10 218/2021

ISBN: 978-989-54802-2-7



Apresentação

Querido (a) aluno (a),

As lições seleccionadas para esta classe visam conduzir-te ao nível do progresso e do desenvolvimento, num mundo em constante mudança, através de conteúdos e de exercícios diversificados para a consolidação de algumas matérias, assim como o conhecimento de outras.

Deste modo, irás estudar, neste manual escolar de **História da 5.^a**, matérias sobre o tempo, a vida no passado e no presente, aspectos históricos da nossa localidade, Angola há muitos, muitos anos, Angola na era do tráfico de escravos, a ocupação colonial do actual território de Angola, a Luta de Libertação Nacional em Angola e a conquista da independência.

Esperamos que as lições a serem estudadas te ajudem a ampliar os conhecimentos, a desenvolver habilidades e a compreender as realidades actuais do nosso país, do nosso continente e do mundo, pois será desta forma que crescerás social e intelectualmente.

O Ministério da Educação

ÍNDICE

TEMA 1.

O TEMPO	10
1.1. O tempo na história	10
1.2. A história e a vida das gerações	12
1.3. Como contamos o tempo	13
1.4. Aspectos comparativos da vida da tua geração e da geração dos teus ascendentes mais próximos	14
1.4.1. A tua geração	14
1.4.2. A geração dos teus pais	15
1.4.3. A geração dos a teus vós	15
1.4.4. A geração dos teus bisavós	16

TEMA 2.

A VIDA NO PASSADO E NO PRESENTE	20
2.1. A habitação	20
2.2. A alimentação	21
2.3. O vestuário	23
2.4. As comunicações	24
2.5. As vias de comunicação	28
2.6. Os transportes	30
2.7. A cultura e o desporto	33

TEMA 3.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA NOSSA LOCALIDADE	38
3.1. Os monumentos e sítios	38
3.2. Museus, Arquivos e Monumentos	40
- MEMORIAL DA BATALHA DO CUITO CUANAVALÉ	41
3.3. Aspectos culturais da localidade	43
3.3.1. Origem da designação da população e da localidade	43
3.3.2. As lendas e as tradições, as línguas de Angola e as actividades	44

TEMA 4.

ANGOLA HÁ MUITOS, MUITOS ANOS	48
4.1. Os primeiros habitantes do território de Angola	48
4.2. A chegada dos Bantu e a ocupação do território	50
4.3. Os dois primeiros reinos	55



TEMA 5.

ANGOLA NA ERA DO TRÁFICO DE ESCRAVOS	62
5.1. A expansão marítima portuguesa	62
A chegada dos portugueses ao Reino do Kongo	63
5.2. As primeiras relações entre os portugueses e os reinos do Kongo e do Ndongo	64
5.3. O tráfico de escravos em Angola	67

TEMA 6.

A OCUPAÇÃO COLONIAL DO ACTUAL TERRITÓRIO DE ANGOLA	70
6.1. As campanhas de ocupação efectiva	70
6.2. A resistência à ocupação colonial do Sul de Angola	73
6.2.1. Acções de resistência dos Reinos do actual território angolano	73
6.3. O Sistema Colonial em Angola	75
6.3.1. A administração colonial	76
6.3.2. A economia colonial	77

TEMA 7

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

84	84
7.1. O desenvolvimento do nacionalismo	84
7.2. O Nacionalismo Angolano	85
7.2.1. A Luta Armada de Libertação Nacional	90
7.3. O dia 11 de Novembro de 1975	94

Glossário	107
Bibliografia	111







HISTÓRIA

5.^a CLASSE





TEMA 1.

O TEMPO

ESTRUTURA DO TEMA

- 1.1. O tempo na história
- 1.2. A história e a vida das gerações
- 1.3. Como contamos o tempo
- 1.4. Aspectos comparativos da vida da tua geração e da geração dos teus ascendentes mais próximos
 - 1.4.1. A tua geração
 - 1.4.2. A geração dos teus pais
 - 1.4.3. A geração dos a teus vós
 - 1.4.4. A geração dos teus bisavós

O TEMPO

Cada dia que passa, notamos muitas modificações nas pessoas, nas coisas e na própria natureza. Por exemplo, quando tu nasceste eras um bebé, mas agora estás grande. O mesmo acontece com o teu irmãozinho: a cada dia que passa, está mais bonitinho, mais espertinho e deixou de ser o “bebezinho” que chorava quando tinha fome ou sede, ou quando estava molhado. Poderíamos dar-te muito mais exemplos. Todos eles comprovariam que as pessoas, as coisas e a natureza modificam-se à medida que o tempo vai passando.

ESCLARECER

O que é o tempo?

O tempo é meio indefinido e homogéneo no qual se desenrolam os acontecimentos sucessivos.

1.1. O tempo na história

Sabes que os dias, os meses e os anos passam, e que durante esse tempo crescemos e tornamo-nos adultos.

Por isso, com o correr do tempo tudo muda, tudo se modifica. Por exemplo, em Luanda, no lugar onde podes ver hoje a Praça da Independência, estava o primeiro aeródromo de Angola, denominado Emílio de Carvalho, construído em 1918. Com o passar do tempo, foram construídos naquela zona vários edifícios públicos, como escolas, Ministérios (o da Agricultura, o dos Antigos Combatentes, os edifícios da Educação que também albergam Direcções do Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente, assim como o Ministério da Juventude e Desportos e o edifício 1 do Ministério das Relações Exteriores, as sedes da Rádio Nacional e da Televisão Pública de Angola - TPA, assim como o edifício da sede do Partido MPLA, a Direcção dos Serviços de Saúde do Estado Maior General das FAA e o Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros).



Fig. 1. Largo 1º de Maio nos anos 80.



Fig. 2. Praça da Independência (Ex-largo 1º de Maio).

Por que é que esse lugar se chama Praça da Independência?

As pessoas chamam essa zona de Praça da Independência, porque é o local onde foi proclamada a independência de Angola, pelo Dr. António Agostinho Neto, primeiro Presidente de Angola, às zero horas do dia 11 de Novembro de 1975.

A Praça da Independência situa-se no Bairro Maculusso.

Por que é que chamam a esse bairro de Maculusso?



O bairro Maculusso é um dos mais antigos bairros de Luanda que surgiu por consequência do crescimento da cidade, iniciado em 1864, na parte baixa da cidade.

Com efeito, a partir daquele ano, “a pretexto duma epidemia de varíola, “manifestou-se uma tendência que se iria acentuar nos tempos seguintes. Argumentando que a sujidade tinha de ser combatida e que as cubatas eram focos de todas as doenças, a Câmara arrasou o bairro dos Coqueiros (a sua parte coberta a capim, entenda-se) expulsando os seus moradores para as zonas limítrofes da cidade, em particular a Ingombota e o que havia de ser o bairro Maculusso.”¹ Quanto ao nome Maculusso, a planta da cidade de 1862, desenhada por F. Dutra, indica o sítio do Alto das Cruzes como um “velho cemitério para a população negra, donde vai derivar a palavra Maculusso (kimbundização da palavra portuguesa cruces)”².

Um Diário da época diz-nos como era a cidade de Luanda nos anos de 1950: nesse tempo, na cidade de Luanda, já viviam muitos colonos portugueses e podia ser constatada a construção de muitas ruas e avenidas, edifícios, armazéns, hospitais, casas, o porto e o caminho-de-ferro.

“Quando vim morar em Luanda, com os meus pais, em 1926, eu tinha 5 anos. Vivíamos nas barrocas da Maianga. Em 1926, não havia ainda ruas feitas, havia alguns caminhos por onde as pessoas passavam e algumas ruas começaram a fazer-se. As casas eram todas de zinco e de madeira.

O bairro que hoje se chama Maculusso era um antigo cemitério dos africanos (angolanos) que os portugueses partiram e construíram o bairro Maculusso.

Nessa altura não havia carros - os únicos transportes eram as carroças e as tipóias. Eram os angolanos que puxavam as carroças onde andavam os colonos portugueses. Os carros só apareceram mais tarde.

Na parte Central e Norte da cidade de Luanda só havia barrocas e lavras, mas a população era ainda muito escassa. Vi nascer, aos poucos, a cidade. Luanda cresceu muito entre 1945 e 1950. Muitas zonas, bairros (como os bairros da Ingombota e do Maculusso) que hoje têm prédios, hospitais, escolas, ruas e avenidas, nasceram a partir de zonas que não eram habitadas ou onde habitavam poucas pessoas e havia poucas construções.”

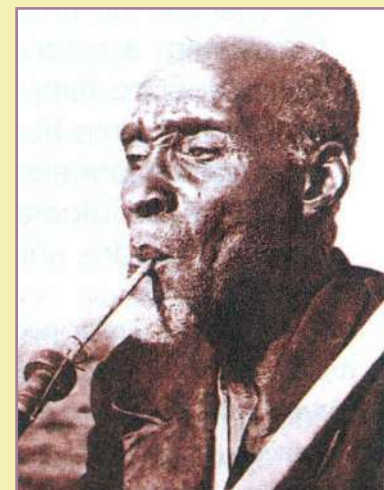


Fig. 3. Um ancião contador de histórias.

Na verdade, “a Segunda Guerra Mundial provocou a subida dos preços do café, que se vai tornar o principal produto de exportação de Angola e o grande factor de crescimento da cidade. Com efeito, o café provocou uma corrida de colonos para o Norte de Angola e a euforia da descoberta do Eldorado africano. Os lucros rápidos adquiridos são em parte reinvestidos em prédios em Luanda (...). Aparece em Luanda o chamado Bairro do Café, acima da Rua Brito Godins (actual avenida Lenine) no que antes era o musseque Braga, construído com o dinheiro proveniente do produto que lhe dá o nome”³.

1) - Pepetela – Luandando – Elf Aquitaine Angola – Porto – 1990

2) - Idem

3) - Ibidem



? VÊ SE SABES...

1. Por que razão o Largo da Independência tem essa denominação? E o bairro do Maculusso?
2. Como era o bairro Maculusso na época retratada na página anterior?
3. Na tua localidade conheces algum lugar que passou por várias modificações? Se sim, conta-nos.

1.2 A história e a vida das gerações

Todos nós temos uma história que pode ser conhecida e contada. Muitas pessoas viveram factos que hoje te podem contar. Os nossos pais, assim como todos os nossos familiares mais velhos do que nós, podem contar-nos como era a vida há alguns anos, por exemplo, a história da vida no tempo colonial. Nesse tempo ainda não tinhas nascido. Era um tempo em que as

crianças angolanas não tinham quase direitos nenhuns: não havia ainda muitas escolas, hospitais e esses serviços não eram acessíveis à maior parte da população.

No tempo colonial, as pessoas começavam a trabalhar enquanto crianças. A vida nesse tempo era muito difícil. Mas hoje, as coisas são diferentes. A tua geração é uma geração muito recente, é composta por todas as crianças com a tua idade ou idade aproximada. E verdade que na tua geração ainda se regista o trabalho infantil, mais já há leis internacionais e nacionais que o proíbem e tem vindo a diminuir.

Mas o que é uma geração?

Uma geração é o conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e têm sensivelmente a mesma idade.

As crianças de uma mesma geração brincam e vestem-se da mesma maneira e frequentam a escola no mesmo período (ao mesmo tempo). Formam a geração mais nova, porque pouco tempo decorreu desde que nasceram. Por isso, cada um de vós tem uma história, ainda pequena que facilmente poderás recordar-te, observando, por exemplo, os brinquedos que já não utilizas, a roupa que já não vestes, as fotografias que tiraste quando eras mais pequeno e quaisquer outros objectos usados anteriormente.

Na figura à tua direita podes ver uma senhora idosa, com rugas e o cabelo branco. Estas são as marcas do tempo que já viveu. Ela nasceu antes de ti, dos teus pais, e provavelmente, até dos teus avós. Pode dizer-se que pertence à geração dos teus bisavós. A essa senhora idosa da fotografia já aconteceram muitas coisas, desde que nasceu até agora. Ela mesma passou por várias modificações. Como ela já viveu muitos anos, sabe muito sobre o tempo passado. Por isso, poderá contar-te muitas coisas interessantes sobre a sua vida, a dos teus pais e até a dos teus avós. Por essa razão se diz que um idoso é uma biblioteca viva.



Fig. 5. Uma senhora idosa.



Fig. 4. Paragem de autocarro da Mutamba nos anos 70.



Tal como a história da senhora idosa da fotografia, **os acontecimentos do nosso país também se sucederam no tempo.**

Muitas pessoas gostariam de conhecer o passado muito distante, de há **centenas ou milhares de anos**, ao longo dos quais se foi desenvolvendo o progresso que hoje permite aos seres humanos viver melhor e confortavelmente.

1.3 Como contamos o tempo

Durante muitos séculos, o dia, as fases da lua e a repartição das estações do ano forneceram ao ser humano referências para a contagem do tempo e situar, neste, alguns dos factos que ocorriam.

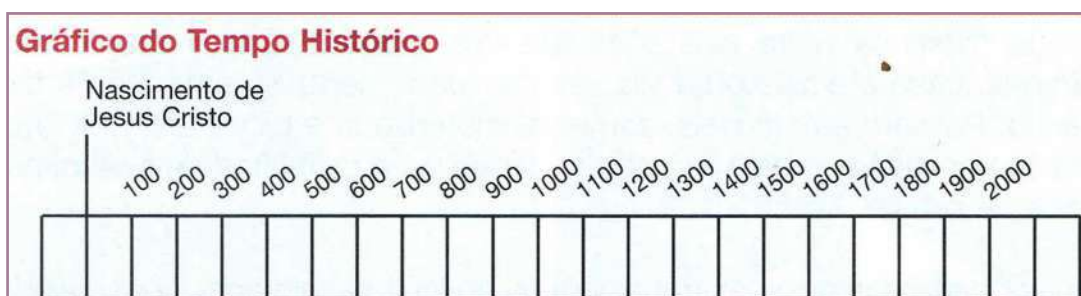
Mas como podemos saber isso?

Para podermos **situar os factos no tempo**, isto é, sabermos quando estes aconteceram, precisamos de **medir o tempo.**

Antigamente, os seres humanos contavam o tempo através de várias observações: o regresso das chuvas, a presença diária do **sol**, a regularidade das **fases da lua e o florescimento das plantas**. Todas estas observações permitiam medir o tempo e **dividir o ano em períodos.**

O dia, as fases da lua e a repartição das estações do ano permitiram, durante muitos séculos, situar no tempo alguns dos factos que aconteciam. Nas sociedades antigas, cada pessoa calculava o tempo da sua família a partir de si próprio. Este cálculo era fácil para a geração dos teus pais, mas para a geração dos teus avós já era mais difícil.

Todas estas contagens e medições do tempo têm o seu valor e algumas ainda são utilizadas nos nossos dias em certas sociedades. Porém, como esses processos são pouco rigorosos, a maior parte dos povos tem como ponto de referência o **nascimento de Jesus Cristo**. A partir daí, datamos os acontecimentos dizendo se ocorreram antes de Cristo ou depois de Cristo e há quantos anos ou há quantos séculos. Entretanto, há povos que fazem a contagem do tempo de forma diferente, em função das suas culturas.



Vocabulário

Eldorado: Característica do lugar que é cheio e dotado de riquezas.



1.4 Aspectos comparativos da vida da tua geração e da geração dos teus ascendentes mais próximos

Dentro da linhagem de ascendentes e de descendentes de uma pessoa, uma geração é o conjunto de pessoas da mesma época, com, mais ou menos, a mesma idade. Por isso, podemos falar, por exemplo, da geração dos filhos, dos pais, dos avós ou dos bisavós e por aí em diante. A tua geração é a mais recente, e é composta por todas as crianças com a tua idade ou idade aproximada. Todas as crianças da tua geração são consideradas contemporâneas.



Fig. 6. Crianças da tua geração.

1.4.1 A tua geração

Se vives numa cidade, podes observar que circulam viaturas, autocarros e motocicletas a todo o instante. O trânsito é muito intenso, e em alguns cruzamentos é regulado por sinais luminosos automáticos, que são os semáforos.

Para irem à escola, as crianças são acompanhadas pelos pais ou por pessoas mais velhas (avós, tios, irmãos, primos), para poderem atravessar as ruas com segurança e serem protegidas de malfeitores.

Algumas pessoas vivem em edifícios, alguns deles com muitos andares. A maior parte das pessoas tem televisores na sua residência e acompanha os acontecimentos tanto do país como do mundo.

A maior parte das pessoas trabalha na função pública, nas fábricas e nas empresas do Estado ou de privados.

Se vives numa aldeia ou numa vila, podes observar que existe uma grande diferença entre estas e as grandes cidades. O movimento nas estradas, caso a aldeia ou a vila esteja situada perto de uma via principal, não é tão intenso quanto o das grandes cidades, embora também passem viaturas, camiões, motorizadas e bicicletas. Normalmente, as pessoas escutam as notícias, a música e os relatos de futebol em rádios de pilhas ou de placas solares, cuja energia é denominada “limpa”.

A maior parte das pessoas trabalha na agricultura, com ajuda de tractores ou charruas puxadas por bois, e na criação de gado.

Todas estas melhorias que vives na tua época são devido ao fim da guerra civil e ao estabelecimento da paz. É, igualmente, um período de reencontro, de reorganização do país, de reconstrução das suas infraestruturas, de balanço, de aprendizagem, de esperança e de planificação do futuro.



1.4.2. A geração dos teus pais

Quando os teus pais nasceram, há mais ou menos quarenta anos, a vida era diferente.

Na maior parte das cidades do nosso país, havia uma densidade populacional baixa, viam-se poucas viaturas, autocarros e motociclos, havia poucos sinais luminosos ou semáforos automatizados. Na ausência de sinais luminosos, os agentes reguladores de trânsito é que desempenhavam este papel, a partir de uma peanha. Eles esmeravam-se muito. Como sabes, até aos dias de hoje, ainda temos zonas em que os reguladores de trânsito desempenham este papel.

Naquela época, a agricultura já era mecanizada, mas as máquinas de hoje são tecnologicamente mais avançadas.



Fig. 7. A baía de Luanda na década de 1970.

Na época dos teus pais, período pós-independência, a vida era diferente. Foi igualmente um período de euforia, de esperança e do auge da *geração* que empreendeu a luta política e armada contra a política colonial, e que assumiu a missão de construção de uma sociedade próspera e desenvolvida. Porém, estes planos foram todos colocados em causa com o início da guerra civil que conduziu o país a uma situação difícil, tendo chegado ao fim em 2002 com a conquista da paz.



Fig. 8. Alunos de uma escola missionária, em Angola.



Fig.9. Viaturas da década de 70 na cidade de Luanda.

1.4.3. A geração dos teus avós

Há 60 anos, na época dos teus avós, a forma de viver era diferente da época dos teus pais.

Na época dos teus avós, havia edifícios, mas parte da população vivia em bairros de casas modestas. Havia automóveis de serviço de táxi e particular, os autocarros e os comboios eram os meios de transportes públicos e, no caso dos comboios, também como transportes de carga. As estradas eram asfaltadas e de terra batida, havia os caminhos-de-ferro de Luanda, de Benguela e de Moçâmedes que facilitavam a mobilidade da população e o comércio. As pontes eram feitas de betão, de metal ou de tronco de árvores em função do desenvolvimento das localidades.





Fig. 10. Tripulação de um Vão da DTA - Direcção dos Transportes Aéreos - 1970.



Fig. 11. Convívio da geração dos avós.

A época dos teus avós corresponde ao período de alteração da política colonial portuguesa, ou seja, ao início da Luta Armada de Libertação Nacional. Foi neste período que se registou a criação dos Estudos Gerais Universitários (1962), o projecto Levar a Escola à Sanzala, bem como a Reforma do Ensino Primário (1964) e importantes transformações na economia angolana.



Fig. 12. Operários a trabalharem numa fábrica de sacaria.



Fig. 13. Posto Administrativo nos anos 70.

1.4.4. A geração dos teus bisavós

Há oitenta anos, na época dos teus bisavós, a forma de viver era ainda mais diferente da época actual.

Os teus bisavós viveram o período colonial, durante o qual poucos angolanos tinham acesso à escola.

O governo colonial mandava recrutar homens e mulheres para trabalhar na construção de estradas, edifícios, pontes, linhas férreas, aeródromos, nas culturas de algodão, sisal, café e outros para trabalhar nas fábricas a troco de salários mais baixos do que o daqueles operários provenientes da metrópole ou de outras colónias portuguesas. Em relação aos funcionários públicos, dificilmente o natural da então Província de Angola ascendia a um cargo de chefia, porque a organização do Sistema Colonial impedia a sua promoção.



Fig. 14. Trabalhadores forçados ao contrato em São Tomé.



Fig. 15. Casa de fazendeiro, numa fazenda de colonos em Angola.

Nas aldeias, os colonialistas mandavam prender todas as pessoas que se recusavam ao trabalho forçado. Se fugissem, quando fossem apanhadas, batiam nelas e prendiam-nas.

Os colonialistas pagavam aos trabalhadores 50 angolares por mês. Trabalhava-se desde as 6 horas da manhã até ao meio dia, parava-se duas horas e continuava-se a trabalhar até às 6 horas da tarde. Muitas vezes, toda a família, filhos e pais, trabalhava na mesma companhia. Mas, às vezes só ia o pai, e os filhos e as mulheres ficavam para trabalhar nas lavras familiares, onde pouco podiam fazer. O pouco que eles produziam só dava para a alimentação da família.



Fig. 16. Caderneta indígena da era colonial.

Na década de 1940, no tempo das colheitas, o administrador mandava sacos vazios aos cipaio que, por sua vez, entregavam-nos às famílias de casa em casa, e exigiam a quantidade de alimentos que cada uma devia dar.



Fig. 17. Imagem do tempo dos bisavós, num campo agrícola de cana de açúcar.



Para quem trabalhava nas fábricas, a vida também era muito difícil. Os operários angolanos recebiam salários mais baixos do que os operários portugueses, mesmo quando faziam as mesmas tarefas.

Observa o seguinte quadro retirado do livro “Leitura por Moçambique”, escrito por Eduardo Mondlane e publicado em 1969.

Operários	Salário por dia
Branco sem qualificação	100 000 angolares
Mestiço sem qualificação	70 angolares
Africano sem qualificação	50 angolares

A situação dos trabalhadores africanos era igual em todas as colónias portuguesas.

Nas cidades e nas povoações, muitos angolanos trabalhavam como criados.

Esta situação retardou o desenvolvimento de Angola, enquanto outros países se dedicavam à ciência e faziam descobertas para o desenvolvimento da humanidade, o que fez com que essa época fosse marcada, ao nível do mundo, por conquistas do ser humano.

Certamente, já percebeste que foi a partir da geração dos teus bisavós que nasceu parte daquilo que se considera o mundo moderno em Angola.

TEMA 2.

A VIDA NO PASSADO E NO PRESENTE

ESTRUTURA DO TEMA

- 2.1. A habitação
- 2.2. A alimentação
- 2.3. O vestuário
- 2.4. As comunicações
- 2.5. As vias de comunicação
- 2.6. Os transportes
- 2.7. A cultura e o desporto

A VIDA NO PASSADO E NO PRESENTE

Observa as gravuras seguintes:



Fig. 1. Cavernas: as primeiras habitações humanas.

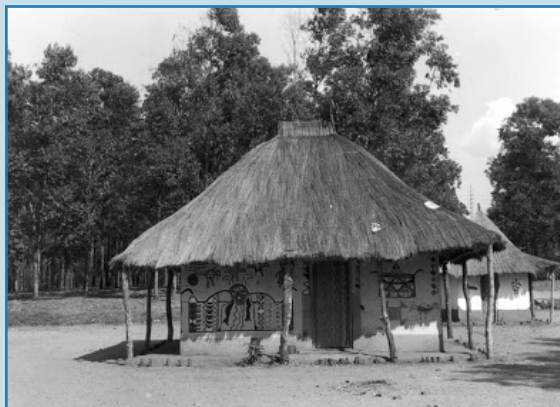


Fig. 2. Casa feita de paus e coberta a capim.

2.1. A habitação

Como podes observar nas imagens acima, existem vários tipos de habitação no nosso país, e os materiais utilizados na sua construção variam segundo a região e as condições existentes.

Desde os tempos mais remotos, o ser humano teve sempre a necessidade de procurar abrigo para se proteger do frio, do vento, da chuva, dos animais ferozes e para descansar.

As primeiras habitações do ser humano foram as grutas, as cavernas, os abrigos cavados nas rochas e os troncos de árvores cruzados. Havia até quem passasse as noites empoleirado nas árvores para se proteger de animais ferozes. Depois, começaram a ser construídas cabanas de troncos de árvores e folhas. Com o tempo, estes abrigos foram melhorados, tornando-se mais seguros e confortáveis, pois os materiais de construção utilizados também passaram a ser mais resistentes e a vida sedentária passou a promover mais comodidade .



Fig. 3. Casa de pau-a-pique.



Fig. 4. Casa de madeira.



Fig. 5. Casa de tijolos.



Fig. 6. Casa de blocos.



Fig. 7. Edifício de betão e de aço.

? VÊ SE SABES...

1. Vives na mesma localidade e na mesma casa onde nasceste?
2. Que materiais foram utilizados na construção da tua casa?
3. Além desses materiais, existem outros na tua localidade?
4. Que modificações se verificaram na tua localidade nestes últimos anos?

Repara que não foi só a tua rua, bairro, aldeia, comuna ou município que sofreu alterações, mas também outras localidades se modificaram no decorrer dos anos. Pequenas vilas tornaram-se grandes cidades, outras tornaram-se grandes centros industriais. Hoje, nas cidades do nosso país (como Luanda, Benguela, Huambo, Huíla e muitas outras) encontramos grandes prédios e vivendas luxuosas. Nas zonas rurais ainda existem casas de adobe, de pau-a-pique e de capim.

Nas figuras seguintes, podes ver como uma cidade pode mudar muito com o passar do tempo.

Como vês, no dia-a-dia, verificam-se modificações no meio em que vivemos. O ser humano procura melhorar cada vez mais as suas **condições de vida** através do **trabalho**.



Fig. 8. A cidade de Luanda no século XIX.



Fig. 9. Nova vista da cidade de Luanda, no século actual.

2.2. A alimentação

Nos primeiros tempos da sua existência, o ser humano vivia da **recollecção de frutos silvestres**, da **caça** e da **pesca**. A carne e o peixe eram consumidos crus, pois não conhecia ainda o fogo. Os primeiros humanos eram **nómadas**, isto é, andavam de lugar em lugar à procura de alimentos e de melhores condições de vida. Mais tarde tornaram-se sedentários, e começaram a viver em grupos, criando uma melhor organização através da divisão social do trabalho.

Para caçarem ou para se defenderem dos animais ferozes, os seres humanos criaram **instrumentos** que os ajudavam nas suas tarefas.

Os primeiros instrumentos fabricados por eles eram de pedra, de ossos de animais ou de madeira. Os objectos de pedra e de ossos de animais estavam munidos de um cabo de madeira, preso por fibras vegetais ou por peles de animais.



Fig. 10. Exemplos dos primeiros tipos de instrumentos fabricados pelos humanos antigos.

Com o decorrer do tempo, descobriram o **fogo** e passaram a utilizá-lo para preparar os alimentos que até aí eram comidos crus. Com o fogo, afugentavam também as feras, aqueciam e iluminavam as cavernas e as grutas, bem como endureciam as pontas de paus para caçar e escavar o solo. Inicialmente, o fogo era produzido pela fricção de duas pedras e conservado com muito cuidado para que não se apagasse, pois era muito difícil produzi-lo.

O fogo foi uma das maiores descobertas do ser humano e de grande utilidade para a vida dos mesmos, o que provocava guerras entre tribos ou povos naquela altura, pelo facto de muitos deles não saberem produzi-lo.



Fig. 11. Produção do fogo pelos humanos primitivos. Fig. 12. A utilização do fogo numa caverna.

A descoberta do **fogo** e a utilização de metais, principalmente do ferro, trouxeram profundas mudanças à vida do ser humano. Ele aprendeu a transformar o minério em instrumentos para o **trabalho** (foices, enxadadas, entre outros) e para a **guerra** (arcos, flechas, lanças, entre outros).

Estes instrumentos permitiram trabalhar melhor a terra e aumentar a produção.

O **aumento da produção** levou também ao **aumento da população** e, consequentemente, ao aumento da procura de novas terras para satisfazer as necessidades cada vez mais crescentes da população, principalmente de alimentos.

A prática da agricultura e a criação de animais domésticos permitiram aumentar a diversidade de alimentos para o ser humano.



Fig. 13. Instrumentos em metal usados pelos homens primitivos.



Fig. 14. Representação da prática da agricultura de forma rudimentar.

Esta situação provocou grandes **deslocações de populações**: uns partiam em busca de lugares com rios e terras aráveis para a prática da agricultura, outros em busca de lugares propícios para a caça e para o pasto. Foi o que aconteceu com o **povo Bantu**, cujo processo de migração (emigração e imigração) estudaremos mais adiante.

2.3. O vestuário

Desde os tempos muito remotos, o ser humano começou a utilizar o vestuário para cobrir o seu corpo. No entanto, o vestuário era muito rudimentar. Usavam folhas de árvores, peles de animais selvagens e cascas de árvores fibrosas para cobrir as partes essenciais do corpo, como se pode ver nas Fig. 15 e 16.

Com o passar do tempo, o ser humano começou a vestir-se de maneira diferente, de maneira moderna, mas ainda hoje podemos encontrar, em algumas regiões do nosso país, comunidades que se vestem de maneira tradicional.

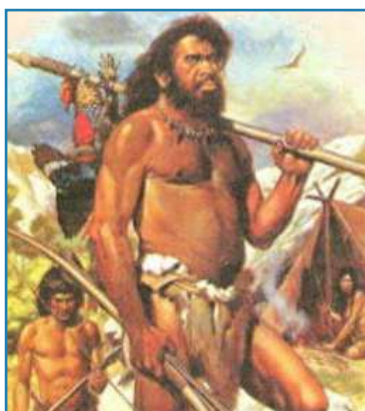


Fig. 15. Vestuário primitivo de peles de animais.



Fig. 16. Saia de fibras vegetais.



Fig. 17. Trajes tradicionais usados pelos Khoisan.



Fig. 18. Trajes tradicionais usados por Mucubais e Vátuas.



Fig. 19. Moda com tecido do Cunene.

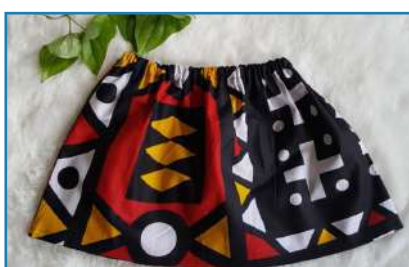


Fig. 20. Saia feita com tecido samakaka.



Fig. 21. Vestuário moderno, composto por camisa, casaco, gravata, lapela e alfinete.

2.4. As comunicações

Desde os primeiros tempos da sua existência, o ser humano sentiu necessidade de se comunicar com outras pessoas e com as demais comunidades. Mas, nem sempre teve grande diversidade de meios de comunicação, comparativamente aos existentes actualmente. Hoje, os meios de comunicação são diversificados e estão ao alcance de todos.

Numa primeira fase, transmittiam mensagens a curta distância através de sinais gestuais e da língua própria do grupo em que se estava inserido.

A comunicação a longa distância era feita através de batimentos de tambores, instrumentos de sopro, sinais de fumo e de tochas acesas em lugares elevados. Só mais tarde apareceram os telégrafos, em 1835, e os telefones, em 1876. Alguns dos meios de comunicação da antiguidade ainda são utilizados em muitos países do continente africano, americano, asiático e europeu.



Fig. 22. Tambor usado como meio comunicação entre diferentes aldeias.

Outra forma utilizada pelo ser humano para a comunicação a longa distância foi o envio de mensageiros (portadores de mensagens). Estes levavam notícias, ordens e recados, deslocando-se a pé, a camelo, a cavalo ou de burro. Depois da invenção da escrita, os seres humanos passaram a utilizá-la para o envio de cartas, o que veio a melhorar o estabelecimento da comunicação entre os povos.

Durante milénios a escrita restringia-se a modos de réplica muito limitados, como as tabuinhas com escrita cuneiforme dos povos sumérios, os papiros egípcios, os ideogramas chineses, entre outras variadas formas de reprodução, cujo acesso era restrito a pequenos grupos de pessoas, geralmente escribas. Um avanço notável nas comunicações da humanidade e que provocou uma verdadeira revolução no domínio da escrita e da leitura ocorreu com a invenção da **imprensa**, isto é, da máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão **Johann Gutenberg**, no século XV. O primeiro incunábulo impresso (assim se designam os primeiros livros impressos) é a **Bíblia de Gutenberg** (também conhecida



Fig. 23. A Bíblia de Johann Gutenberg.

como **Bíblia de Mazari** ou **Bíblia de 42 linhas**). A produção da Bíblia começou em 1450, tendo Gutenberg usado uma prensa de tipos móveis. Calcula-se que tenha terminado em 1455. Essa Bíblia é considerada o incunábulo mais importante, pois marca o início da produção em massa de livros no Ocidente. Uma cópia completa desta Bíblia possui 1282 páginas, com texto em duas colunas; a maioria era encadernada em dois volumes.

No nosso país, a imprensa começa a ser montada em 1836, para responder a uma orientação da Rainha Dona Maria II. No que no seu Decreto Régio, de 7 de Dezembro, a Rainha exigia que cada Governador-Geral tivesse um Boletim no qual se publicassem os vários documentos: as Ordens, as Peças Oficiais, os Extractos dos Decretos Regulamentares, as notícias marítimas, os preços correntes e outros assuntos que fossem do interesse público.

Com efeito, a imprensa viria a nascer em Angola a 13 de Setembro de 1845, com a publicação do primeiro jornal, denominado “Imprensa Oficial”. Esta folha oficial corresponde ao actual Diário da Republica.



Fig. 24. Tipografia de Johann Gutenberg (1450).



Fig. 25. Boletim Oficial de Angola, I Série N.º 22.



Fig. 26. Imagem de máquinas no interior da Imprensa Nacional de Angola.

? **SABIAS QUE...**

- A primeira forma de escrita foi a hieroglífica?
- O primeiro livro a ser impresso foi a Bíblia? E que a sua impressão durou cerca de 5 anos?
- A Imprensa Nacional de Angola foi criada em 1845?

Actualmente temos meios mais rápidos, mais exactos e sofisticados que permitem emitir e receber mensagens num curto espaço de tempo.

Os meios de comunicação mais utilizados nos dias de hoje:

- Para transmitir a palavra escrita:



Fig. 27. Correio electrónico.



Fig. 28. Correio.



Fig. 29. Jornal.

- Para transmitir o som:



Fig. 30. Telefone.



Fig. 31. Rádio.



Fig. .32. Telégrafo / Telefax.

- Para transmitir imagens e som:



Fig. 33. Internet.



Fig. 34. Televisão.



Fig. 35. Cinema.



Fig. 36. Computador.



Fig. 37. Smartphone.



Fig. 38. Tablet.

2.5 As vias de comunicação



Fig. 39. Uma picada em Angola.



Fig. 40. Pescadores com canoa no rio Cuanza.

As vias de comunicação sempre foram importantes na vida dos seres humanos. Os primeiros seres humanos deslocavam-se a pé, percorrendo picadas à procura de alimentos para a sua sobrevivência. Caminhavam orientando-se pelo sol, pela lua e pelas estrelas, o que lhes permitia deslocar-se de um lugar para o outro. Foi assim que, com a frequência da utilização de alguns caminhos, foram-se abrindo as vias de comunicação.

Ainda hoje, nas zonas menos povoadas e, conseqüentemente, com pouca circulação, existem caminhos, picadas e carreiros (vias de comunicação terrestre).

Além das vias de comunicação terrestres, o ser humano também utilizou as vias de comunicação **marítima, aérea e fluvial**. Fabricavam canoas e jangadas, com troncos de árvore de grande dimensão, com as quais navegavam nos mares, nos **rios** e nas **lagoas**. Nos dias de hoje, a canoa ainda perdura como meio de transporte.

Quando os portugueses ocuparam Angola, sentiram a necessidade de melhorar as vias de comunicação. Por isso começaram a construir **estradas**, que no princípio eram de terra batida. Mais tarde, as estradas começaram a ser asfaltadas, trabalho esse que era realizado pelos nossos antepassados que desbravavam as matas, carregavam as pedras e demais materiais necessários à asfaltagem das vias.

O primeiro aeródromo de Angola foi construído em 1918, e o primeiro aeroporto em 1954 que se denominou, até 1966, “Aeroporto Presidente Craveiro Lopes”.

No período colonial existia um organismo responsável pela construção das estradas de Angola que se chamava **Junta Autónoma das Estradas de Angola (JAEA)**, criada em 1960. Neste organismo trabalhavam muitos angolanos como contratados.

Depois da independência, os angolanos continuaram a utilizar todos esses espaços terrestres, fluviais, marítimos e aéreos como vias de comunicação.

Durante o conflito armado, as vias terrestres ficaram muito destruídas. Para melhorar as ligações entre as províncias, municípios e comunas, o Governo de Angola criou, em Novembro de 1990, o **Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA)** que participa na reconstrução e desenvolvimento do país e desempenha um importante papel na construção das vias de comunicação terrestre.



Fig. 41. Uma estrada de terra batida em Angola.



Fig. 42. Troço do Rio Cuanza na região do Dondo.

Actualmente, o Instituto Nacional de Estradas de Angola tem sob seu controlo a rede das estradas de todo o país. Uma das apostas do Instituto é a melhoria da qualidade dos serviços de construção das estradas.



Fig. 43. Estrada asfaltada no Mungo.



Fig. 44. Construção da estrada do Nóqui.



Fig. 45. Um rio e as suas margens: espaço fluvial.



Fig. 46. O Oceano Atlântico: espaço marítimo.



Fig. 47. O céu: espaço aéreo.

As vias de comunicação existentes em Angola ligam o nosso país, por via terrestre, aos países vizinhos: a República Democrática do Congo, a República do Congo, a República da Zâmbia e a República da Namíbia. Para além da República de Angola estar ligada aos países vizinhos por via terrestre, também está ligada por via fluvial, marítima e por via aérea. Para os casos de distâncias maiores, o nosso país liga-se aos demais por via marítima e, ou, aérea.

Em qualquer parte do mundo, as vias de comunicação sempre tiveram uma grande importância no desenvolvimento de um país e de uma determinada região. A criação de vias de comunicação promove o surgimento de centros urbanos, centros industriais e agrícolas, permitindo a ligação dos diferentes pontos do país. Facilita a deslocação das populações, o escoamento dos produtos agrícolas, entre outros.

Entre as vias de comunicação existentes, as que mais contribuem para o desenvolvimento de um país são as estradas e os caminhos-de-ferro. Entretanto, há países que, em função da sua localização geográfica, usam mais as vias de comunicação marítima e aérea para o seu desenvolvimento.

Em Angola, por causa da dependência constante de importação de produtos diversos, as vias de comunicação que mais contribuem para o desenvolvimento são as vias marítima e aérea. Para além dessas vias, o Caminho-de-Ferro de Luanda, o Caminho-de-Ferro de Benguela e o Caminho-de-Ferro de Moçâmedes também contribuem para esse desenvolvimento.



Fig. 48. Um comboio no Caminho-de-Ferro de Benguela.



Fig. 49. Descarga de contentores de um navio no Porto de Luanda.

2.6 Os transportes

Os transportes terrestres

O ser humano sempre teve necessidade de se deslocar de um sítio para outro de uma forma cada vez mais rápida e transportar cargas cada vez mais pesadas. Tudo isso se tornou mais fácil a partir do momento em que se registaram duas descobertas importantes: a domesticação dos animais e a invenção da roda.

Antes destas descobertas, o ser humano tinha de se deslocar a pé e transportar as suas cargas à cabeça, às costas ou aos ombros. Os chefes eram transportados em tipóias, carregadas por escravos ou por carregadores forçados a realizar esse trabalho.



Fig. 50. Pessoa transportada em tipóia.



Fig. 51. Uma zorra com carga.



Fig. 52. Um autocarro para o transporte de pessoas.



Fig. 53. Um camião para o transporte de carga.

Depois da domesticação dos animais, o ser humano começou a utilizar a força do boi, do burro, do cavalo ou do camelo para transportar produtos e pessoas. Assim surgiu a “zorra”.

Com o passar do tempo, o ser humano foi melhorando os sistemas de transporte. Em certas regiões, as pessoas começaram a colocar cargas sobre pranchas de madeira e troncos de árvore. Dessa forma, a transportação de produtos era mais rápida e mais fácil.

A roda foi inventada quando se fez a ligação de dois pedaços circulares de madeira através de um eixo do mesmo material. Posteriormente, surgiram os carros puxados por bois, burros ou cavalos.



Fig. 54. Um carro puxado a cavalo.

Mais tarde, com o surgimento da **máquina a vapor**, apareceram os primeiros comboios a rolar sobre os carris. Em Angola, o primeiro trecho de ferrovia, que tinha o nome de “Caminho-de-Ferro-de-Benguela - Catumbela”, foi aberto no ano de 1883, numa extensão de 23 Km, servindo de ligação entre Catumbela e Benguela, às expensas do próprio Estado português. Entretanto, a **operação comercial** do primeiro comboio deu-se no ano de **1899, pelo Caminho-Ferro-de-Luanda**. Este último foi construído pela Companhia do Caminho de Ferro de Através de África, com início em 1886; em 1889 foram abertos os primeiros 60 Km e dez anos depois, em 1899, o trajecto ficou concluído.

Finalmente, a invenção do motor de explosão permitiu o fabrico de automóveis, de camiões, de tractores e outros. Os comboios também evoluíram, surgindo as locomotivas à óleo e as locomotivas eléctricas.



Fig. 55. Um comboio a vapor.



Fig. 56. Um comboio a óleo.



Fig. 57. Um comboio eléctrico.

Os transportes marítimos e fluviais

À semelhança da invenção das vias de comunicação terrestre, os transportes marítimos e fluviais surgiram devido à necessidade de o ser humano se deslocar de um local para o outro ou de uma margem para a outra.

Num primeiro momento, o ser humano utilizava troncos das árvores escavados. Posteriormente, para obter mais estabilidade, ligou vários troncos e construiu a **jangada**. Com o passar do tempo, o ser humano foi melhorando as embarcações, surgindo, assim, os barcos à vela, a remo e motorizados, a fim de poder transportar grande quantidade de pessoas e de mercadoria.

Nos dias de hoje, em algumas localidades do nosso país, ainda se usam canoas e jangadas. Entretanto, as embarcações que predominam, tanto de pequeno, de médio ou de grande porte, são as de motores a óleo que são mais rápidas e económicas.



Fig. 58. Uma canoa.



Fig. 59. Uma jangada.



Fig. 60. Um veleiro do final dos anos 1800.



Fig. 61. Um navio moderno de passageiros.

Os transportes aéreos

O desejo de voar esteve sempre presente na vida do ser humano desde o dia em que passou a observar o voo dos pássaros e de outros animais voadores. Alguns até tentaram voar imitando pássaros: usar um par de asas (que não passavam de um esqueleto de madeira e penas, colocando-os nos braços). Porém, o feito só foi atingido vários anos depois.

Entre os primeiros registos sobre a tentativa do ser humano construir um instrumento de madeira com o formato de um pombo, temos o do estudioso da Grécia antiga, de nome Archytas, há 400 anos a.C. Acredita-se que tal pombo usava um jacto de ar para alcançar voo.

Depois de várias tentativas e de vários insucessos, foi somente no século XIX, em 1852, que o primeiro dirigível foi inventado.

Mais tarde, aperfeiçoadas as tecnologias, foi inventado o avião, em **1906**, pelo brasileiro Alberto dos Santos Dumont, e o primeiro helicóptero, realmente funcional, em **1938**, pelo alemão Anton Flettner. Graças a uma série de outras invenções que permitiram aumentar a rapidez, o conforto e a segurança, já há aviões que são capazes de se deslocar verticalmente e outros com capacidade para transportar centenas de passageiros a velocidades supersónicas, cruzando os ares dos continentes e dos oceanos.

Assim, com a descoberta das novas tecnologias, o sonho do ser humano de ir sempre cada vez mais longe tornou-se uma realidade.



Fig. 62. Um dirigível.



Fig. 63. Um avião de passageiros.



Fig. 64. Uma nave espacial americana.

2.7. A cultura e o desporto

A cultura é um conjunto de conhecimentos, hábitos, crenças e tradições que se tornam característica de um determinado grupo, seja ele familiar, social, étnico ou religioso.

A cultura angolana contribuiu para a resistência contra a ocupação colonial. Através da cultura, os angolanos criaram, de forma clandestina, vários movimentos de contestação contra o regime colonial implantado pelos portugueses.

Com as mudanças na sociedade e na política, uma parte da população passou a viver e a conviver com o poder colonial nos musseques, à volta das cidades e ao redor delas, onde as manifestações culturais baseadas nos hábitos e costumes dos povos da terra não eram consideradas e aceites pelo regime colonial.

O aparecimento do músico Liceu Vieira Dias e dos N'gola Ritmos, em 1947, trouxe novas oportunidades para a afirmação da música popular urbana. O mérito reside no facto de os N'gola Ritmos aprimorarem algumas canções populares para as tornar mais atractivas, o que agradava a burguesia colonial.

Em 1957, as jovens Lurdes Van-Dunem, Belita Palma e Conceição Legot formaram o primeiro trio feminino, enquanto que Garda e seu conjunto gravaram o primeiro disco comercial em Angola.



Fig. 65. Conjunto N'gola Ritmos.

Na década de 60, os músicos posicionam-se politicamente e denunciam as injustiças do sistema da época. Essa foi uma década próspera em manifestações artísticas, considerando que surgiram vários grupos de teatro, de dança e de música que dissimulavam mensagens políticas nas suas obras. A música desse período visava despertar a consciência para ideias de liberdade e desenvolver o sentimento do nacionalismo. Afirmaram-se importantes músicos nesse período, dos quais podemos apontar Liceu Vieira Dias, Amadeu Amorim, Elias diá Kimuezu, Belita Palma, Urbano de Castro, Luís visconde, Carlos Lamarine e os conjuntos N'gola Ritmos, Nzaji, Ngongo e tantos outros. A maior parte dos cantores das épocas anteriores e desta época cantava nas línguas portuguesa e kimbundu.

Os ideais de liberdade e de independência foram ampliados e os músicos tornaram-se interventivos na difusão da mensagem de esperança e alento junto às populações, mobilizando-as em prol da luta pela independência, tal como estudaste. Dentre os mesmos, destacam-se David Zé, Urbano de Castro, Bonga, Teta Lando, Calabeto, Santocas, Mirol e tantos outros.

A conquista da independência permitiu que os angolanos divulgassem os seus **valores culturais** através do Jornal de Angola (JA), da Rádio Nacional de Angola (RNA), da Televisão Popular de Angola (TPA), actualmente Televisão Pública de Angola, assim como através da participação em eventos regionais, continentais e mundiais.



Fig. 66. Músico Elias diá Kimuezu.

Em 1978 os angolanos organizaram a primeira manifestação popular do período pós independência, o denominado “Carnaval da Vitória”, para celebrar as conquistas da independência e a expulsão do exército racista sul-africano que havia invadido o país e ocupado parte significativa da província do Cunene. De 1978 a 1993, o Carnaval da Vitória passou a ser celebrado em data fixa, no dia 27 de Março. A partir de 1994, a data da celebração do carnaval passou a ser definida pelo calendário litúrgico.

A década de 1980 foi bastante produtiva em termos artísticos. Dos conjuntos musicais ou bandas que mais se destacaram, nesse período, apontam-se os Kiezos, os Jovens do Prenda, os Merengues e a banda **S.O.S.** Nessa época, surgem novos músicos e novos ritmos musicais e começa a afirmação do género musical “Kizomba”, tendo como precursor o músico Eduardo Paím.

A dança, representada em várias formas de manifestação, como a Kabetula, a Mاسemba, a Rebita, a Kazukuta, o Semba e outras, levou à distinção de um dos valerosos grupos angolanos a nível internacional, o Ballet Tradicional **Kilandukilu**, que granjeou qualificações meritórias em numerosos concursos.



Fig. 67. O pensador, um dos símbolos da cultura angolana.



Fig. 68. Uma exibição do Ballet Tradicional Kilandukilu.

Na década de 1990, a música popular expandiu-se, modernizou-se e tornou-se mais competitiva, com a afirmação e popularização do estilo “RaP” e do estilo musical “Kuduro”.

No domínio da literatura, os escritores angolanos também foram agraciados com diversos prémios internacionais que distinguiram as suas obras. O nome de Agostinho Neto é tradicionalmente citado como exemplo, destacando-se o seu livro “Sagrada Esperança”. Angola também produziu outros importantes escritores de elevada qualidade, entre eles Pepetela, Luandino Vieira e Viriato da Cruz. A União dos Escritores Angolanos foi uma importante associação entre os anos 70 e 80, pois contribuiu para o surgimento de vários novos autores a editar os seus livros.

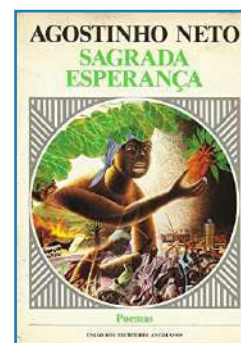


Fig. 69. Capa da edição ilustrada do livro Sagrada Esperança, de Agostinho Neto.

No domínio das artes plásticas, Angola surpreendeu o mundo com a conquista do prémio Leão de Ouro na Bienal de Veneza, em 2013, com o projecto “Luanda, Cidade Enciclopédica”, tendo como foco, para além de obras de pintura, um conjunto de quadros fotográficos.

A gastronomia

Assim como ocorre em outros países, a gastronomia de Angola contou com a influência da culinária europeia (portuguesa), africana (cabo-verdiana), sul-americana (brasileira) e tantas outras, como resultado do contacto entre povos.

Dentre os ingredientes mais presentes na culinária do nosso país estão o milho, a mandioca, a batata doce, o feijão, a banana, a soja, o peixe, entre outros. Além da sua culinária, o país possui uma grande variedade de frutos, dentre os quais se destaca a múcua, a melancia, o loengo, a laranja, a manga, a papaia e o abacaxi.



Fig. 70. Mufete.

Fig. 71. Calulú.

Fig. 72. Funje de bombó.

Fig. 73. Funje de milho.

Fig. 74. Quizaca.

O mufete, o funje, a quiquanga e o massango fazem parte dos pratos típicos de Angola. O funje, em função das regiões, a sua denominação varia, assim como o seu ingrediente de base, que pode ser fuba de milho, de bombó, de massango ou de batata doce, sendo o mesmo comido com molhos, também chamados conduto, de peixe fresco, seco ou defumado, carne de caça (fresca, seca ou defumada), cabidela de galinha, a ginguanga, sarrabulho e outras carnes e peixes, sendo acompanhados de quizaca, quiabos, maiungo, lombi, mafuma e outros, que podem ser incluídos na preparação do próprio molho, como é o caso, por exemplo, da muteta ou pevide.

O caril, a feijoada, a caldeirada, a cachupa entre outros também são pratos muito comuns. Entretanto, há pratos que são confeccionados em cerimónias específicas, como são os casos da cangica e do matete que são consumidos em cerimónias fúnebres, nas quais, entretanto, não se consome carne.

O desporto

No domínio desportivo, a modalidade mais praticada em Angola é o futebol, seguido do basquetebol, do andebol e do hóquei em patins. Em 1954, Angola tinha uma segunda divisão de futebol composta por oito clubes: o Grupo Desportivo Os Malhães, FC Vila Clotilde, Atlético Sport Aviação (ASA), Grupo Desportivo Vasco da Gama, Desportivo União de São Paulo, Club Sport Marítimo de Luanda, São Paulo FC e o Ferroviário.

Nesse mesmo ano faziam parte da primeira divisão o FC de Luanda, o Sport Luanda e Benfica, o Sporting Clube de Luanda, o Clube Ferroviário de Angola e o Clube Atlético de Luanda. Além dos campeonatos oficiais de futebol, nos musseques de Angola, particularmente em Luanda, o futebol constituía uma paixão extraordinária, onde se viu



Fig. 75. Atlético Sport Aviação (ASA).

brilhar jogadores de renome como Areias, Domingos Inguila, Joaquim Dinis (Brinca N'Areia), Chico Ventura, Kiferro e outros.

Após a independência nacional, alcançada a 11 de Novembro de 1975, Angola obteve resultados que surpreenderam a comunidade internacional. Desse modo, os angolanos participaram em competições africanas e mundiais, levando os símbolos do país além-fronteiras. Foi assim que Angola se tornou onze vezes campeã africana de basquetebol masculino, sendo a selecção mais titulada de África e catorze vezes campeã africana de andebol feminino, sendo de igual modo, a selecção mais titulada de África, no género.

Nos Jogos Olímpicos, Angola estreou-se na edição de 1980, em Moscovo, com três modalidades (atletismo, boxe e natação). Após a sua ausência nos Jogos olímpicos realizados em Los Angeles, em 1984, o país participou em todas as outras edições. Dentre os desportistas com mais participações destacam-se o atleta João N'Tyamba e a nadadora Nádia Cruz.

No atletismo paralímpico, Angola participou na edição de 2004, em Atenas, e conquistou as primeiras medalhas com o atleta José Sayovo, tendo o mesmo competido novamente nos jogos de 2008, em Pequim, e de 2012, em Londres, somando assim um total de oito medalhas (quatro de ouro, três de prata e uma de bronze).



Fig. 76. Selecção Sénior de Basquetebol Masculino que conquistou o primeiro título do Afrobasket para Angola, em 1989.



Fig. 77. Selecção angolana de andebol feminino, campeã africana em 2021, com 14 títulos.



Fig. 78. José Sayovo.



Fig. 79. João N'Tyamba.



Fig. 80. Selecção Angolana de Futebol que participou no Mundial de 2006.

No domínio do futebol registou-se ainda a participação da Selecção Nacional Masculina de Futebol no Campeonato Mundial de 2006 que se realizou na Alemanha.

TEMA 3.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA NOSSA LOCALIDADE

ESTRUTURA DO TEMA

- 3.1. Os monumentos e sítios
- 3.2. Museus, Arquivos e Monumentos
 - Memorial da Batalha do Cuito Cuanavale
- 3.3 - Aspectos culturais da localidade
 - 3.3.1. Origem da designação da população e da localidade
 - 3.3.2. As lendas e as tradições, as línguas de Angola e as actividades

ASPECTOS HISTÓRICOS DA NOSSA LOCALIDADE

3.1. Os monumentos e sítios

Os monumentos e sítios históricos podem ser caracterizados como sendo uma construção, um conjunto arquitectónico ou um sítio delimitado em uma determinada localidade ou região. Podem ser uma caverna ou morro, uma localidade ou uma personagem que nos permitem conhecer o valor da sua história.

Quem viaja pelo nosso país, de Cabinda ao Cuando Cubango ou de Benguela ao Moxico, encontrará, certamente, edifícios muito antigos, uns em bom estado de conservação e outros parcialmente danificados ou destruídos, ou seja, em ruínas, quer por acção humana, quer por acção do próprio tempo. Estes retratam alguns factos da história do nosso país.

Além dos monumentos, o nosso país tem sítios históricos.

- Os sítios históricos são locais onde se desenrolaram factos ou acontecimentos históricos, por exemplo, a Colina da Ulunga, na Província do Uíge, onde se travou a Batalha de Ambuíla, em 1665, entre os portugueses e o Rei do Kongo.

Em todas as províncias de Angola existem edifícios, ruínas, estátuas, bustos e cemitérios que são monumentos históricos, dos quais se destaca os seguintes:

- Em **Luanda**, encontram-se a Igreja de São Paulo, a Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, a Igreja do Carmo, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, o Palácio Dona Ana Joaquina, o Palácio de Ferro, as prisões coloniais portuguesas, a estátua das Heroínas, a estátua do primeiro Presidente de Angola, Dr. António Agostinho Neto, localizada em Luanda, no antigo Largo 1º de Maio, hoje Praça da Independência, local onde foi proclamada a independência de Angola a 11 de Novembro de 1975, e tantos outros.
- Em **Cabinda**, encontram-se a Igreja de Lândana e outros monumentos importantes.



Fig. 1. Ruínas da Igreja de São Salvador do Kongo, em Mbanza Kongo. (Património Mundial da Unesco).



Fig. 2. A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, Luanda.



Fig. 3. O Palácio de Ferro, em Luanda.

- No **Huambo** há várias estátuas que retratam o passado recente, entre elas a estátua de Norton de Matos, antigo Governador Geral da Província de Angola e fundador da cidade de Nova Lisboa, actual cidade do Huambo.
- Em **Benguela** encontra-se o Forte da Catumbela, o Edifício Antigo de Benguela e outros.
- No **Cuanza-Sul**, encontram-se as pinturas rupestres de Ndalambiri, na Quibala, o Forte do Quicombo, bem como os túmulos de pedra muito antigos, chamados Túmulos da Quibala.
- No **Zaire**, encontram-se o padrão do Soyo, colocado na foz do rio Zaire pelo navegador português Diogo Cão, as ruínas da Igreja de São Salvador do Kongo, assim como o cemitério dos antigos reis do Kongo.
- No **Namibe**, encontram-se as pinturas rupestres de Tchitundo-Hulo, o forte de Kapangombe, este último, actualmente transformado em Instituto Técnico Agrário.



Fig. 4. Estátua das Heroínas Angolanas, em Luanda.



Fig. 5. Estátua do Dr. António Agostinho Neto, em Luanda.



Fig. 6. Estátua do Dr. Agostinho Neto, no Huambo.



Fig. 7. A Igreja de Lândana, em Cabinda.



Fig. 8. O Forte da Catumbela, em Benguela.



Fig. 9. O Forte do Quicombo, Cuanza-Sul.



Fig. 10. Igreja de Nossa Senhora da Muxima, na Muxima.



Fig. 11. Os Túmulos da Quibala, Cuanza-Sul.



Fig. 12. Arte Rupestre no Tchitundo-Hulo, Namibe.

3.2. Museus, Arquivos e Monumentos

Em algumas cidades e vilas do nosso país existem **museus e arquivos**.

Museu: é um local ou estabelecimento onde estão reunidos e expostos ao público objectos de valor histórico, científico ou artístico.

Exemplos: Museu da Escravatura, Museu do Dundo, Museu da Moeda, Museu das Forças Armadas, Museu de História Natural, Museu de Antropologia, Museu dos Reis do Kongo, entre outros.

Nos museus conservam-se objectos autênticos, classificados e verdadeiros que nos permitem conhecer aspectos da vida do passado de Angola, tais como fotografias, jóias, moedas, armas, utensílios domésticos ou agrícolas, móveis, peças de vestuário, objectos de cerâmica, máscaras, ferramentas, instrumentos musicais e outros.

Arquivos: são lugares onde se guardam documentos escritos que retratam a história do nosso passado, como mapas, fotografias, livros antigos e modernos, testamentos, escrituras, revistas e jornais, entre outros. Em Angola temos o Arquivo Nacional de Angola, em Luanda e o Arquivo Provincial de Benguela.



Fig. 13. Arte Rupestre em Ndalambiri, Cuanza-Sul.



Fig. 14. O Museu da Escravatura, em Luanda.



Fig. 15. Arquivo Nacional de Angola.

? VÊ SE SABES...

Na localidade onde vives existe algum museu, arquivo ou monumento histórico?

Já o visitaste? O que viste?

Caso não saibas, pergunta a quem te possa informar: o teu professor ou outra pessoa mais velha.

Monumento: é a construção ou obra que transmite a recordação de alguém ou de algum facto memorável. Neste subtema, dada a sua importância, vamos falar do Memorial da Batalha do Cuito Cuanavale.

Memorial da Batalha do Cuito Cuanavale

O Memorial da Batalha do Cuito Cuanavale é uma obra erguida em memória daqueles que combateram nessa batalha. Foi inaugurada no dia 19 de Setembro de 2017 pelo antigo Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos. Este Presidente teve uma participação directa para o alcance da paz nos países da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), pois os países ainda subjugados, na altura, começaram a obter a sua liberdade, com o apoio de Angola e de outros países.

Dada a importância histórica que a Batalha do Cuito Cuanavale tem para Angola e para a África Austral, a SADC instituiu a data do 23 de Março como o Dia da Libertação da África Austral. Foi a Batalha do Cuito Cuanavale que originou a queda do Regime do *Apartheid* e esteve na base da concretização da independência da Namíbia e da libertação de Nelson Mandela que veio a ser o primeiro Presidente da República da África do Sul no período *pós-apartheid*.

Deste modo, em 2019, João Manuel Gonçalves Lourenço, Presidente da República de Angola, condecorou heróis da Batalha do Cuito Cuanavale, através da entrega de Medalhas de Honra àqueles que, com bravura, defenderam a soberania do País e dos Estados da região austral de África.



Fig. 16. Inauguração do memorial em homenagem aos combatentes do Cuito Cuanavale, feita pelo então Presidente da República, José Eduardo dos Santos.



Fig. 17. Pormenor do Memorial à Vitória da Batalha do Cuito Cuanavale.



Fig. 18. Presidente da República de Angola considera Cuito Cuanavale património da África Austral.



Fig. 19. Condecoração aos heróis do Cuito Cuanavale.

Assim, foi decretado o dia 23 de Março como feriado regional desde o ano de 2020. Neste ano, o Presidente João Lourenço recebeu os demais Chefes de Estado da SADC na Vila Cuito Cuanavale, onde as entidades celebraram as primeiras festividades alusivas à data. Os Chefes de Estado da SADC fizeram-se presentes no evento para prestar homenagem aos combatentes que enfrentaram e venceram o exército do *Apartheid*.

O Dia da Libertação da África Austral é uma data histórica para a nossa região, para o continente, bem como para o mundo, porque a sua história enquadra-se nos muitos movimentos de solidariedade entre países e povos que buscavam a libertação para poderem atingir o desenvolvimento político, sócio-cultural, assim como científico.

Todos os monumentos e sítios, incluindo os memoriais, devem ser preservados e conservados, pois, além dos ensinamentos que transmitem, também servem de locais de turismo e de grande importância que podem ajudar a economia do nosso país.

! ACTIVIDADES

1. O que representam os monumentos históricos?
2. Que elementos ligados à história do nosso país se guardam nos museus e nos arquivos?
3. Conheces algum museu ou arquivo na tua província? Se sim, indica um de cada e explica a sua importância.
4. Caso não conheças nenhum museu ou arquivo, pede aos teus familiares que te falem sobre a existência destes.
5. Quando foi inaugurado o Memorial da Batalha do Cuito Cuanavale? Quem o inaugurou?
6. Que importância tem este memorial?
7. O que foi instituído pela SADC em relação à Batalha do Cuito Cuanavale?
8. O que foi que aconteceu em 23 de Março de 2020 no memorial?
9. Consulta o dicionário e transcreve para o teu caderno o significado das seguintes palavras: consolidação, paz, reconciliação, prosperidade e país. Em seguida, num breve texto, diz qual é o significado do dia 23 de Março para Angola, em especial, e para a SADC, em geral. Lembra-te de que a tua redacção deve conter introdução, desenvolvimento e conclusão.

3.3. Aspectos culturais da localidade

O nosso país é multicultural. Cada região ou localidade de Angola possui um conjunto de tradições, formas de agir e de pensar, típicas do seu povo. Estas tradições têm a sua origem nos **antepassados** e estão ligadas às diversas actividades culturais de cada localidade. Ao longo dos tempos, essas tradições foram transmitidas de geração em geração.

Cada localidade é habitada por pessoas. Devido à organização dos Estados, acontecimento e princípios culturais, as localidades e as pessoas que nela vivem possuem nomes próprios.

É importante conhecer as causas que deram origem à população e ao nome de uma determinada localidade. Porém, alguns nomes próprios (nomes das localidades, dos rios, das florestas, das montanhas, dos sítios históricos e até das pessoas) têm significado desconhecido. Por exemplo, no município de Camabatela, província do Cuanza-Norte, é comum encontrar habitantes com o nome de Manguxi, enquanto que no município do Bailando, na província do Huambo, podemos encontrar habitantes com o nome de Eplanga, sem que se conheçam os motivos de tais factos. Entretanto, se fizermos estudos, podemos passar a conhecê-los.

3.3.1. Origem da Designação da população e da localidade

Após o período de guerra, o nosso país registou um grande êxodo da população do interior para o litoral. A maior parte delas refugiou-se em Luanda e foi formando comunidades com denominações semelhantes aos seus bairros, aldeias, municípios e até mesmo das suas províncias de origem. Este tipo de acontecimentos já data desde a migração dos povos por eles levarem os seus hábitos e costumes e pretenderem ter referências da terra de origem.



Fig. 20. Placa de sinalização rodoviária.

Abaixo, apresentamos um pequeno texto que relata uma situação real que aconteceu na região norte de Angola.

MAMAROSA é o nome de uma fazenda situada próximo de uma aldeia na província do Zaire. A mesma foi fundada nos anos 50 pela família de colonos Amadeu da Graça que lá viveu até à proclamação da Independência de Angola em 11 de Novembro de 1975. A partir dessa data, o senhor Amadeu da Graça abandonou a região.

Todos acreditavam que ele teria morrido durante o período turbulento que se seguiu à independência do país. Era uma ilusão.

Vinte anos se passaram e em 1995, na cidade de Aveiro, Portugal, encontrou-se um prédio com as inscrições: “Prédio MAMAROSA”. Este nome fez-nos lembrar não só a fazenda com o mesmo nome em Angola, como também o nome do senhor Amadeu da

Graça, o suposto desaparecido. Encarregou-se alguém para procurar a localidade chamada de MAMAROSA em Portugal e Amadeu da Graça.

Passados três dias essa pessoa encontrou a freguesia de Mamarosa e, por sorte, também encontrou o senhor Amadeu da Graça, antigo dono da fazenda em Angola.

Três dias depois o senhor Amadeu convidou essas pessoas para a casa dele e explicou-lhes a origem do nome de Mamarosa de Angola, que, na verdade, não era de uma SEREIA como o povo contava, mas o nome da freguesia portuguesa de onde eram originários os fundadores dessa fazenda em Angola.

Fonte: P Nsiangengo

Este exemplo concreto mostra-nos que os nomes próprios existem, porém podem desaparecer se não forem transmitidos de geração em geração. Eles são atribuídos por várias razões: origem etimológica, homenagem a alguém, acontecimentos ou ainda moda.

Os nomes próprios como Adão, Caterça, Epalanga, Esperança, Futi, Isabel, Jamba, Kassinda, Lweji, Malamba, Maria, Tiago, entre outros têm os seus respectivos significados. Os nomes de sítios ou lugares também têm a sua explicação e o seu significado.

? VÊ SE SABES...

Agora tenta contar os aspectos culturais da tua localidade, orientando-te pelas frases propostas pelos autores. Não te esqueças de organizar as matérias com o apoio do teu professor e de pessoas mais velhas e de propor a publicação do teu trabalho na tua escola.

1. A origem e o significado do teu nome.
2. O nome da tua localidade e a origem da sua população.
3. O nome de quatro localidades vizinhas e as suas respectivas histórias.

3.3.2. As lendas, as tradições, as línguas de Angola e as actividades

As lendas e as tradições

Lendas: são narrativas escritas ou contadas de acontecimentos ou de factos imaginários.

Tradições: conjunto de ideias, atributos, hábitos, crenças, rituais, significados, símbolos, valores, organização social e costumes de um determinado povo.

Tradição Oral: é a transmissão verbal de conhecimentos, hábitos, usos e costumes que são passados de geração em geração. Geralmente, a tradição oral é feita por um ancião de uma localidade.

SABIAS QUE...

- As **lendas** também podem ser entendidas como fábulas e contos?
- Podem ser narradas ou contadas e, geralmente, terminam com uma lição moralizadora e educativa?
- Os anciãos são verdadeiras bibliotecas vivas?

As **lendas** e as **tradições** de um povo constituem a sua sabedoria popular que os mais velhos transmitem às novas gerações.

Em Angola, um **mais velho** é considerado e deve ser considerado uma biblioteca viva, porque conserva conhecimentos de tudo aquilo que os seus antepassados transmitiram.

A **tradição oral** foi sempre uma grande riqueza cultural. É uma cultura verdadeira que abrange todos os aspectos da vida dos angolanos.

A língua

A língua é um instrumento de comunicação que possibilita um determinado grupo de falantes produzir pronunciamentos que lhes permite comunicar-se e compreender-se.

As principais línguas de Angola

Em Angola, existem várias línguas que identificam a origem de cada um dos seus povos. A utilização da língua através da palavra é também o meio de comunicação que os seres humanos usam para compor a sua história. É através da palavra que as **tradições** dos nossos antepassados são transmitidas de geração em geração.

O **Português** é a língua oficial de Angola e é falado em todo o território nacional. Entretanto, como sabes, Angola é um país plurilingue com quatro grupos linguísticos distintos, conforme podes ver na imagem. Temos, assim, a língua oficial, o grupo da língua !Khung, língua Vátwa, o grupo das línguas Bantu. Deste modo, temos a Norte as línguas **Kikongo** e **Kimbundu**, a Nordeste, Leste e Sudeste as línguas **Cokwe**, **Luvale**, **Nganguela** e **!Khung**, a Centro-Sul e Sudoeste as línguas **Umbundo**, **Oshiwambo**, **Ovahellelo**, **Oshindonga**, **Nganguela**, **Olunyaneka**, **Helelo**, **Oshikwanyama** e **Vátwa**.

Por esta razão, devido à riqueza linguística do nosso país, podemos ter, na nossa sala de aulas, colegas com uma língua materna diferente da nossa. Todas essas línguas são, de acordo com a Constituição, línguas de Angola.



Fig. 21. Fluxograma do conjunto de línguas de Angola. Elaborado por Paula Henriques.

As actividades económicas

Já reparaste que cada região tem a sua importância cultural? Isto se observa através das suas actividades diárias.

Em Angola desenvolvem-se várias actividades que podem ser **agrícola, pastoril, pesqueira, artesanal, artística e outras**. Todas elas são importantes para o sustento das populações das diversas localidades.

É comum numa região, sobretudo nas aldeias, encontrar adultos que praticam actividades de pesca ou pastorícia que, enquanto crianças, herdaram dos seus pais. Outras actividades que retratam os hábitos e costumes dos povos de uma determinada localidade são as manifestações culturais. Estas podem ser festas e danças tradicionais que retratam a cultura de um povo.

Algumas festas que ainda são conservadas e acontecem em quase todo o território nacional são as festas da circuncisão, da puberdade, do casamento e outras. Uma das festas que também é celebrada em todo o país é o Carnaval.

Em certas regiões, ainda hoje se fazem utensílios a partir de modelos antigos, como esteiras, cestos e bancos de ramos de palmeira ou bordão, panelas e pratos de barro, pentes e estatuetas de madeira, instrumentos de ferro como fogareiros, grelhas, máscaras e outros objectos artesanais.

Todo esse conjunto de actividades representam tradições ligadas ao nosso povo, tradições estas que foram transmitidas ao longo do tempo.



Fig. 22. Actividade pastoril.



Fig. 23. Festa tradicional Cokwe.



Fig. 24. Os Kamatembas, grupo de dança tradicional da Huíla.



Fig. 25. Cestaria artesanal de Quimbele-Uíge.



Fig. 26. Estatuetas de madeira no mercado do artesanato, em Luanda.



TEMA 4.

ANGOLA HÁ MUITOS, MUITOS ANOS

ESTRUTURA DO TEMA

- 4.1. Os primeiros habitantes do território de Angola
- 4.2. A chegada dos Bantu e a ocupação do território
- 4.3. Os dois primeiros reinos



ANGOLA HÁ MUITOS, MUITOS ANOS

4.1. Os primeiros habitantes do território de Angola

Os povos mais antigos que habitaram no território angolano, há milhares de anos, foram os Pigmeus, também conhecidos por Mbuti, e os Khoisan.

Os Pigmeus foram povos caçadores e recolectores de frutos silvestres e viveram pelo menos há 12.000 anos. Em relação ao nosso país, os Pigmeus ocupavam as florestas de galeria da metade Norte, Leste e Sudoeste do território que compreendiam as actuais províncias do Zaire, Uíge, Cuanza-Norte, Lunda-Norte e Lunda-Sul. Os mesmos foram-se retirando para Norte à medida que a floresta Equatorial se reduzia à província do Zaire.

Os Khoisan viveram sempre em tribos, sob a forma de comunidade primitiva, nas zonas de savana. Hoje, encontram-se, essencialmente, no Sul de Angola, nomeadamente nas províncias do Namibe, Huíla, Cunene e Cuando Cubango. Entre os povos mais antigos do território de Angola, para além dos Pigmeus e dos Khoisan, temos os Vátwa, os Kwepe, os Kuissi, os Bantu, os descendentes de Bantu, os europeus, os descendentes de europeus ou ainda os descendentes de Bantu e de europeus.



Fig. 1. Províncias de Angola habitadas por Khoisans, assinaladas com a cor ●.

Os Khoisan vivem da caça, da pastorícia e da recollecção de frutos silvestres, sendo conhecidos como exímios caçadores. As suas armas eram feitas de pequenos arcos com flechas envenenadas que neutralizavam os animais atingidos.



Fig. 2. Um Khoisan.

Em relação às manifestações artísticas, os Khoisan fazem pinturas e esculturas na rocha, nas quais retratam cenários de guerra, de caça, de dança e de cerimónias religiosas.

No nosso país, a sua população é muito reduzida e por este facto estão em risco de extinção, caso o seu “habitat” e o seu modo de vida não sejam protegidos.



Fig. 3. Khoisan com arco e flecha.

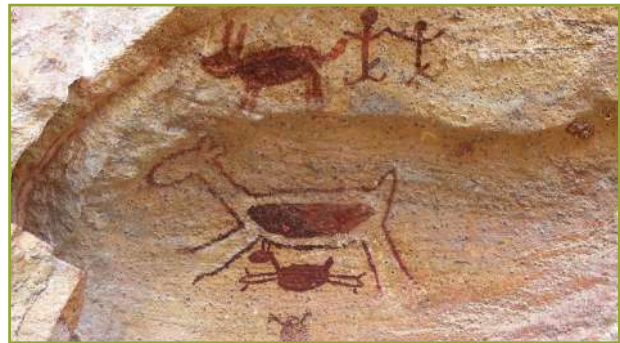


Fig. 4. Os Khoisans fazem pinturas e esculturas na rocha, nas quais retratam cenários de guerra, caça, dança e de cerimónias religiosas.

? VÊ SE SABES...

1. Cita o nome dos primeiros habitantes do território de Angola.
2. Em que províncias habitaram os primeiros povos de Angola?
3. Quais são as principais actividades desses primeiros povos de Angola?

4.2. A chegada dos Bantu e a ocupação do território

Migrações

Os povos Bantu começaram a imigrar para o território de Angola por volta dos anos 1200, sendo que as últimas movimentações ocorreram nos anos de 1800.

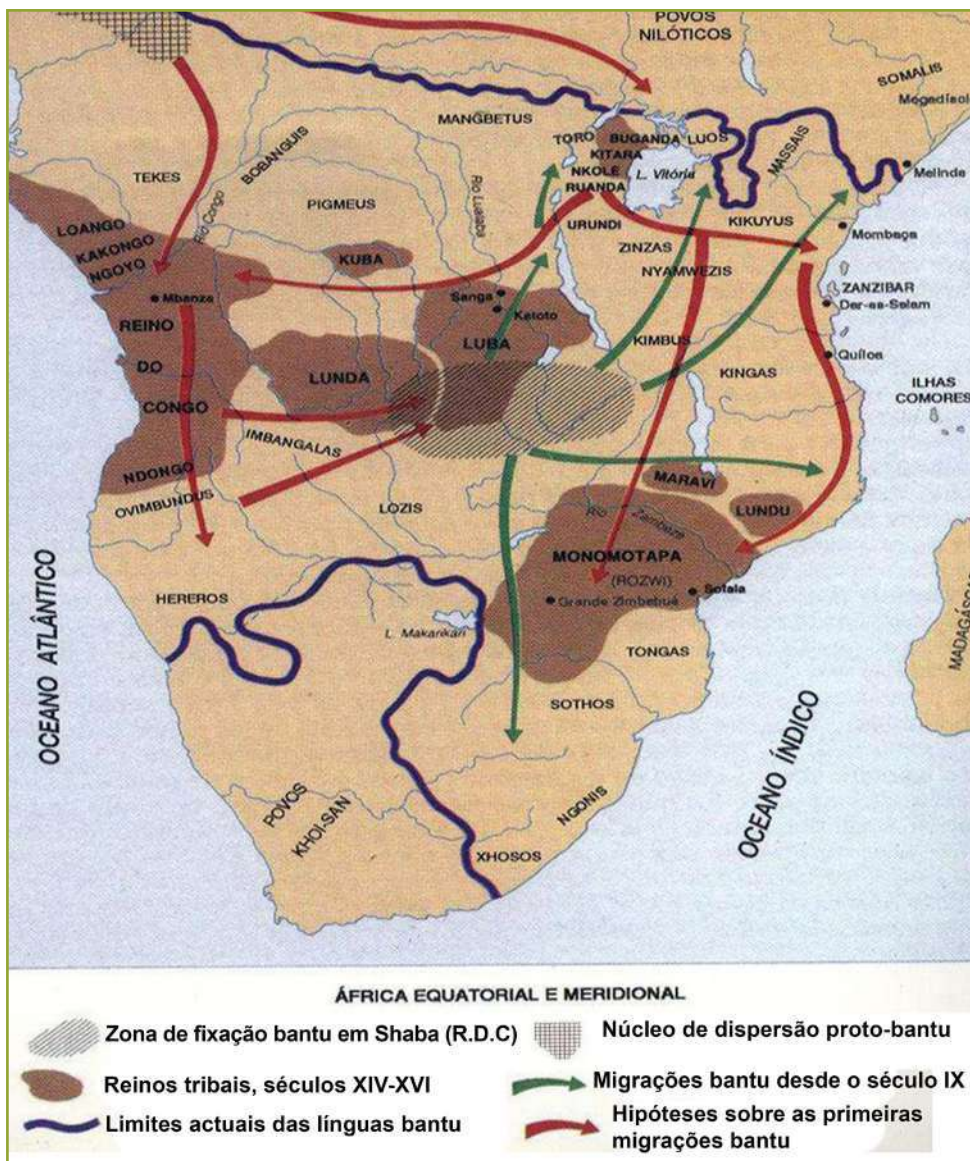


Fig. 5. Mapa de África com o percurso migratório dos povos Bantu, do Equador para o Sul.

SABIAS QUE...

- As migrações são grandes deslocações realizadas por povos de um lugar para o outro à procura de melhores condições de vida?
- As migrações podem ter como causas alterações climáticas (desertificação de uma região, falta de quedas pluviais), lutas internas, fome, entre outras causas?

Grupos etno-linguísticos Bantu

As populações de origem Bantu formaram, em Angola, dez etnias ou povos que são: os Bakongo, os Nganguela, os Nyaneka, os Herero, os Lunda-Cokwe, os Ovambo, os Ambundo, os Ovimbundu, os Ochindonga e os Ovakwanger. Cada um destes povos possui a sua própria língua, embora sejam todas da mesma família de línguas. É por esse motivo que são chamados grupos etno-linguísticos. Todos eles já possuíam técnicas de trabalho com o ferro e praticavam a agricultura, razão pela qual fizeram valer a sua supremacia diante dos Khoisan.

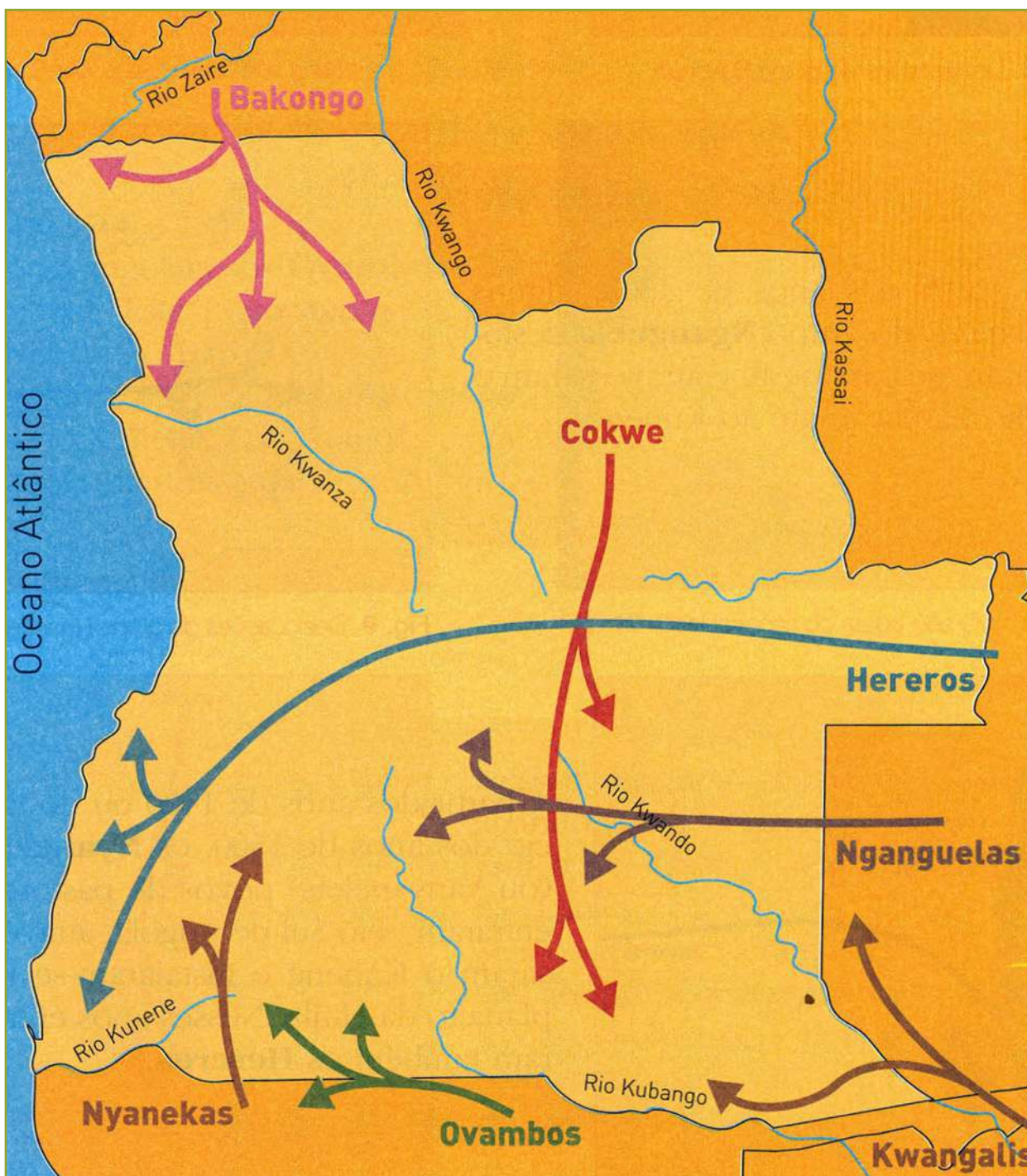


Fig. 6. As migrações bantu em Angola.

ANGOLA HÁ MUITOS, MUITOS ANOS

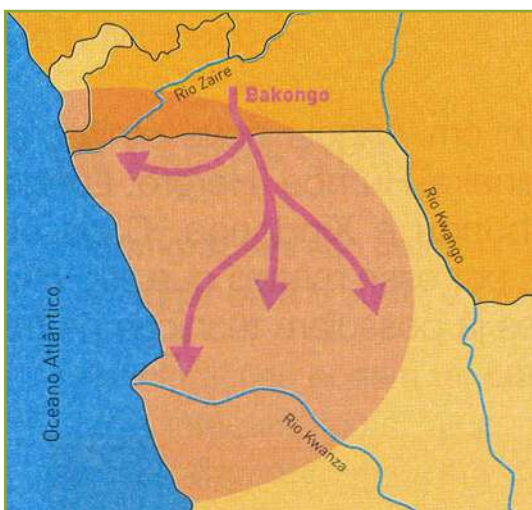


Fig. 7. Deslocações do grupo Kongo.

A partir dos anos de 1200, o grupo **Kongo** atravessou o rio Zaire (ou rio Congo) e instalou-se na sua margem esquerda. Na sua caminhada para o Sul, este povo foi-se fixando em áreas já antes ocupadas pelos Ambundo.

A partir dos anos de 1300, alguns homens do grupo **Nganguela** deslocaram-se para oeste e atravessaram o Alto Zambeze e chegaram ao Cunene.

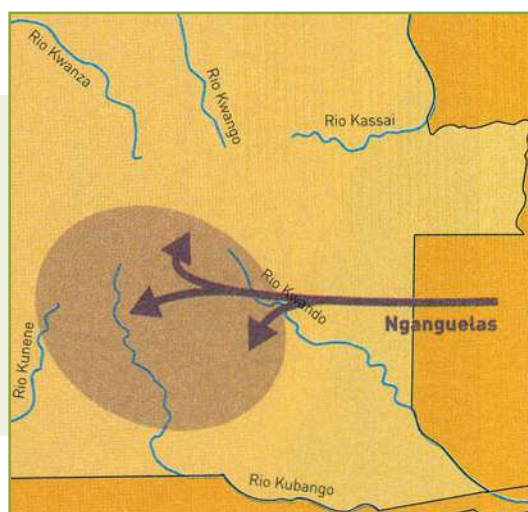


Fig. 8. Deslocações do grupo Nganguela.

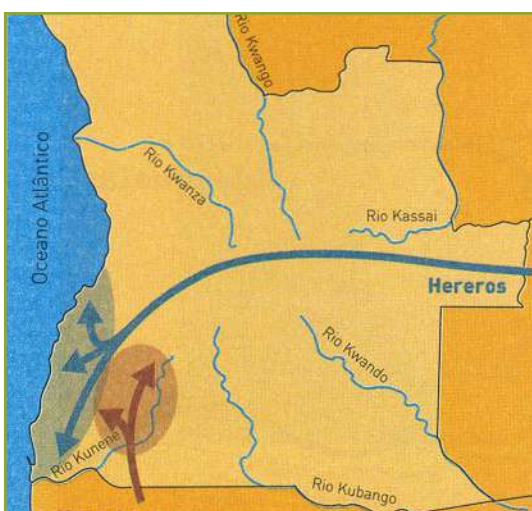


Fig. 9. Deslocações dos grupos dos Nyaneka e dos Herero.

Nos anos de 1400 até ao início dos anos de 1500, os **Nyaneka** (Vanyaneka), povo pastor, entraram pelo Sul de Angola, atravessaram o Cunene e instalaram-se no planalto da Huíla. Nesses anos entraram também os **Herero**.

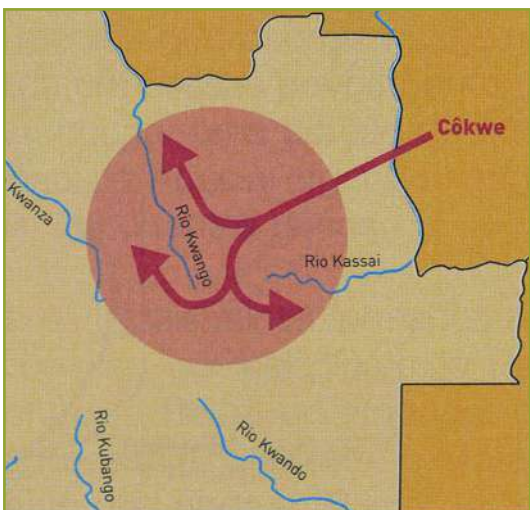


Fig. 10. Deslocações dos povos Lunda-Cokwe.

Entre 1500 e 1600 começaram a chegar à região Leste de Angola (Lunda) os povos **Côkwe**, caçadores vindos do planalto Luba.

Entre 1700 e 1800, entraram no território angolano os **Ovambo** (ou Ambó). Este povo deixou o seu território no Baixo-Cuango e veio instalar-se entre o rio Alto-Cubango e o rio Cunene. Os Ovambo eram grandes mestres a trabalhar o ferro.



Fig. 11. Deslocações do grupo dos Ovambo.

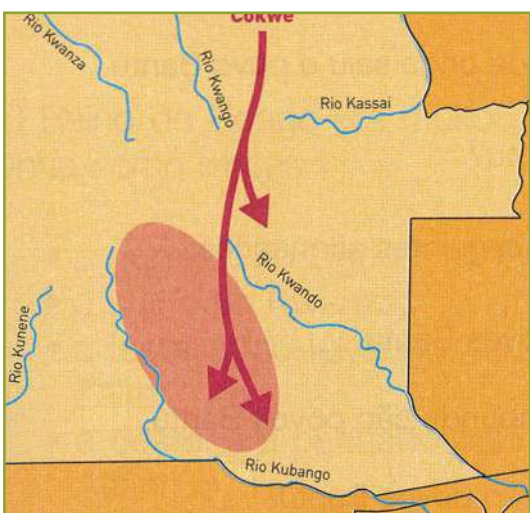


Fig. 12. Deslocações do grupo dos Cokwe, depois de abandonarem a Lunda.

Devido a um conflito na Aristocracia do Reino Lunda, os Cokwe abandonaram o reino e criaram um corredor no Nordeste angolano que vai da actual província da Lunda-Norte, passa pela Lunda-Sul até à fronteira Sul de Angola, passando pelas actuais províncias do Moxico, Huambo, Bié e Cuando Cubango.

Entre 1800 e 1900, aparece o povo **OvoKwangali (Kuangar)** que se instalou mais a Sul de Angola.



Fig. 13. Deslocações do grupo dos Kwangali ou Kuangar.

Cada uma das etnias referidas falava a sua língua materna, como por exemplo, os Ambundu falavam Kimbundu, os Bakongo falavam Kikongo, os Nganguela falavam Nganguela, os Cokwe falavam Cokwe, os Ovambo falavam Oshiwambo ou Cuanhama.

? VÊ SE SABES ...

- O que entendes por migração?
- Quando se iniciaram as migrações Bantu?
- Escreve verdadeiro (V) ou Falso (F) nas seguintes afirmações:
 - a) Os Kwepe, os Vátwa e os Khoisan são povos Bantu.
 - b) Os Bakongo, os Nganguela, os Cokwe e os Ovimbundo são povos Bantu.
 - c) Os Zulu, os Azande e os Nilótico Berbere são povos Bantu.

4.3. Os dois primeiros reinos

Como resultado das migrações Bantu no actual território de Angola, alguns subgrupos criaram e organizaram importantes **reinos**.

Os principais reinos formados foram o **Reino do Kongo**, o **Reino do Ndongo**, o **Reino de Kassanje**, o **Reino da Matamba**, o **Reino da Lunda**, o **Reino do Bailundo** e o **Reino do Kwanyama**.

Este ano vamos estudar o **Reino do Kongo** e o **Reino do Ndongo** (também conhecido como Reino dos Ngola).



Fig. 14. Mapa dos primeiros reinos de Angola.



SABIAS QUE...

- O primeiro Estado Bantu formado na costa ocidental de África foi o **Reino do Kongo**
- Este reino foi fundado entre 1200 e 1300 por Ntinu Wene Wa Kongo (**Nimi-a-Lukeni**)
- O Reino do Kongo tinha como capital **Mbanza Kongo**.

O Reino do Kongo

- O Reino do Kongo era muito grande e tinha a seguinte delimitação:
- a **Norte**, o rio Ogoué no Gabão;
- a **Sul**, o rio Cuanza;
- a **Leste**, o rio Cuango, afluente do Zaire;
- a **Oeste**, era banhado pelo Oceano Atlântico.

O Reino do Kongo era poderoso e bem organizado. Tinha uma economia muito desenvolvida. Praticava a agricultura, o artesanato, a caça, a metalurgia (fundição de ferro) e a exploração de minérios.

A agricultura e o artesanato

O antigo povo do Kongo cultivava massango, feijão, massambala, banana, inhame e outros produtos. O trabalho principal era feito pelas mulheres. Os homens dedicavam-se ao desbravamento das terras para o cultivo. A sacha e a colheita ficavam sob responsabilidade das mulheres. É importante saber que era a agricultura que garantia a maior parte da alimentação para o povo do Reino do Kongo.



Fig. 15. Mapa do Reino do Kongo.



Fig. 16. Representação de uma mulher a cultivar com o bebé às costas.

Os artesãos fabricavam armas, objectos de cerâmica úteis e outros utensílios que serviam de instrumentos de trabalho utilizados na agricultura.

O comércio

Nos mercados locais do rio Zaire e da costa do Oceano Atlântico trocavam-se os seguintes produtos: sal, ferro, tecidos de ráfia, peles e produtos alimentícios. Este tipo de comércio era conhecido por **permuta**. O comércio, para além de ser praticado localmente, também se realizava com os reinos vizinhos, como, por exemplo, com o Reino do Ndongo.

Mais tarde, o comércio de produtos deixou de ser por meio de permuta e passou a usar-se uma moeda denominada **Nzimbu**.

A moeda Nzimbu era um conjunto de conchas apanhadas ou recolhidas na Ilha de Luanda e depois escolhidas de acordo com o tamanho, a cor e o brilho. Os tamanhos variavam entre grandes, médios e pequenos, tendo cada uma o seu valor. Era com o Nzimbu que se pagava todas as despesas administrativas correntes do Reino do Kongo, dos soldados e dos funcionários, entre outras. A Ilha de Luanda era o “banco” do rei do Kongo e a sua exploração pertencia-lhe. Além do Nzimbu, no Reino do Kongo também se usou como moeda o libongo ou lubongo, que era um pequeno pedaço de tecido feito à base de fibras de palmeira. Usou-se ainda a cruzeta, feita a partir do cobre, o marfim, e o sal, que era obtido a partir do Reino do Ndongo.

As classes sociais

Os habitantes do Reino do Kongo formavam a sociedade konguesa, constituída por duas classes: a **nobreza** e o **povo**. Por vezes, estas classes tinham relações antagónicas, ou seja, eram inimigas uma da outra.

O povo vivia em **comunidades aldeãs (mavata, aldeias)** e defendia a propriedade colectiva das terras, dos rios, dos palmares e das florestas.

Dentro da nobreza, destacavam-se duas camadas: uma formada pela **Família Real e funcionários do Estado** e outra pelos **chefes locais das populações Ambundu** (chefes da terra e chefes religiosos).



Fig. 17. Representação de ferreiros em actividade.



Fig. 18. Moeda Nzimbu.



Fig.19. Gravura a representar antigos nobres kongueses.

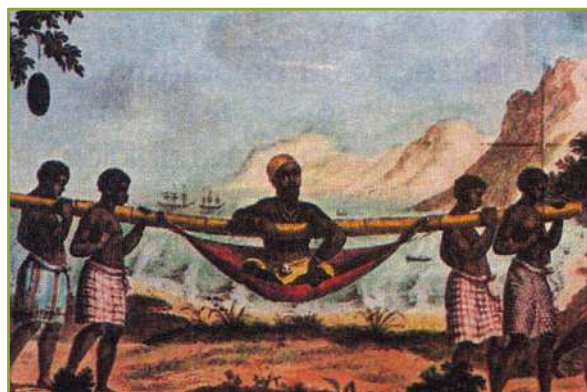


Fig. 20. Representação de um aristocrata konguês transportado em tipóia.

O povo Bakongo era obrigado a pagar um tributo sobre as colheitas. O tributo era recolhido pelos **funcionários reais, os Mani**. Os homens podiam ser recrutados pelos Mani para trabalhos colectivos, tais como a abertura de caminhos, construção de residências ou combate nos exércitos.

Os **escravos**, pouco numerosos, eram usados, sobretudo, nos serviços domésticos das famílias nobres, no transporte de mercadorias, na formação da guarda pessoal da aristocracia e na produção agrícola.

No Reino do Kongo, como noutros reinos da África Subsariana, o escravo era considerado como pessoa e não como objecto, podendo ocupar postos ou desempenhar, por vezes, funções importantes na família do seu dono, na aldeia ou na sociedade.

ESCLARECER ...

- O **Rei** do Kongo tinha poder absoluto: podia declarar a guerra e castigar as pessoas.
- Os aristocratas, denominados **Mani**, eram os chefes da administração das províncias e dos distritos do Reino do Kongo.
- Eram os Mani que ocupavam os lugares de comando militar, administrativo e religioso, o que lhes dava grande riqueza.
- Os Mani também cobravam impostos, recrutavam homens para o exército, para os trabalhos da comunidade e para a guarda do Rei.
- Eram ainda os juízes da região que presidiam à justiça.

A organização do Reino do Kongo

O Reino do Kongo estava dividido em seis províncias.

- Mpemba era a província onde se encontrava a capital do Reino, Mbanza Kongo, onde residia o rei.
- As outras províncias do Reino do Kongo eram Soyo, Mbata, Mbamba, Nsundi e Mpangu, que eram governadas pelos seus próprios Mani. Cada uma destas províncias estava dividida em unidades administrativas chamadas vata - aldeia.

Além das seis províncias, havia reinos vizinhos que pagavam impostos ao Rei do Kongo. Os principais eram o Reino do Ndongo e o Reino da Matamba, a Sul, e os Reinos de Loango, Ngoyo e Kakongo, a Norte.

O Reino do Kongo foi um dos mais organizados da África Austral e, por sinal, o primeiro reino africano que enviou um representante a Roma como embaixador - o filho de Mvemba Nzinga. Tratou-se de Dom António Manuel, Nsaku Ne Vunda, que em Roma, onde morreu e foi sepultado na Basílica de Santa Maria Maggiore.



Fig. 21. Dom António Manuel, Nsaku Ne Vunda.

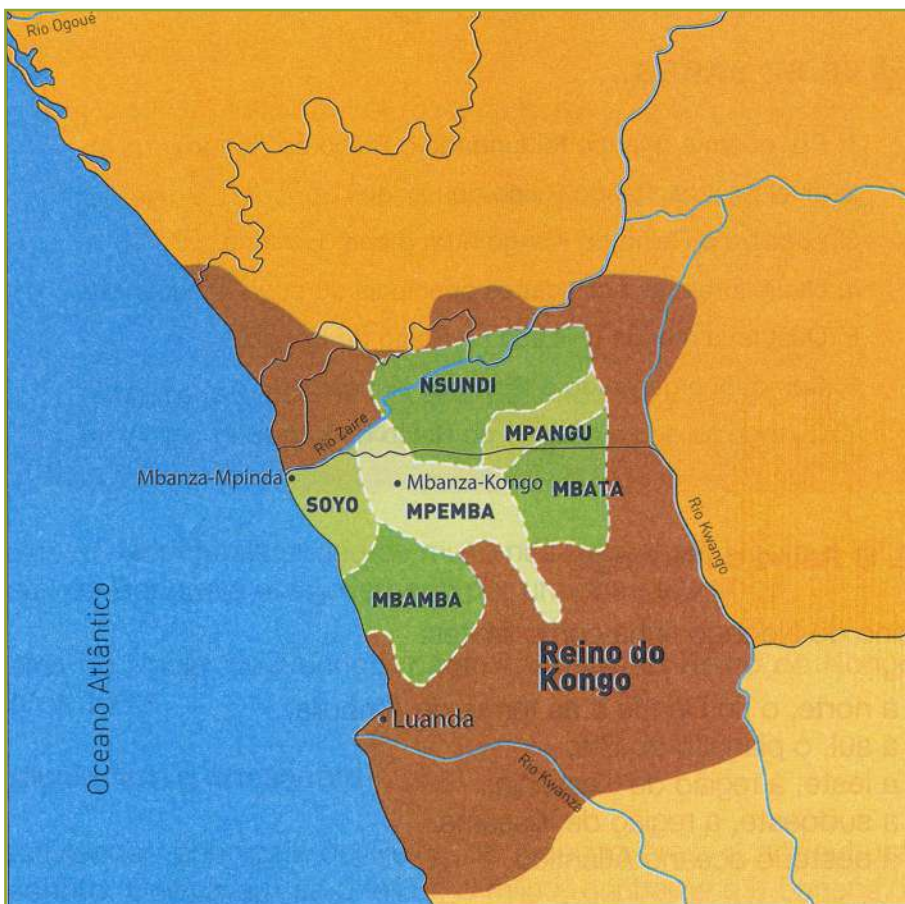


Fig. 22. Mapa ilustrativo da divisão administrativa do Reino do Kongo.

A decadência do Reino do Kongo começou depois da Batalha de Ambuíla, em 1665, altura em que o rei do Kongo, Vita-a-Nkanga (Mani Mulaza), conhecido por Dom António I, foi vencido pelos Portugueses, já no período das guerras de ocupação colonial.

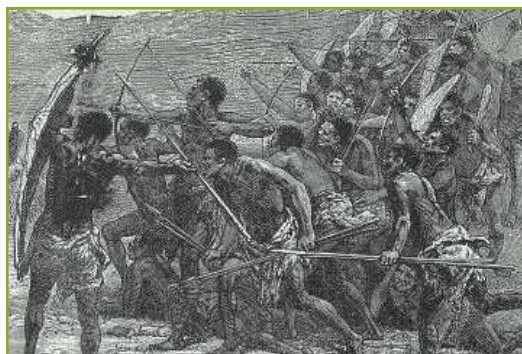


Fig. 23. A Batalha de Ambuíla.

? VÊ SE SABES ...

1. Por quem e quando foi fundado o Reino do Kongo?
2. Qual foi a capital do Reino do Kongo?
3. Quais foram as actividades principais do povo Konguês?
4. Qual foi a moeda utilizada no Reino do Kongo?
5. Como estava organizado o Reino do Kongo?
6. Quando começou a decadência do Reino do Kongo?

O Reino do Ndongo

O Reino do Ndongo era um dos maiores e um dos mais antigos reinos do actual território de Angola e estava delimitado da seguinte forma:

- a **Norte**, o rio Dande e as terras de Ambuíla;
- a **Sul**, o planalto do Bié;
- a **Leste**, a região de Kassanje;
- a **Sudoeste**, a região da Quissama.
- a **Oeste**, o Oceano Atlântico.

O Reino do Ndongo estendeu-se geograficamente nos tempos do reinado de **Ngola-a-Kiluanje**.

O Reino do Ndongo ou dos Ngola **pagava tributo ao Reino do Kongo**, prática que perdurou até ao ano de 1556.

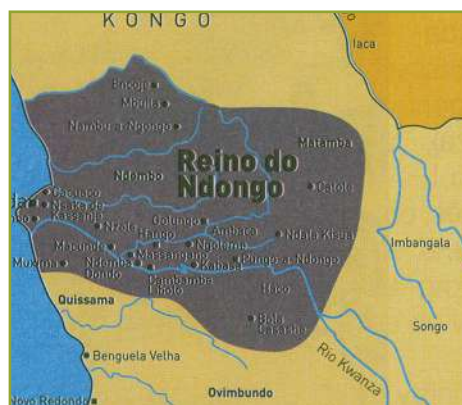


Fig.24. Mapa do Reino do Ndongo.

A organização do Reino do Ndongo

A organização do Reino do Ndongo era muito semelhante à do Reino do Kongo, mas a propriedade comunitária tinha mais força no Reino do Ndongo do que no Reino do Kongo.

O Reino do Ndongo foi conquistado definitivamente em 1683 pelos portugueses. Mas, antes da conquista, o Reino do Ndongo ofereceu uma longa e valente resistência à ocupação colonial portuguesa na qual se destacam as figuras de Ngola-a-Kiluanje e Njinga Mbande.

SABIAS QUE ...

- Os povos **Ambundu** viviam a Sul do Reino do Kongo e a Oeste do Império Lunda.
- A primeira capital do Reino do Ndongo foi **Ngoleme**, que depois do incêndio de 1564 foi transferida para **Kabassa (Mbanza-a-Kabassa)**, situada perto do actual Dondo, na província do Cuanza-Norte.

A agricultura e o artesanato

As actividades principais do Reino do Ndongo eram a **agricultura** e o **artesanato**. Cultivava-se o feijão, o milho, o inhame, a banana, entre outros produtos.

O trabalho principal era feito pelas mulheres. Eram elas que trabalhavam a terra, plantavam, semeavam e colhiam os produtos. Os homens dedicavam-se, sobretudo, à caça, à pesca, ao artesanato e à metalurgia.

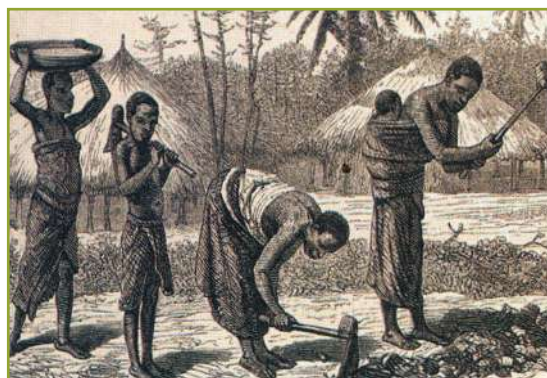


Fig. 25. Representação de algumas mulheres a realizarem trabalhos agrícolas.

ANGOLA HÁ MUITOS, MUITOS ANOS

Os artesãos fabricavam armas, produtos de cerâmica e outros utensílios necessários à vida das comunidades.

O Comércio

As colheitas eram abundantes no Reino do Ndongo e realizavam-se mercados para a venda ou a troca dos excedentes da produção com os reinos vizinhos. A moeda que circulava neste reino era o sal-gema que era retirado nas minas da Quissama.



Fig.26. Moeda: sal-gema.

? VÊ SE SABES ...

- Quais foram as capitais do Reino do Ndongo?
- Como se chamava a moeda usada no Reino do Ndongo?
- Que figuras se destacaram no Reino do Ndongo?
- Por quem era realizado o principal trabalho no Reino do Ndongo?
- Como se chamava a moeda que circulava no Reino do Ndongo e de onde era retirada?

TEMA 5.

ANGOLA NA ERA DO TRÁFICO DE ESCRAVOS

ESTRUTURA DO TEMA

5.1. A expansão marítima portuguesa

A chegada dos portugueses ao Reino do Kongo

5.2. As primeiras relações entre portugueses e os reinos do Kongo e do Ndongo

5.3. O tráfico de escravos em Angola

ANGOLA NA ERA DO TRÁFICO DE ESCRAVOS

5.1. A expansão marítima portuguesa

A procura de especiarias, plantas tintureiras e medicinais, ouro e prata existentes na Índia levou os europeus, entre eles os portugueses, a iniciar, no século XV, a conhecida Expansão Marítima Europeia.

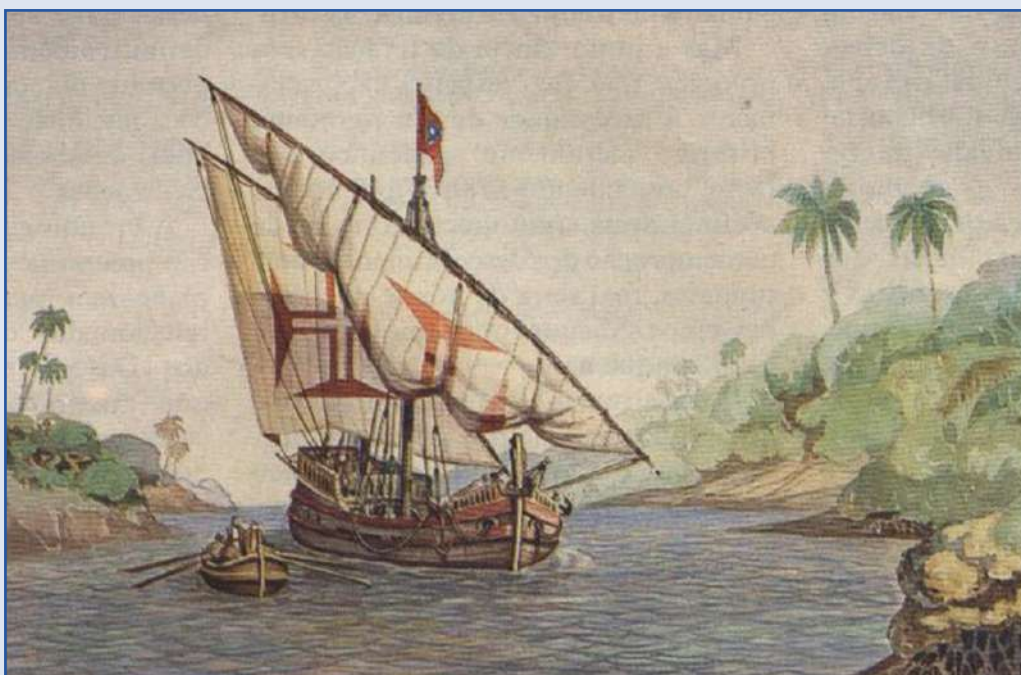


Fig. 1. Ilustração que retrata a chegada de Diogo Cão à foz do rio Zaire.



SABIAS QUE ...

- Os portugueses decidiram navegar pelo Oceano Atlântico em direcção à Índia à procura de produtos preciosos?

Depois da crise demográfica e económico-social que assolou o Ocidente, particularmente Portugal, entre 1300 e 1400, as relações comerciais com o Oriente passaram a beneficiar, em grande parte, os comerciantes árabes que transportavam muitos produtos, essencialmente especiarias, tais como a pimenta, a canela, a noz-moscada e o cravinho.

Ao mesmo tempo, as grandes rotas comerciais dominadas pelos mercadores italianos, entre a Europa, a Ásia e a África do Norte, foram impedidas com o avanço dos Turcos que obtiveram um forte domínio na região.

Essa situação obrigou o Ocidente a encontrar soluções de modo a obter os produtos orientais mais baratos a partir da sua origem.

O desenvolvimento das novas técnicas náuticas, conhecidas através dos árabes, facilitaram a descoberta de soluções para a expansão marítima portuguesa, em particular, e a europeia em geral.

Assim, Portugal, depois de ter adquirido conhecimentos sobre as técnicas e instrumentos náuticos, lançou-se à expansão. No percurso, começou por contornar a costa africana atlântica com a intenção de chegar até à Índia, local onde eram adquiridas as mercadorias de alto valor comercial, como as especiarias, metais preciosos, jóias, seda, plantas tintureiras e medicinais.

Destas viagens resultaram os primeiros contactos dos antigos povos do actual território de Angola com os portugueses.

A chegada dos portugueses ao Reino do Kongo



SABIAS QUE ...

- O capitão Diogo Cão foi o chefe dos marinheiros portugueses que chegaram pela primeira vez ao Reino do Kongo?
- Os primeiros contactos entre os portugueses e os kongueses foram de natureza comercial, respeito mútuo e de amizade?
- O rei que recebeu os primeiros portugueses foi Nzinga-a-Nkuwu?

Os primeiros contactos entre os portugueses e o **Reino do Kongo**, que constitui uma das partes do actual território de Angola, tiveram lugar em 1482, quando **Diogo Cão** chegou à foz do rio Zaire ou Congo.

Em 1484, durante o reinado de **Nzinga-a-Nkuwu**, houve notícia em Mbanza Kongo de que homens brancos tinham desembarcado e entrado em contacto com os habitantes da província do Soyo e com o próprio **Mani Soyo**. O Rei Nzinga-a-Nkuwu acabou por receber mais tarde os primeiros portugueses e com eles estabeleceu relações de amizade.



Fig. 2. Padrão colocado por Diogo Cão, na Ponta do Padrão, no Soyo.



Fig. 3. Ilustração a representar o primeiro contacto entre os portugueses e o Rei do Kongo.

Após esse encontro, foram realizadas trocas de ofertas entre os representantes do Rei de Portugal e o Rei do Kongo, bem como foram estabelecidas relações de intercâmbio entre si. Procedeu-se também ao baptismo dos membros da família real e de alguns mani pela Igreja Católica.

Em 1489, foi enviada a Lisboa a primeira embaixada konguesa. Entretanto, as relações mais intensas entre Portugal e o Reino do Kongo iniciaram-se em 1507, ano em que subiu ao poder o Rei Mvemba-a-Nzinga (Dom Afonso I).

5.2 As primeiras relações entre os portugueses e os Reinos do Kongo e do Ndongo

Nos antigos Reinos do actual território de Angola já existia a escravatura. Os trabalhos públicos ou domésticos eram realizados por escravos. Esses escravos eram membros da comunidade que violavam leis ou ainda os prisioneiros de guerra, resultantes das guerras entre reinos. No entanto, com a chegada dos europeus, o tratamento dos escravos tomou a dimensão de mercadoria humana para prestação de trabalho forçado nos continentes europeu e americano, levados por navios negreiros. O mesmo acontecia nas suas possessões em África.



Fig. 4. Convés de navio negreiro.

Depois da descoberta da rota que os levaria da Europa ao continente americano, os europeus (os portugueses, os holandeses, os franceses, os espanhóis, os ingleses, os italianos e mais tarde os alemães) precisavam de mão-de-obra para trabalhar nas **minas** e nas **grandes plantações** ocupadas na América. Os povos índios, nativos da América e despojados das suas terras, não resistiam aos trabalhos forçados exigidos pelos senhores - uns morriam e outros evadiam-se.

Nestas circunstâncias, os comerciantes de escravos africanos, os pombeiros, encontraram a forma de enriquecer e de dar melhor resposta às necessidades de produção da altura. Este processo deu início ao Comércio Triangular, conforme podes ver na figura abaixo.

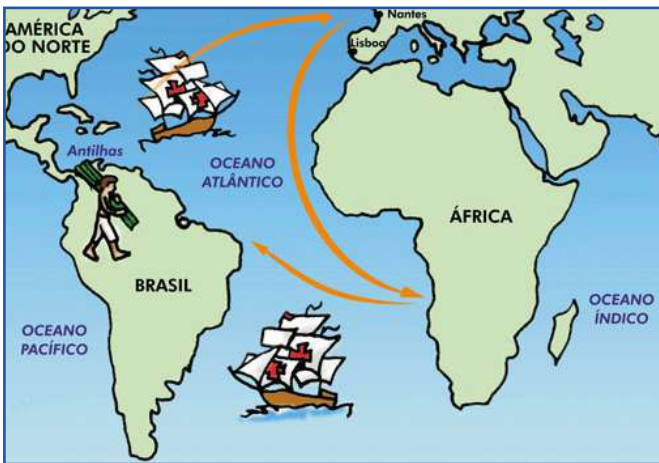


Fig.5. Mapa ilustrativo da realização do Comércio Triangular.

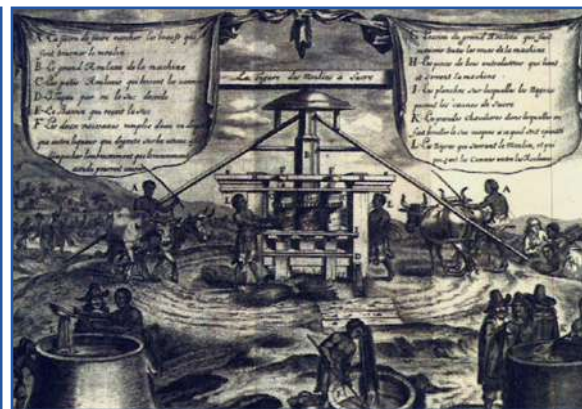


Fig. 6. Escravos africanos a trabalhar num engenho de açúcar nas Antilhas Francesas, em meados do século XVII.

Os portugueses possuíam uma grande colónia na **América do Sul (Brasil)**, onde se cultivava a cana-de-açúcar, o que os levou a transportar escravos dos vários reinos africanos para aquele continente. Este passou a ser o negócio mais rentável da época onde os participantes faziam dos prisioneiros escravos. Para o efeito, fomentavam as guerras de “kwata-kwata”, realizadas essencialmente nos reinos do Kongo e do Ndongo, embora se tivessem estendido a outras regiões do actual território angolano. Os escravos eram levados para locais de concentração onde eram baptizados, antes da partida e comercializados para, posteriormente, serem transportados para as plantações de cana-de-açúcar, de café, de algodão, de cacau e para as zonas de extracção de minérios. Os intervenientes nessas guerras do Kwata-Kwata e no negócio de venda de escravos eram europeus e os naturais dos reinos africanos onde operavam na época.



Fig.7. Guerras de Kwata-Kwata.

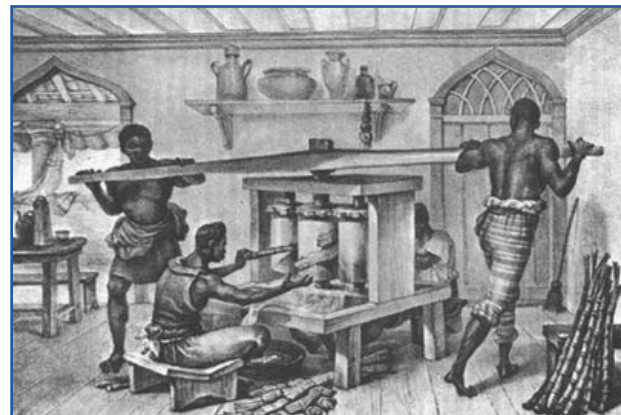


Fig.8. Escravos africanos a trabalhar num engenho de açúcar no Brasil, em meados do século XVII.

ESCLARECER

- “As Guerras de Kwata-Kwata” eram promovidas através de campanhas militares que integravam europeus e africanos com o fim de capturar escravos. Por vezes, assaltavam as aldeias para, com a ajuda de alguns chefes africanos, capturar escravos facilmente. A palavra Kwata, nas línguas Kikongo e Kimbundu, significa apanhar, capturar, agarrar, pegar, segurar.
- “O Comércio Triangular” era a intensa actividade mercantil, efectuada entre os três continentes: Europa, África e América. Estas relações comerciais iniciavam com a troca de produtos manufacturados como armas de fogo, jóias, aguardente, tabaco e tecidos de algodão, por homens e mulheres feitos escravos e levados para o continente americano onde eram comercializados em troca de açúcar, tabaco e ouro. A ocupação de vastas regiões da América pela Inglaterra foi o ponto de partida para o estabelecimento deste tipo de comércio.

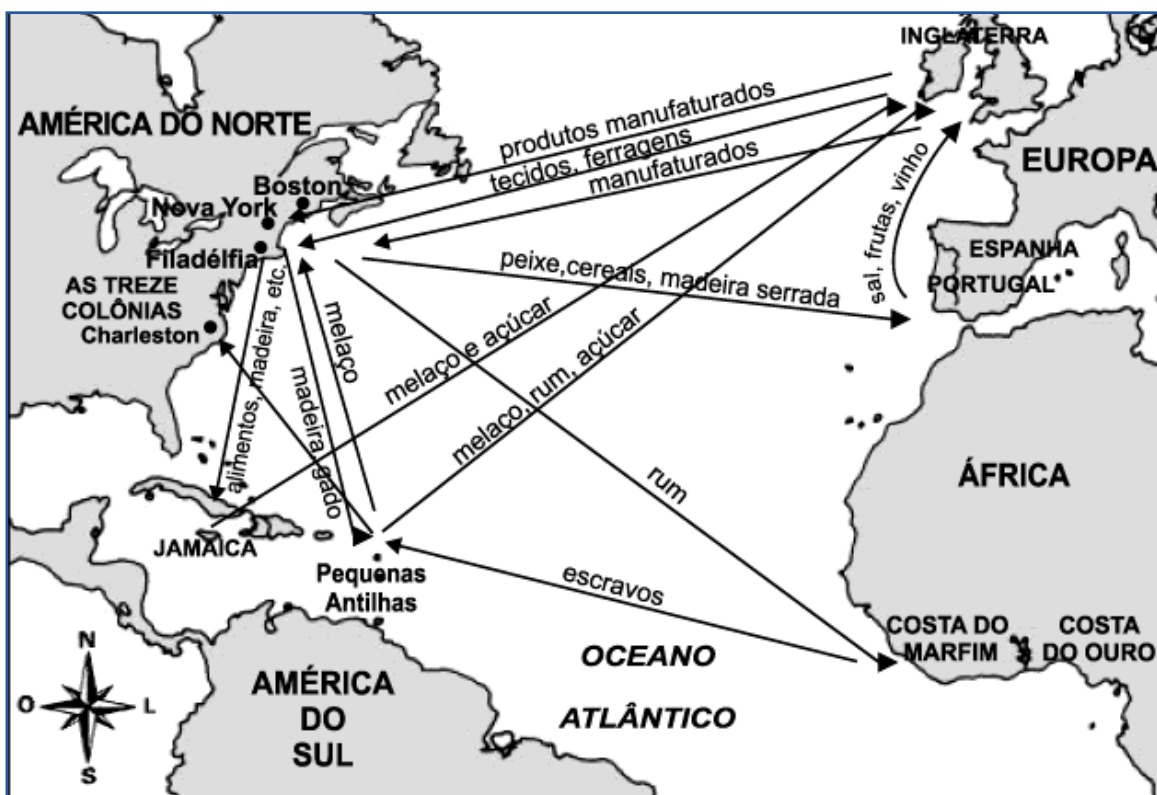


Fig. 9. Mapa ilustrativo da realização do Comércio Triangular.

5.3 O tráfico de escravos em Angola

O tráfico de escravos em Angola teve consequências desastrosas, dentre as quais destacamos as seguintes:

- **Consequências políticas**

1. Redução da população jovem/activa nos reinos;
2. Perda da autoridade por parte dos chefes africanos;
3. Desorganização das sociedades africanas;
4. Conflito entre a nobreza e o povo;
5. Debilidade dos exércitos nos diferentes reinos;
6. Aumento do conflito entre reinos africanos.

- **Consequências económicas**

- Enfraquecimento da economia, provocado por guerras internas e entre reinos;
- Regressão das forças produtivas, devido à saída da força de trabalho e o consequente enfraquecimento da produção local;
- Abandono das actividades económicas principais.

- **Consequências sociais**

1. Diminuição da população produtora e reprodutora;
2. Enfraquecimento das actividades culturais locais;
3. O escravo, por ser tratado como objecto, ganhou complexo de inferioridade;
4. Conflitos entre a população e o poder intermédio (os Mani) por colaborarem, em parte, na captura de escravos;
5. Desconfiança entre os membros das comunidades.

Durante este período, a actividade principal dos portugueses **foi a captura de escravos**. Com o passar dos anos, os reinos do Kongo e do Ndongo acabaram por ser destruídos, enquanto o comércio português de escravos foi alimentado continuamente por uma sucessão de acordos de paz, seguidos de novas agressões. Para o transporte desses escravos, utilizavam-se muitas rotas - uma delas era a rota do **Rio Cuanza**.



TEMA 6.

A OCUPAÇÃO COLONIAL DO ACTUAL TERRITÓRIO DE ANGOLA

ESTRUTURA DO TEMA

- 6.1. As campanhas de ocupação efectiva
- 6.2. A resistência à ocupação colonial do Sul de Angola
 - 6.2.1. Acções de resistência dos
Reinos do actual território angolano
- 6.3. O Sistema Colonial em Angola
 - 6.3.1. A administração colonial
 - 6.3.2 Economia colonial

A OCUPAÇÃO DO ACTUAL TERRITÓRIO DE ANGOLA

6.1. As campanhas de ocupação efectiva



Fig. 1. Capitania de Luanda no século XVII.

Em 1575, Paulo Dias de Novais instala-se em Loanda, local a partir do qual se projectou o processo de penetração para o interior. Para o efeito, é fundada a capitania de Loanda, em 1575. A capitania de Loanda estava protegida por um forte chamado de São Miguel, actual Museu Nacional de Arte Militar. As relações entre a população africana e os habitantes da capitania variavam da simples troca de produtos e de escravos aos assaltos e aos conflitos armados.

O processo de penetração desencadeou várias guerras entre os portugueses e o exército de Ngola-a-Kiluanje, rei do Reino do Ndongo. Esta invasão dos portugueses culminou com o aprisionamento de Paulo Dias de Novais, em 1560, tendo sido posto em liberdade cinco anos depois.

O mesmo regressou ao Reino de Portugal, onde propôs ao rei o uso da força para a colonização do Reino do Ndongo, do qual obteve anuência. Em consequência desta decisão, foram enviados para Angola cerca de 400 soldados e 100 famílias portuguesas.

Com o reforço dos 400 soldados, o avanço para o interior intensificou-se através de conflitos armados que culminaram com a ocupação portuguesa ao longo da costa marítima e ao longo do Rio Cuanza.

À medida que os portugueses iam conquistando terras, foram construindo diversos fortes e presídios, tanto ao longo do curso do Rio Cuanza - **Calumbo, Muxima, Masingano, Cambambe, Ambaca e Mpungo-a-Ndongo**, como em direcção ao Planalto Central - **Hanha e Caconda**.

Foi através desses fortes que os portugueses criaram uma linha ofensiva e defensiva para as guerras de kwata-kwata para a captura de escravos e também para a ocupação territorial. Portanto, o poder colonial exercia-se a partir dos presídios e dos fortes, mas de uma forma instável, conforme os avanços e os recuos da resistência dos povos do Reino do Ndongo.

A colónia de Angola desenvolveu-se graças às guerras que se faziam com os Estados do interior, onde os portugueses recolhiam produtos comerciais, como **ouro, marfim e escravos**.

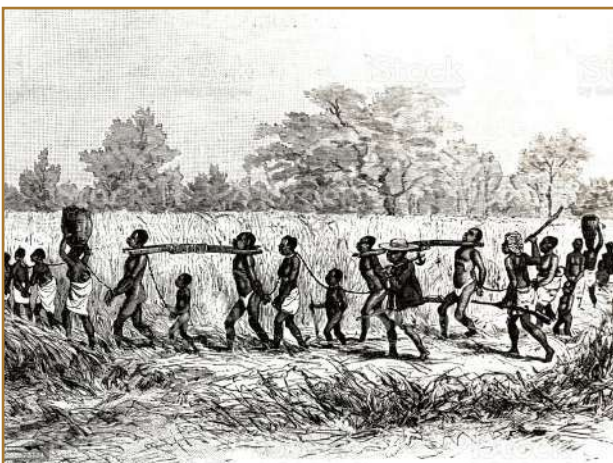


Fig. 2. Caravana de escravos.

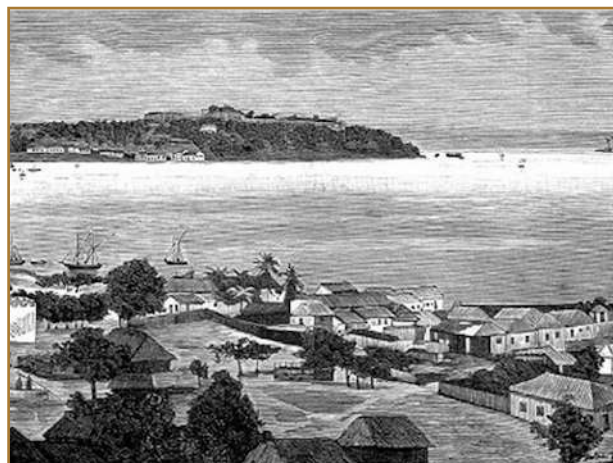


Fig. 3. À distância, pode observar-se navios de mercadorias na baía de Luanda, em 1656.

A baía de Luanda funcionava como principal porto de recepção de navios que transportavam mercadorias.

No século XVII, as fronteiras da colónia eram as seguintes:

- a Norte, o **Rio Dande**;
- a Leste, o **Rio Lucala** que fazia a delimitação com o Reino da Matamba;
- e a Sul, o **Rio Cuanza**.



Fig. 4. Ruínas do forte de Massangano.



Fig. 5. Ruínas do forte de Cambambe.

Depois de 1617, os portugueses tentaram dominar a população a Sul do rio Cuanza a partir de **Benguela-a-Nova** até Caconda, onde, em 1769, construíram um forte. Após essa data, a pressão sobre os povos do planalto intensificou-se devido à fixação de **pombeiros** e de **forças militares** em alguns presídios e aldeias criados com base na estratégia colonial portuguesa apresentada por Paulo Dias de Novais ao Rei de Portugal.

A partir dos anos de 1800, a extensão da colónia foi aumentando e, desta feita, foi anexado o **Reino da Matamba** e o presídio do Duque de Bragança. Entre 1845 e 1848, à medida que os portugueses foram avançando, fixavam as fronteiras dos territórios que estavam sob o seu controlo:

A OCUPAÇÃO COLONIAL DO ACTUAL TERRITÓRIO DE ANGOLA

- a Norte, até ao **rio Mbridje**, o limite estava oficialmente fixado pelos portugueses, embora algumas baías, como as do Ambriz e do Ambrizete e a zona dos Dembos ainda não estivessem ocupadas pelas autoridades portuguesas.
- a Sul, o limite estava próximo do Porto Alexandre, actual **Tômbua**.

Além das agressões militares, os portugueses aproveitavam-se das crises de sucessão dos reinos através do auxílio a um dos grandes pretendentes ao trono para expediram as suas possessões. Os portugueses sabiam que o candidato ajudado, uma vez no trono, reconhecera a ajuda recebida e favoreceria a realização de alguns interesses económicos e políticos dos mesmos (portugueses). Assim, iam alargando as fronteiras daquela que viria a ser a colónia de Angola. Uma das práticas da negociação era a oferta da bandeira do Reino de Portugal que deveria ser hasteada pela amizade e promessa de protecção.

No entanto, a ocupação efectiva do território que hoje constitui a República de Angola só foi terminada pelos portugueses em 1917, com a conquista do **Reino do Kwanyama**, no Sul de Angola e o Leste com a fundação da localidade de Serpa Pinto, entre Novembro de 1884 e Fevereiro de 1885, num esforço de rápido estabelecimento no local, em virtude da partição colonial de Angola, definida pela Conferência de Berlim. Este esforço, a Leste do país, teve como desfecho a negociação entre Portugal e o Reino da Bélgica em 1927 para a definição da fronteira naquela região. Desde esta data, Angola passou a ter a extensão territorial de 1.246.700 Km².

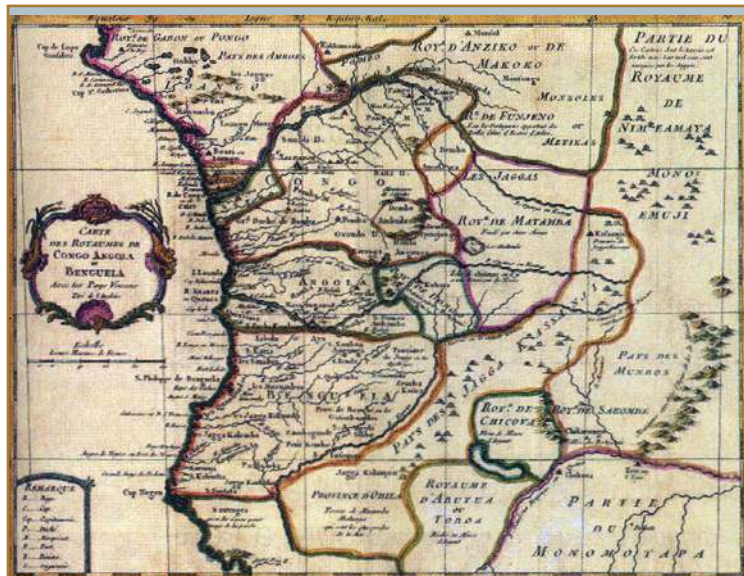


Fig. 6. Mapa francês a ilustrar as fronteiras da colónia de Angola por volta de 1754.



SABIAS QUE ...

- O insucesso no estabelecimento de relações pacíficas entre o Reino do Ndongo e os portugueses levou o Rei de Portugal a criar sistemas de fortalezas?
- A capitania de Luanda foi a primeira a ser fundada, em 1575.
- Os **pombeiros** eram negociantes europeus que atravessavam regiões do interior para negociar com os indígenas dos reinos.
- O **Presídio** era um lugar para recolher degredados (criminosos) vindos de Portugal para cumprir pena em Angola e também servia de lugar de socorro e de defesa onde se abrigavam as forças militares coloniais.

6.2. A resistência à ocupação colonial do Sul de Angola

Como vimos na página anterior, até ao início dos anos de 1900, Portugal não tinha conseguido ainda ocupar efectivamente algumas regiões de Angola, em virtude da resistência que os vários reinos, à época, ofereciam aos colonialistas.

Esta resistência caracterizou-se, principalmente, como sendo de natureza **social, cultural e militar**.

A resistência social e cultural verificou-se porque a população do reino não quis aceitar a **religião cristã**, a religião trazida pelos portugueses, nem os seus hábitos e costumes, bem como a sua língua. Um exemplo deste facto foi a **Revolta da Casa dos Ídolos**, no Reino do Kongo. Esta revolta teve como causa a proibição do **culto animista** e a queima dos objectos relacionados com o culto dos antepassados dos africanos. A revolta foi dominada pelos portugueses com a ajuda de alguns chefes dos reinos.



Fig. 7. Ilustração sobre a Revolta da Casa dos Ídolos.

Além de pretenderem a expansão da religião, os portugueses também procuravam interferir na **sucessão dos monarcas**, pois destituíam uns para colocar outros a quem pudessem impor as suas ordens.

6.2.1. Acções de resistência dos reinos do actual território angolano

Quanto à resistência armada, temos os exemplos de **Ngola-a-Kiluanje, Bula Matadi, Njinga Mbande, Ekuikui II, Mutu-ya-Kevela, Mandume** e tantos outros que pegaram em armas para lutar contra a ocupação colonial portuguesa.

A resistência que os portugueses encontraram na tentativa de conquistar o Reino do **Ndongo** parece ter sido a esperada. A razão principal foi porque combatiam contra um poder estabelecido pelo Ngola e os seus chefes locais, reforçados por vezes pela aliança com alguns povos, como os Imbangala.

Os Imbangala, liderados pelo chefe **Cafuxe**, habitavam na margem Sul do Rio Cuanza e eram numerosos. O chefe **Cafuxe** dificultava seriamente as comunicações dos portugueses ao longo do rio.

Foi em **Angoleme-Ya-Kitambo** que os portugueses enfrentaram um exército de coligação de vários povos –**Ambundu, Imbangala e Bakongo** - chefiados por **Ngola-a-Kiluanje**. Através desta coligação, Ngola-a-Kiluanje e os seus aliados conseguiram limitar as posições portuguesas aos fortes de Massangano (Cuanza-Norte), Muxima e S. Miguel (Luanda).

As revoltas mais conhecidas foram as dos sobados da **Quissama** (coligação de 1590 – 1600 e coligação de 1625 – 1656) e a dos **Dembos** que protegiam grupos de escravos fugidos. Para além destas, foram conhecidas também revoltas como as dos sobados do **Ndongo**, da **Matamba**, do **Kongo**, dos **Cuvale** e as do **Planalto Central de Angola**.

A Defesa do Território contra a Invasão do Sul de Angola

Até à véspera da ocupação colonial, o extremo Sul de Angola seguia o seu próprio desenvolvimento através das seguintes estruturas sócio-políticas: !Kung (Khoisan), Vátwa, Ovawambo (Ambó), e Ovanyaneka-Nkhumbe.

Os portugueses começaram a explorar a região Sul em 1844, quando B. J. Brochado explorou o Reino do Mulondo e atingiu os Reinos dos Ovawambo, em 1850. Até 1885, a ocupação portuguesa no Sul de Angola concentrava-se, sobretudo no litoral, em Moçâmedes (fundada em 1786), que se assumiu como ponto de partida para a penetração para o interior. Foi assim que em 1855, a Huíla foi transformada em colónia militar, de onde partiram as colunas para a ocupação dos reinos do Ovanyaneka-Nkhumbe e do Ovawambo (Ambó) bem como das sociedades Vátwa e !Kung (Khoisan).

Após resistências lideradas pelos reis Tchivalanka e Luhuna do Reino do Nkhumbi (Humbi), no período entre 1857-1915, os territórios dos Ovanyaneka-Nkhumbe foram conquistados pelos portugueses.

Nos anos de 1900, os colonialistas portugueses e alemães disputavam o extremo Sul de Angola (territórios que constituem os reinos dos Ovawambo ou Ambó), pois, nessa altura, eram verdadeiros rivais. As principais razões desta rivalidade eram a disputa do território e do gado que constituíam fontes de riqueza dos povos do Sul de Angola.

Embora os reinos dos Ovawambo (Ambó) do Sul de Angola tivessem abertura ou relação (económica, social, militar e política) com os alemães do Sudoeste Africano (actual Namíbia), os portugueses não tinham perdido a esperança de conquistar este território. Entretanto, em meados do século XIX, os Ovawambo já possuíam armas de fogo, o que aumentou consideravelmente a sua capacidade de luta.

O apoio da Alemanha aos Ovawambo foi intensificado na véspera da primeira Guerra Mundial com o objectivo de potenciar os autóctones na luta contra os portugueses.

Foi deste modo que os povos Ovambadja (sub-grupo dos Ovawambo), sob liderança de Ihula (rei do Ombalayo Omhungu) e Sahulu Sha Hamadila (rei de Onaluheke), em 1904, na região do Vau do Pembe, comandaram a batalha que terminou com a maior derrota portuguesa na África sub-sahareana.



Fig. 8. Fotografia do Rei Mandume, herói da resistência à ocupação colonial.



Fig. 9. Fotografia do Rei Mandume, herói da resistência à ocupação colonial e parte do seu exército.

Após os portugueses vencerem os Ovambadja, na batalha de Mufilo (1907), conquistaram àqueles reinos e de seguida, a coluna portuguesa avançou para conquistar Ondjiva, capital do Reino do Ovakwanyama (Cuanhama). Na época, estava no trono o Rei Mandume.

Os Ovakwanyama organizaram a sua estrutura militar e ofereceram aos portugueses uma série de resistências em batalhas incomuns (Môngua e Oihole) na história da resistência à ocupação portuguesa. O desgaste da guerra, o abandono de alguns guerreiros Ovakwanyama e a superioridade militar portuguesa enfraqueceu o exército do Reino do Ovakwanyama.

Perante esta situação, Mandume acabou por se suicidar, em 1917, pois preferiu a morte a sujeitar-se a viver sob a dominação portuguesa. Com a morte do Rei Mandume, termina a resistência à campanha portuguesa para a ocupação definitiva da região Sul de Angola.

6.3. O Sistema Colonial em Angola

O sistema colonial português, em Angola, foi concebido com o objectivo de fornecer à Europa **matéria-prima a baixo preço**, em troca das **mercadorias manufacturadas na Europa**.

Com o passar do tempo, os capitalistas da Europa e dos EUA verificaram que empregando o seu capital nas colónias obteriam muito mais lucros do que se investissem nos seus próprios países, por causa da **mão-de-obra barata local**.

Enquanto se desenvolvia a produção capitalista, operava-se a passagem do **capitalismo** para o **imperialismo**. Esta passagem aumentou o interesse dos países europeus na ocupação das colónias em África.

A partir de 1876, alguns países da Europa, tais como a Alemanha e outros, começaram a instalar colónias em África. Este facto deu origem à disputa e à partilha do continente africano, antecedido pela realização da **Conferência de Berlim** que ocorreu entre 15 de Novembro de 1884 e 26 de Fevereiro de 1885, presidida pelo Chanceler Alemão Otto Von Bismarck.

A Conferência de Berlim foi realizada com a finalidade de dividir o continente africano entre as potências coloniais, institucionalizar o domínio territorial e a capacidade de penetração das grandes potências europeias, com o fim de inviabilizar definitivamente os direitos históricos de posse e ocupação, fazendo aprovar o conceito de ocupação efectiva das costas do continente africano.

A partilha de África impôs a Portugal a definição das fronteiras dos seus territórios com os das novas potências. Em 1887, o Governo Português decide avançar com um plano de expansão no Sul de África, isto depois de ter garantido, através de tratados, respectivamente com a França e a Alemanha, os limites fronteiriços na Guiné, no Sul de Angola e a Norte de Moçambique.



Fig. 10. Mapa inglês a ilustrar as fronteiras das colónias africanas por volta de 1895.

Este plano apostava na ocupação efectiva, na modernização, na afirmação da soberania, na definição de fronteiras no interior do continente e no recurso ao investimento estrangeiro. Deste modo, Angola ficou sob o jugo colonial português até 10 de Novembro de 1975, altura em que foi proclamada a sua independência.

6.3.1. A administração colonial

Os órgãos da administração colonial portuguesa

As formas de administração colonial, em África, variavam de potência para potência. Em Angola, os portugueses utilizaram a **administração directa**. Isto significa que, através dessa administração, os territórios colonizados eram governados directamente pelo aparelho de Estado estrangeiro, ou seja, era a Metrópole colonial a instalar os seus representantes administrativos na colónia, aos quais a população ficava sujeita.

Por esse motivo, as antigas leis utilizadas para governar as comunidades e os chefes africanos de domínio português não tinham qualquer legitimidade e só eram utilizadas segundo a conveniência do aparelho da administração colonial portuguesa.

Em Angola, o representante da autoridade administrativa portuguesa na colónia era um militar com a patente de capitão, na fase inicial que correspondia ao período de ocupação. Ele era considerado o chefe militar e tinha como função dominar, saquear e receber os tributos à população. Mais tarde, a responsabilidade política e administrativa passou a ser de um **governador**, uma vez que o território já tinha sido ocupado e dividido administrativamente por distritos.

À princípio, a funcionalidade do governo local e as respectivas leis dependiam do governo de Portugal. Posteriormente, as instruções gerais eram entregues ao governador no início do exercício do seu mandato através de um regulamento ordenado pelo Governo de Portugal.

Havia um **Conselho do Governo** de que faziam parte os militares, os comerciantes, os funcionários, os missionários e os moradores mais influentes da cidade que eram designados para aconselhar o governador.

Havia também outros responsáveis que organizavam os tribunais, controlavam o tráfico de escravos e o pagamento de impostos destinados aos cofres da administração colonial. De acordo com as necessidades, os governadores foram criando novas estratégias na aplicação de leis relativas ao comércio, aos impostos, à justiça e às heranças.

Assim, paulatinamente, foram criados órgãos da administração local que permitiram ao governador e à população europeia assegurar os seus interesses e intensificar a opressão e a exploração da população angolana.



Fig. 11. Norton de Matos, Governador-Geral da Província de Angola entre 1912 e 1915.

6.3.2. A economia colonial

O trabalho forçado e o contrato

Os países europeus permitiram aos governadores das colónias assegurar os seus interesses e intensificar a exploração da população africana, substituindo a escravatura pelo **trabalho forçado e sob forma de contrato**.



Fig. 12. Um comboio de cana-de-açúcar, na Fazenda Tentativa, (Alto Dande) na década de 1940.

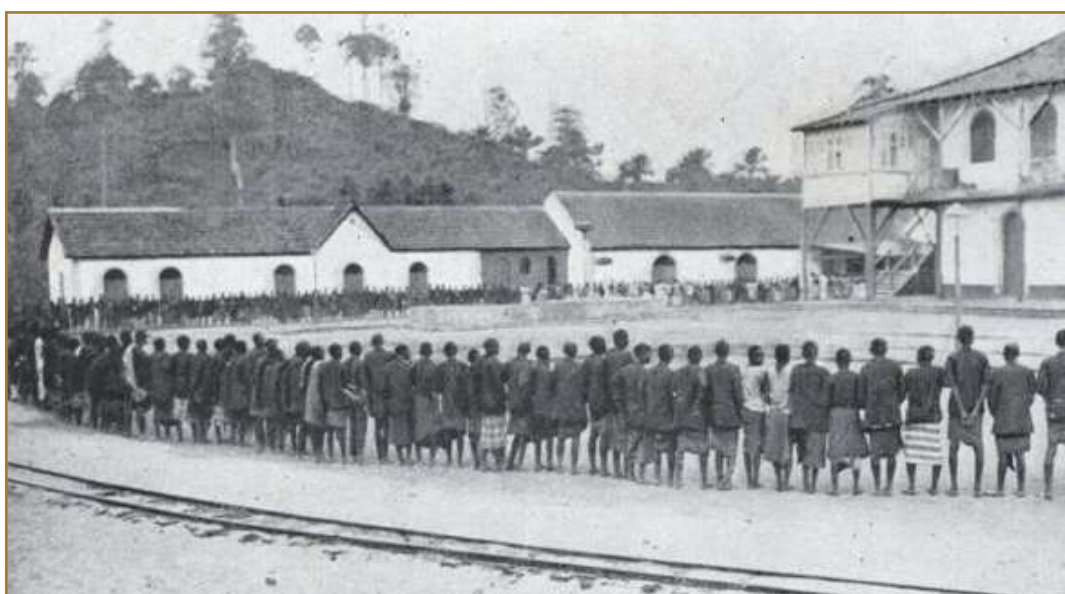


Fig. 13. Um grupo de trabalhadores forçados ao contrato na ilha de S. Tomé.

Já vimos que devido ao avanço da tecnologia e à abertura de novos mercados, as indústrias europeias precisavam cada vez mais de **matéria-prima**, cuja fonte eram as colónias.

Em virtude da abertura de novas minas de cobre, diamante, ferro, ouro e de outras, as colónias foram profundamente afectadas com a exploração de matéria-prima, em função dos recursos que cada uma possuía. Para tal, os colonialistas empregaram a força e utilizaram duas formas:

A OCUPAÇÃO COLONIAL DO ACTUAL TERRITÓRIO DE ANGOLA

- **Forma Directa** - através de prisões, a fim de obrigar os povos colonizados a trabalharem nas minas, nas plantações de cana-de-açúcar, de café, de sisal e de algodão.
- **Forma Indirecta** - por meio de pagamento de impostos. Como os africanos não possuíam dinheiro, eram obrigados a submeter-se ao trabalho forçado.

Os africanos eram obrigados a trabalhar cada vez mais para os europeus e cada vez menos para si próprios. Deste modo, a Europa e a América enriqueceram à custa dos africanos.

O sistema colonial apoiava-se cada vez mais na ideia de que os africanos eram incapazes de se governarem a si próprios e empregaram também a “ideia do complexo de inferioridade da raça” para melhor subjugar e dominar os africanos em geral e os angolanos em particular.

Para melhor dominar os povos africanos, os colonialistas criaram estratégias para dispersar as populações e desfazer a unidade de cada povo.

Com a abolição da escravatura, em 1854, o governo português adoptou um novo modelo de trabalho forçado sob forma de contrato e criou uma taxa que obrigava os trabalhadores a efectuar o pagamento de imposto com produtos como: o algodão, o café, a cana-de-açúcar, o sisal e outros.



Fig. 14 A Fábrica de Tabacos Ultramarina, construída nos primeiros anos de 1900, em Luanda.



Fig. 15. Nota de angolar e moeda de escudo de Angola.

O trabalho forçado sob forma de contrato era um **trabalho temporário** e muito **mal pago**.

O governo colonial português, em Angola, utilizou dois tipos de moeda: primeiro o Angolar e posteriormente o Escudo.

Ao longo deste processo, com a implantação do governo fascista em Portugal (1926), o Angolar foi substituído, em Angola, pelo Escudo, como consequência da desvalorização dos salários.

Durante o período de colonização, surgiram as **grandes fazendas** ou plantações de algodão, cana-de-açúcar, café, sisal e outros, assim como as **empresas de exploração mineira**, como, por exemplo, a **DIAMANG** (empresa de exploração de diamante que operou na então distrito da Lunda entre os anos 1917 e 1988). Isto mostra como os produtos de grande rendimento estavam nas mãos das **grandes companhias coloniais** e não nas mãos dos africanos, servindo para alimentar não a mão-de-obra, mas a exportação. Para o escoamento desses produtos, foi necessário começar a abrir várias **vias de comunicação**, nomeadamente as **estradas** e os **caminhos-de-ferro**.

Por fim, o objectivo principal dos colonialistas foi o de **manter o domínio total dos povos africanos e a sua inserção na estrutura política e económica colonial, com a perda da sua identidade política e cultural.**

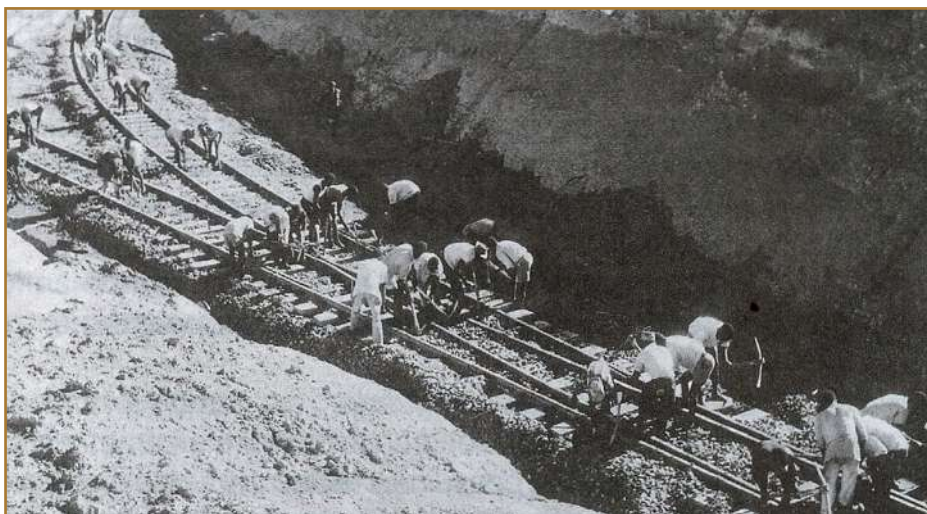


Fig. 16. Operários a trabalhar na construção do caminho-de-ferro de Benguela.

A expropriação das terras e a imposição de culturas obrigatórias

Portugal, embora fosse um país colonizador, era economicamente dependente da Inglaterra. Por este motivo, não possuindo meios para desenvolver a sua indústria, permitiu que o **capital financeiro** de outras potências fosse investido em Angola.

Deste modo, as **grandes companhias estrangeiras**, sob a forma de monopólios, como a **Cotonang**, a **Diamang**, o **Caminho-de-Ferro de Benguela**, a **Cabinda Gulf Oil Company** e outras desenvolveram bastante a sua actividade, bem como a produção de **matéria-prima** como o algodão, o café, o diamante, o ferro, o cobre, o manganês, o petróleo, entre outros. Estes asseguravam enormes lucros dos quais o Estado Colonial Português recebia uma percentagem. Em parte, os enormes lucros eram, sobretudo, devido à utilização de mão-de-obra africana quase gratuita.

Angola tornou-se uma fonte de produção de **matéria-prima barata** para os países ocidentais e foi esta a época de maior exploração das riquezas do país e do seu próprio povo.

Para além da expropriação de terras para a exploração de minério, os portugueses procediam da mesma forma em relação à agricultura. Expropriavam dos autóctones as terras férteis para a prática da agricultura. Os advogados Alfredo Troni, Assis Júnior e outros nacionalistas procuram defender os seus clientes da expropriação de terras. Entretanto, essas acções não eram bem vista e foi assim que o advogado Assis Júnior foi preso e deportado para Portugal.

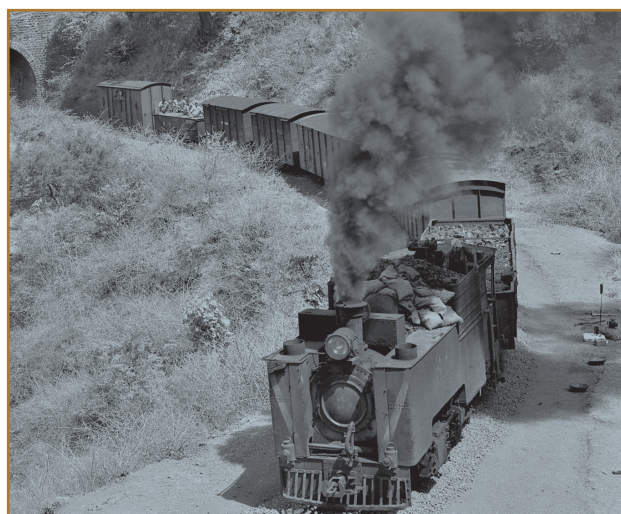


Fig. 17. Transporte de minério no Lobito.

Consequências da economia colonial em Angola

As populações de Angola, por causa da exploração imposta pelos colonialistas portugueses, realizaram revoltas, isto é, resistiram contra as medidas da administração colonial. Lutavam contra os impostos, a expropriação de terras e o trabalho forçado.

A luta de resistência era feita de forma isolada ou em coligações. Os povos de Angola, por um lado, e de África, por outro, procuraram resistir contra a ocupação e a dominação estrangeira de todas as formas: através de **revoltas, lutas armadas, fugas de escravos, incêndios e assaltos a postos comerciais**. No entanto, apesar de tudo, viram-se obrigados a estar sujeitos à dominação e à exploração colonial portuguesa.

Qual foi a principal razão do insucesso das resistências?

A razão principal do insucesso das resistências foi a **falta de unidade** que deu origem à divisão das forças de resistência e, conseqüentemente, à dominação total dos povos destes reinos e das sociedades tradicionais que ficaram sob o domínio da exploração estrangeira. Porém, as experiências dos seus antepassados e de outros povos permitiram-lhes o emprego de novas estratégias que conduziram à libertação da sua terra.

Observa o esquema abaixo:

Datas	Revoltas	Chefes	Objectivos
1901-1902	Ovimbundo	Mutu-ya-Kevela	Contra o trabalho forçado
1908	Dembos	Kazuangongo	Contra o trabalho forçado
1913	Bakongo	Tulante Buta	Contra a exportação de contratados para S. Tomé
1917-24	Amboim		Contra a expropriação de terras, os impostos e o trabalho forçado
1925	Ambriz		Contra a captura clandestina de escravos, os impostos e o trabalho forçado
1940-48	Cubal		Contra a expropriação de gado e outras formas de exploração

As outras razões do insucesso da resistência foram:

- A utilização de armas de fogo pelos colonialistas durante a guerra. Isto teve como consequência a vitória dos portugueses contra os movimentos de resistência, em geral, fracamente armados.
- A ambição pelo poder. Alguns chefes de povos ou de reinos de Angola, desejosos de manter o poder, não se importaram de servir de intermediários das intrigas fomentadas pelos portugueses, uma vez que estes os ajudariam a manter-se ou a conquistar o trono.



VÊ SE SABES ...

1. Menciona algumas fortalezas (fortes) construídas pelos colonialistas portugueses depois de se terem fixado no território angolano.
2. Qual era o papel desses fortes?
3. Como era chamado o representante da autoridade administrativa portuguesa na colónia?
4. Diz, por palavras tuas, o que entendes por trabalho forçado.
5. Quem foi Mandume?
6. Quais foram as duas razões principais que levaram ao enfraquecimento dos reinos contra a ocupação portuguesa?



TEMA 7.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

ESTRUTURA DO TEMA

- 7.1. O desenvolvimento do nacionalismo
- 7.2. O nacionalismo angolano
- 7.3. A Luta Armada de Libertação Nacional
- 7.4. O 11 de Novembro de 1975

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

7.1. O desenvolvimento do nacionalismo

Perante a insistência do regime colonial em não querer libertar o povo angolano, os nacionalistas viram-se obrigados a organizarem-se em movimentos reivindicativos, primeiro de forma clandestina e, mais tarde, de luta armada contra o colonialismo português.



Fig. 1. Fotografia de um grupo de guerrilheiros angolanos.



Fig. 2. Uma sessão de esclarecimento nas zonas libertadas.



Fig. 3. Esquadrão Bomboko.



Fig.4. Uma picada cortada durante os ataques da UPA em 15 de Março de 1961.

Como sabes, o actual território de Angola era no passado um **conjunto de reinos**, isto é, um território constituído por vários **povos livres**: povos do Reino do Kongo, do Ndongo, da Matamba, da Lunda, do Bailundo, entre outros.

As primeiras manifestações da tomada de consciência da necessidade de resistência e luta pela liberdade e independência do actual território de Angola datam de **1575**, momento em que **Ngola-a-Kiluanje**, Rei do Ndongo, travou a campanha militar de ocupação territorial conduzida pelo português Paulo Dias de Novais, representante português na Colónia de Angola.

Desde 1575 até à data da Proclamação da Independência Nacional, as lutas sucederam-se umas atrás das outras, tornando-se cada vez mais organizadas, pois a população foi ganhando experiência na luta de resistência contra o invasor português. Foi assim no Norte, no Planalto Central, no Leste e no Sul de Angola.

Por exemplo, **Ekuiqui II**, Rei do Bailundo, tentou criar bases económicas para assegurar a independência do seu povo. **Mandume**, Rei dos Kwanyama, soube explorar as contradições entre as potências coloniais e proceder a uma mobilização popular sem igual.

Vita-a-Nkanga (Mani Mulaza), Rei do Kongo, insatisfeito com as acções mercantilistas (tráfico de escravos) dos portugueses no seu reino, lutou contra o exército português, tentando expulsar os mesmos do seu território.

Por outro lado, **Mutu-ya-Kevela**, também Rei do Bailundo, lutou contra a presença portuguesa no seu reino.

Recorda-se que, apesar das grandes resistências contra a presença colonial portuguesa, as populações do actual território de Angola foram derrotadas militarmente e, por isso, Angola tornou-se uma colónia portuguesa.

Em suma, pode-se afirmar que o nacionalismo angolano também se inspirou nas lutas de resistência contra as acções mercantilistas e a ocupação territorial de Angola. Por esse motivo, podemos compreender que o nacionalismo angolano é consequência de todas as transformações e experiências acumuladas durante várias etapas da **tomada de consciência do povo de Angola**.

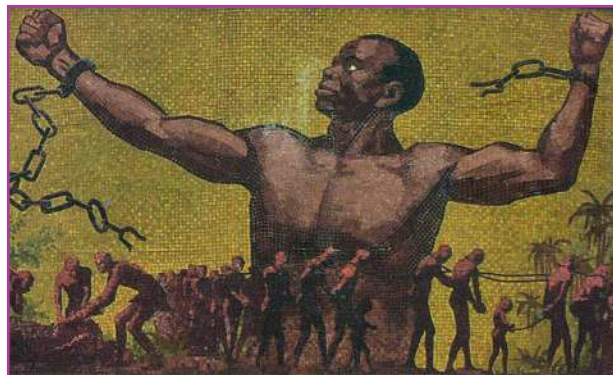


Fig.5. Desenho no monumento da Praça da Independência a representar a libertação do jugo colonial.

7.2. O nacionalismo angolano

As associações culturais

Além das experiências acumuladas durante a etapa da **tomada de consciência do povo de Angola**, o nacionalismo angolano também teve origem em algumas camadas da burguesia e de intelectuais de Angola, isto nos finais dos anos de 1800.

Estas associações tinham como finalidade a organização e a consciencialização da população, a fim de participar das reivindicações nacionalistas, relacionadas com os direitos de liberdade e de justiça social.

Durante o ano de 1929 deu-se início à criação dos movimentos de reivindicação popular. Em Luanda foi oficialmente criada, a 17 de Julho de 1930 e, posteriormente, legalizada a 29 de Julho de 1930, a **Liga Nacional Africana (LNA)**, herdeira das ideias da **Liga Africana (...)**. Já a **ANANGOLA, Associação dos Naturais de Angola**, criada sensivelmente na mesma altura da Liga Nacional Africana, era herdeira do Grémio Africano que apareceu em Lisboa sob a iniciativa de naturais das colónias. Regista-se, igualmente em Luanda, em 1947, o surgimento do Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola sob o lema “Vamos Descobrir Angola”. Da actividade associativa e nacionalista toma relevo aquela desenvolvida pelos estudantes das colónias concentrados na Casa dos Estudantes do Império - CEI.

As primeiras organizações nacionalistas

A partir dos anos de 1950 começaram a surgir as primeiras organizações nacionalistas angolanas que eram movimentos com ideais independentistas, tais como o Partido de Luta Unida por Angola- **PLUA**, isto em 1953, e a União das Populações do Norte de Angola - **UPNA**, em 1954, esta última transformada na União das Populações de Angola - **UPA**, em 1958.

As medidas da administração colonial eram muito severas (impostos, trabalhos forçados, contratos, entre outros) e obrigavam alguns angolanos a abandonar o território nacional para se fixarem nos países vizinhos: **Congo Belga** (actual República Democrática do Congo), **Congo Francês** (actual República do Congo - Brazzaville) e a **Zâmbia**.

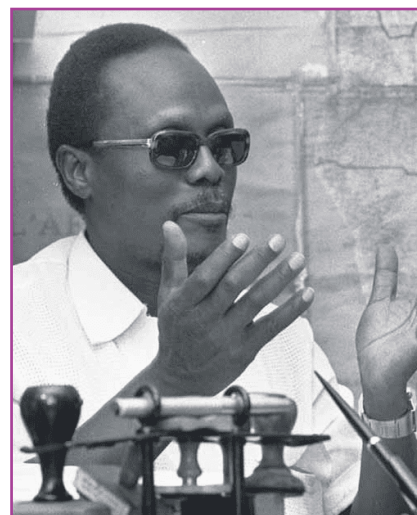


Fig.6. Holden Roberto, em 1961, no Zaíre, República Democrática do Congo.



Fig. 7. Dr. Agostinho Neto, numa fotografia de arquivo da PIDE, a polícia política portuguesa na época colonial.

A **UPA** exercia as suas acções clandestinas no Congo Belga, mas tanto os belgas como os portugueses realizavam acções de “caça ao ser humano” para impedir as actividades armadas.

Luanda foi um dos locais mais férteis para o nascimento de organizações nacionalistas, apesar de ter sido instalado o poder administrativo central da colónia portuguesa.

O governo colonial português sofreu um grave golpe com o surgimento das primeiras organizações nacionalistas em Angola. Por essa razão, a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), a polícia política dos colonialistas, desencadeou acções de perseguição aos nacionalistas - entre eles, **Ilídio Machado e Viriato da Cruz**.

4) Zau, Filipe - Marítimos Africanos e um Clube com História - Universitária Editora - Lisboa - 2005.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

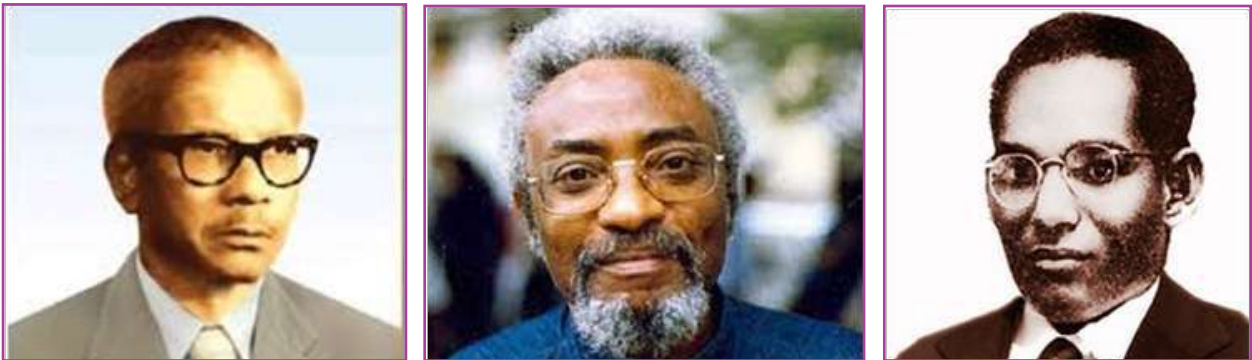
Nos finais dos anos de 1950, as organizações nacionalistas, tais como o Partido de Luta Unida por Angola - **PLUA**, o Movimento pela Independência de Angola - **MIA**, o Movimento para a Independência Nacional de Angola - **MINA**, fundem-se e formam o Movimento Popular de Libertação de Angola - **MPLA**.

O Manifesto.

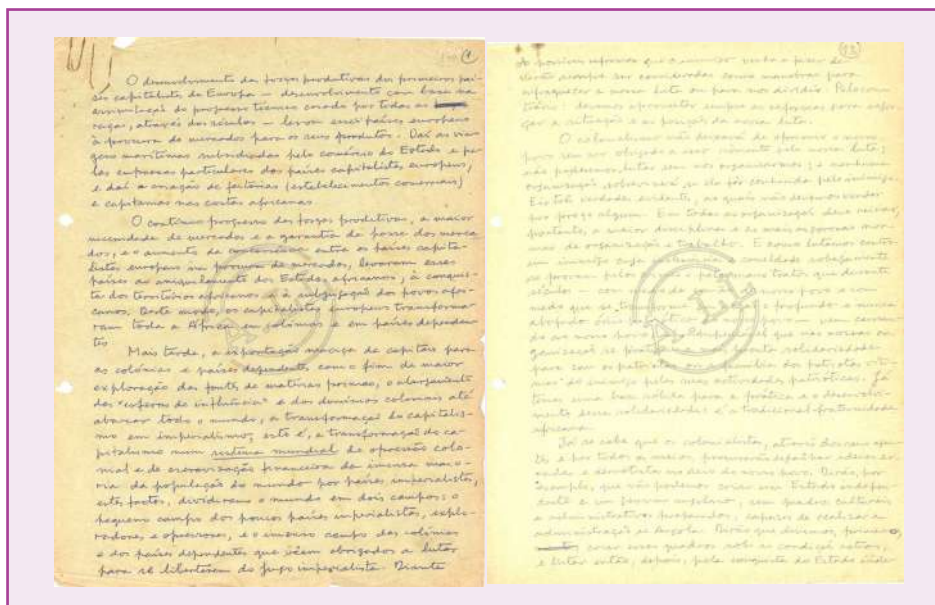
O primeiro marco da história do MPLA é datado de 10 de Dezembro de 1956, altura em que o seu “Manifesto” se tornou público.

O manifesto é um texto de carácter político, cultural ou social, com a finalidade de expressar o ponto de vista de um ou de mais autores.

O **Manifesto** do MPLA é um documento denso dactilografado em oito páginas, da autoria dos seus fundadores, Ilídio Machado, Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz, com a participação de outros membros, como António Jacinto e Mário Jacinto de Oliveira, entre outros.



Figs. 8, 9 e 10. Os fundadores do MPLA, da esquerda para a direita: Ilídio Tomé Alves Machado, Mário Coelho Pinto de Andrade e Viriato Clemente da Cruz.



Figs. 11. Documento sem título conhecido como “Manifesto do MPLA”. Associação Tchiweka de Documentação.

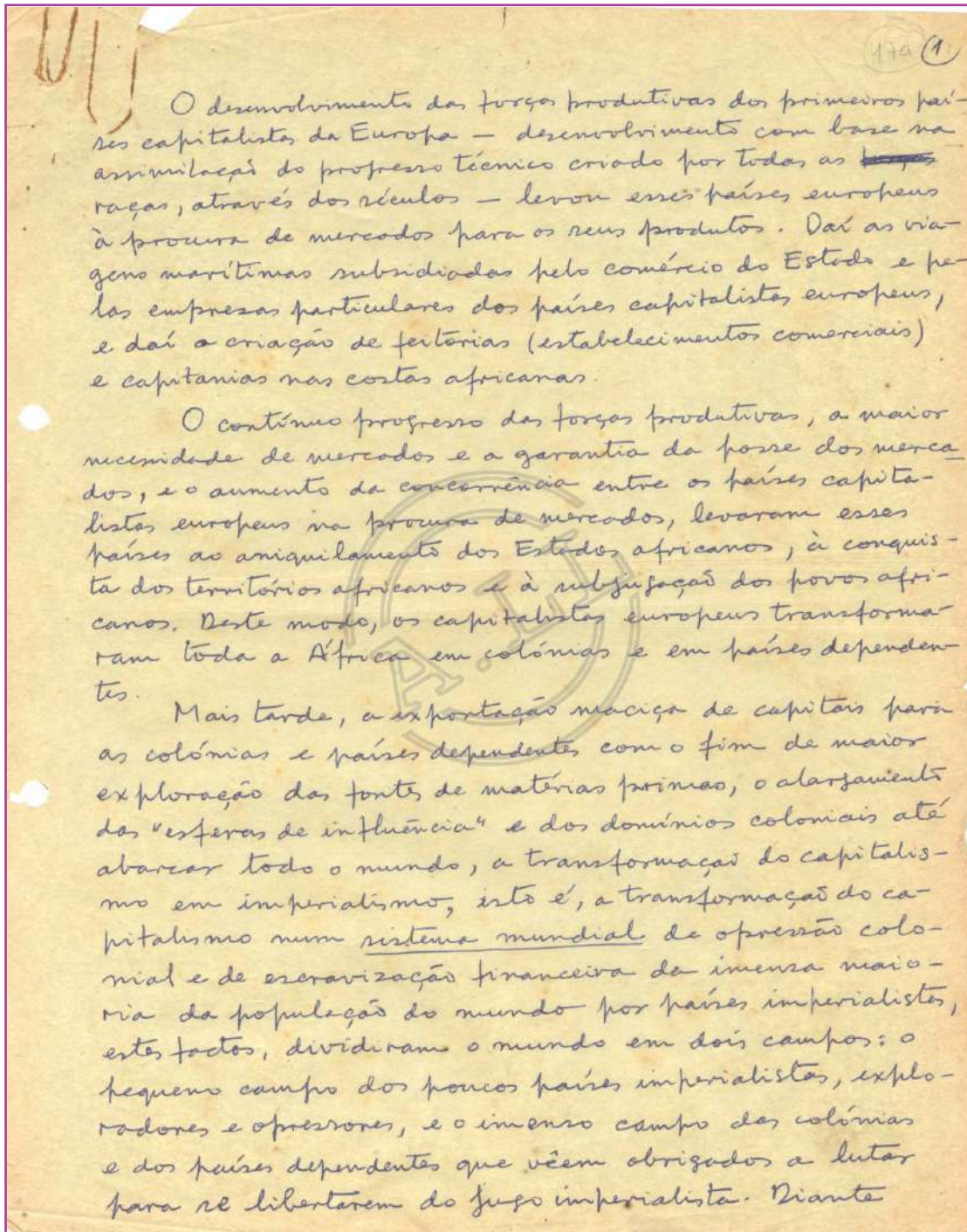


Fig. 12. Página manuscrita do Manifesto.

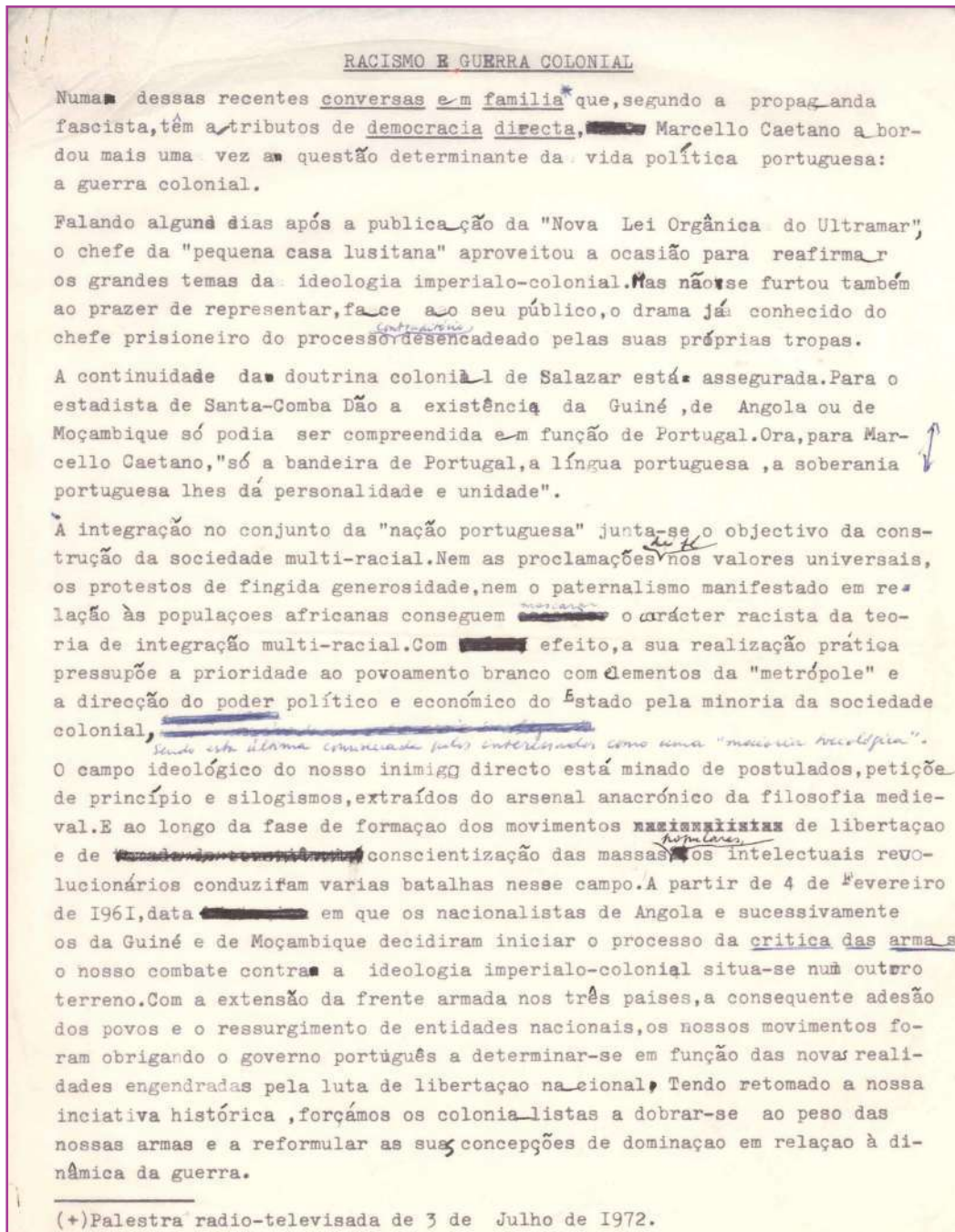


Fig. 13. Página dactilografada do Manifesto.

7.2.1. A Luta Armada de Libertação Nacional

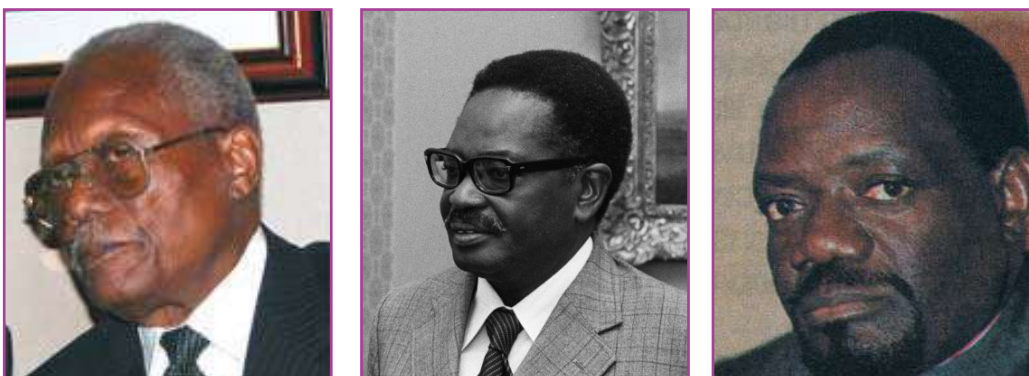


Fig. 14, 15 e 16. Os líderes dos três Movimentos de Libertação Nacional de Angola (da esquerda para a direita): Holden Roberto (FNLA), Agostinho Neto (MPLA) e Jonas Savimbi (UNITA).

As manifestações de descontentamento contra o regime colonial português agudizaram-se a partir de **1960**. Na altura, muitos países de África ascenderam à independência, incluindo os países vizinhos de Angola: a República Democrática do Congo, Ex. Zaire, a República do Congo, ex-Congo-Leopoldville e, em 1960, quatro anos depois, a República da Zâmbia. A independência dos países vizinhos despertou nos nacionalistas angolanos o sentimento de liberdade de um povo ainda sob o domínio colonial português.

Assim, o ano de **1961** constituiu um marco na história do nosso país, tendo-se registado vários acontecimentos que contribuíram para o início da luta pela independência nacional. Entre esses acontecimentos, destacam-se a revolta da Baixa de Kassanje, a revolta de 4 de Fevereiro e o levantamento de 15 de Março.

Revolta da Baixa de Kassanje

Um dos eventos fundamentais que antecedeu no início da Luta de Libertação Nacional foi a revolta da Baixa de Kassanje, na província de Malanje. Tratou-se de um levantamento popular rigoroso que teve lugar no dia 4 de Janeiro de 1961 contra as más condições de vida dos trabalhadores da região algodoeira. Essa contestação ao sistema colonial foi duramente reprimida pelas autoridades coloniais. Houve destruição e mortes nunca antes vistas. A reacção do regime colonial ficou conhecida como **Massacre da Baixa de Kassanje**. A revolta foi considerada como a mais clara manifestação do nacionalismo angolano dos tempos modernos.

A revolta de 4 de Fevereiro de 1961

As manifestações nacionalistas iniciadas na Baixa de Kassanje assumiram uma dimensão nacional e internacional. No dia **4 de Fevereiro de 1961**, jovens e trabalhadores da capital de Angola - Luanda - lançaram um ataque às cadeias para libertar os detidos políticos que se encontravam na **prisão de São Paulo**.



Fig.17. Sobreviventes do 4 de Fevereiro no memorial erigido em homenagem aos heróis.

O 4 de Fevereiro já não teve o carácter do 4 de Janeiro, pois foi fruto da aturada conspiração e organização política e militar orientada pelo **Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)**.

Os nacionalistas, para iniciarem a Luta de Libertação Nacional contra a opressão colonial, tiveram a colaboração e a participação de várias personalidades. Entre elas destaca-se o Cónego Manuel das Neves, além de outros combatentes que posteriormente seriam identificados com uma ou outra formação política, isto é, com os primeiros movimentos de libertação de Angola, a FNLA e o MPLA.

Holden Roberto, líder da UPA (União dos Povos de Angola), dirigiu as suas acções a partir da República Democrática do Congo, onde se tinha estabelecido.

No dia 15 de Março de 1961, no Norte de Angola, a UPA ataca as fazendas dos colonos. Este movimento político desenvolveu as suas acções de guerrilha com maior incidência no Norte do País.

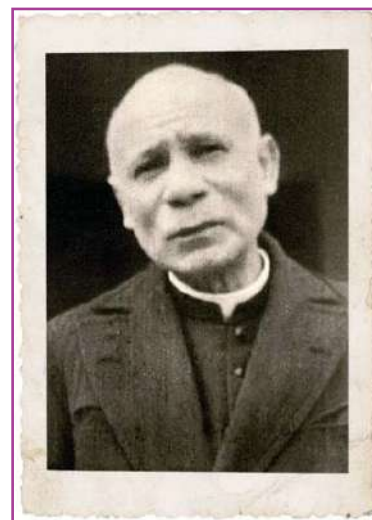


Fig.18. Cónego Manuel das Neves.



Fig. 19. Fotografia de uma acção de membros da UPA contra as fazendas dos colonos do Norte do país, no dia 15 de Março de 1961.

A organização das primeiras **unidades de guerrilha** após o 4 de Fevereiro e o 15 de Março de 1961, assim como o **alastramento das revoltas** nas áreas rurais do Norte do país fizeram com que muitos patriotas abandonassem as cidades e concentrassem as suas actividades nas matas a Norte da capital, enquanto outros se viram forçados a refugiar-se nos **países vizinhos**, em especial no então Congo-Leópolis, onde desde tempos mais remotos, existia já uma comunidade angolana considerável.

Nos primeiros tempos, constituíam-se grupos de guerrilheiros que atacavam, em certos períodos, as cidades e depois regressavam às matas. O **apoio popular** teve um papel muito importante durante a guerrilha, visto que, nas suas deslocações, os grupos de combatentes eram acolhidos e alimentados nas aldeias por onde passavam.

Nas regiões sob controlo dos guerrilheiros, e sempre que havia condições, estabeleciam-se postos sanitários e escolas. As mulheres, os idosos e as crianças cultivavam a terra para se alimentar e para alimentarem também os guerrilheiros que davam o seu sangue, isto é, as suas vidas, pela independência da Pátria. Também se realizavam actividades culturais e recreativas que animavam os guerrilheiros a prosseguir o combate.

Os tempos de simples contestação ao sistema colonial pertenciam ao passado: “a fase era agora de **luta armada**”.

É neste contexto que **Tomás Ferreira**, coadjuvado por vários jovens chegados de Leópolis, entre eles o destacado **José Mendes de Carvalho** (Hoji-ya-Henda), iniciam clandestinamente a formação de um pequeno grupo com o objectivo de dar continuidade à luta armada iniciada a 4 de Fevereiro. O **MPLA** envia grupos de militantes para Marrocos, Argélia, Ghana e Checoslováquia, onde receberam formação militar. No seu regresso, o MPLA opta pela constituição da organização militar que se designou como **Exército Popular de Libertação de Angola** (EPLA).

Ao mesmo tempo, a União dos Povos de Angola (UPA), transformada mais tarde na **Frente Nacional de Libertação de Angola** (FNLA), tinha formado a partir da República Democrática do Congo, ex. Zaíre, um exército denominado **Exército de Libertação Nacional de Angola** (ELNA), que instalou o seu quartel-general em **Kinkuzu**, na República Democrática do Congo.

No ano de 1966, um grupo de dissidentes da FNLA encabeçados por **Jonas Malheiro Savimbi** formou, no interior de Angola, um novo movimento de libertação nacional, denominado **União para a Independência Total de Angola** (UNITA), com o seu braço armado - as **Forças Armadas de Libertação de Angola** (FALA).

A repressão colonial

Em resposta às actividades clandestinas das organizações políticas MINA, MIA, PLUA e UPA e às revoltas de 1961, as autoridades coloniais reforçaram o poder policial e a segurança interna, iniciando-se, deste modo, um período de repressão que conduziu à detenção, julgamento e deportação de grande número dos mais influentes nacionalistas.



Fig. 20. Mulheres a trabalhar numa aldeia, nos anos 60.



Fig. 21. Holden Roberto.

Dentre os nacionalistas, destaca-se a figura do médico **António Agostinho Neto**, preso e deportado por duas vezes e eleito à presidência de honra do MPLA. Permaneceu nesta situação até meados de 1963, ano em que foi eleito para a presidência do Movimento durante a Conferencia Nacional.

Inserir-se também neste confronto aquele que ficou conhecido como “**Processo dos 50**”, tornado célebre quer pelo número de patriotas nele envolvidos, quer pelo atropelamento das mais elementares regras de justiça durante o processo e que caracterizam a repressão colonial. No quadro dos advogados, destaca-se Maria do Carmo Medina que, apesar das ameaças do Regime, não deixou de exercer a sua actividade de defesa dos presos políticos.



Fig.22. Fotografia de parte dos envolvidos no “Processo dos 50”.

O 25 de Abril de 1974

A guerra que se alastrava nas antigas colónias portuguesas, especificamente em Angola, Moçambique, e Guiné-Bissau, levava a que morressem muitos militares portugueses nessas colónias.

Por outro lado, a guerra provocava muitas despesas, para além de criar um mal-estar geral em Portugal, a economia do país estava a suportar os esforços de guerra, criando sérias dificuldades ao povo.

Porém, o regime fascista português, além de oprimir os povos das colónias, também oprimia o próprio povo português e perseguia os mais progressistas, ou seja, os que não apoiavam o regime colonial. Estes eram enviados para as colónias para sustentar a guerra.

Este clima de guerra e de intensificação da acção dos serviços secretos do regime português de António de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano, a PIDE/DGS, aumentou o descontentamento do povo português, o que culminou com o Golpe de Estado (tomada do poder) militar em 25 de Abril de 1974, também conhecido como a Revolução dos Escravos.



Fig. 23. Fotografia a mostrar o apoio total da população ao Golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, em Lisboa.

7.3. O 11 de Novembro de 1975

Após o golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, em Portugal, foram reconhecidos os três movimentos de libertação que lutaram pela independência de Angola: a FNLA, o MPLA, e a UNITA. Esses movimentos começaram a fazer campanhas de sensibilização, com vista à preparação do povo para a independência.

EXTRACTOS DO TEXTO DA PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA, PELO DR. ANTÓNIO AGOSTINHO NETO, ÀS ZERO HORAS DO DIA 11 DE NOVEMBRO DE 1975

Em nome do Povo Angolano, o Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) proclama solenemente perante a África e o Mundo a Independência de Angola.

Nesta hora, o Povo Angolano e o Comité Central do MPLA observam um minuto de silêncio e determinam que vivam para sempre os heróis tombados pela Independência da Pátria.

[...] a nossa luta não foi nem nunca será contra o povo português. Pelo contrário, a partir de agora, poderemos cimentar ligações fraternas entre dois povos que têm de comum laços históricos, linguísticos e o mesmo objectivo: a liberdade.

Em Dezembro de 1956, no Manifesto da sua fundação, o MPLA vincava já a sua determinação inquebrantável de luta por todos os meios para a independência completa de Angola, afirmando - «o colonialismo não cairá sem luta. É por isso que o Povo Angolano só se poderá libertar pela guerra revolucionária. E esta apenas será vitoriosa com a realidade de uma frente de unidade de todas as forças anti-imperialistas de Angola, que não esteja ligada à cor, à situação social, a credos religiosos e tendências individuais; será vitoriosa graças à formação de um vasto MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA.

Força galvanizadora e de vanguarda do nosso Povo, o MPLA inicia heroicamente na madrugada de 4 de Fevereiro de 1961 a insurreição geral armada do Povo Angolano contra a dominação colonial portuguesa.

O longo caminho percorrido representa a história heróica de um Povo que sob a orientação unitária e correcta da sua vanguarda, contando unicamente com as próprias forças, decidiu combater pelo direito de ser livre e independente.

Apesar da brutalidade da opressão e do terror imposto pelo colonialismo para asfixiar a nossa luta, o Povo Angolano, guiado pela sua vanguarda

revolucionária, afirmou de uma maneira irrefutável a sua personalidade africana e revolucionária. Tendo como princípio a unidade de todas as camadas sociais angolanas em torno da linha política e da formulação clara dos seus objectivos, definido correctamente os aliados, amigos e inimigos, o Povo Angolano, sob a direcção do MPLA, venceu finalmente o regime colonial português.

Derrotado o colonialismo, reconhecido o nosso direito à independência que se materializa neste momento histórico, está realizado o programa mínimo do MPLA. Assim nasce a jovem REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, expressão da vontade popular e fruto do sacrifício grandioso dos combatentes da libertação nacional.

Porém, a nossa luta não termina aqui. O objectivo é a independência completa do nosso País, a construção de uma sociedade justa e de um Homem Novo.

[...]

HONRA AO POVO ANGOLANO
GLÓRIA ETERNA AOS NOSSOS HERÓIS
A LUTA CONTINUA!
A VITÓRIA É CERTA!



Fig. 24. Os líderes dos movimentos de libertação de Angola na altura da assinatura dos acordos de Alvor, em 1975. Da esquerda à direita: 3.º Dr. Jonas Malheiro Savimbi (Presidente da UNITA); 4.º Álvaro Holden Roberto (Presidente da FNLA); 6.º Dr. António Agostinho Neto (Presidente do MPLA).

No entanto, surgiram divergências entre os três movimentos e o nosso país viu-se envolvido numa guerra longa e desastrosa a nível humano, material, financeiro e ambiental.

Apesar da guerra, a independência de Angola foi proclamada às **zero horas do dia 11 de Novembro de 1975** pelo presidente do MPLA, **António Agostinho Neto**, o primeiro Presidente da então **República Popular de Angola**, hoje República de Angola.

Para que fosse possível a tão importante conquista, muitos sacrifícios tiveram que ser consentidos por milhares de filhos de Angola que, souberam interpretar os anseios mais profundos e legítimos de todo um povo na luta pela dignidade humana e pela reconquista da sua **identidade cultural e política**.

Por isso, a luta de todo o povo angolano foi coroada pela vitória do maior significado histórico, obtida a 11 de Novembro de 1975 com o **hastear da Bandeira Nacional** na actual Praça da Independência, em Luanda, e com este acto, seguiu-se o seu reconhecimento internacional.



Fig. 25. A Bandeira Nacional a ser hasteada no Praça da Independência, no dia 11 de Novembro de 1975.

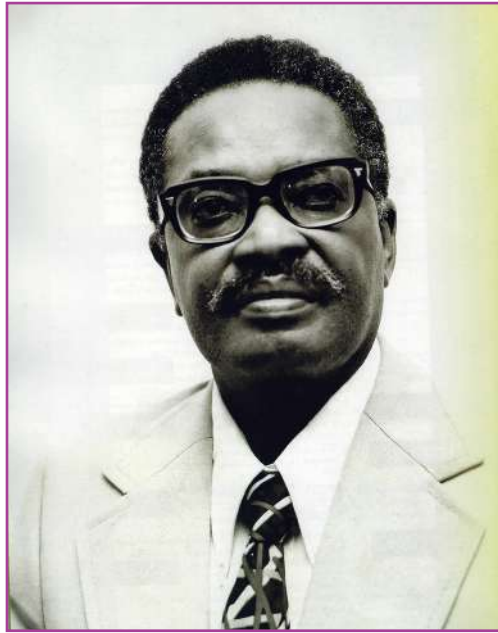


Fig. 26. Dr. António Agostinho Neto, o primeiro Presidente da República de Angola.

Agostinho Neto, o primeiro Presidente da República Popular de Angola, dirigiu o país até 10 de Setembro de 1979, data da sua morte. No mesmo ano foi substituído por José Eduardo dos Santos, que se tornou assim o segundo Presidente da República.

? VÊ SE SABES ...

1. Quais foram os movimentos de libertação de Angola?
2. Em que província de Angola está localizada a região da Baixa de Kassanje?
3. Descreve em algumas linhas, a importância das seguintes datas históricas do nosso país:
 - 04 de Janeiro de 1961;
 - 04 de Fevereiro de 1961.
4. Quais são os benefícios da Independência da República de Angola?

Com base no que aprendeste, realiza o seguinte inquérito:



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO DA PROVÍNCIA DE _____

ESCOLA / COLÉGIO /
LICEU / COMPLEXO ESCOLAR _____
TRABALHO DE ESCOLA N.º _____

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO	
Grupo n.º	
Especialidade;	
Disciplina:	História
Turma:	
Classe:	

FICHA DE INQUÉRITO	
Género	Masculino
	Feminino
Rua:	
Bairro:	
Município:	

CONTEXTUALIZAÇÃO

Com o auxílio do teu professor, faz um inquérito aos membros da tua família / comunidade para conheceres os heróis, com origem na tua comunidade ou província, que participaram na Luta de Libertação Nacional.

Procura, também, inquirir sobre a designação do reino de que fazia parte o município em que te encontras e os nomes de alguns dos seus respectivos reis.

I - Saudação e apresentação do grupo

II - Objectivos:

- Conhecer os heróis que participaram na Luta de Libertação Nacional e que pertencem ao município/província em que vive o aluno;
- Divulgar, na comunidade em que o aluno se encontra, os heróis identificados;
- Conhecer o reino do qual fazia parte o município ou a província em que o aluno vive.

III - Questões

1 - A Luta de Libertação Nacional contou com a participação de angolanos dos mais variados bairros, comunas, municípios e províncias.

a) Cita alguns nomes de heróis do teu município ou província que participaram na Luta de Libertação Nacional.

b) Qual foi a principal contribuição que os heróis identificados deram à Luta de Libertação Nacional?

c) Os heróis identificados são conhecidos pelos habitantes da tua comunidade? Justifica a tua resposta.

2 - O território que hoje se chama Angola era constituído por vários reinos, tais como: Reino do Congo, Reino do Ndongo, Reino do Bailundo, Reino da Matamba, entre outros.

a) Tendo em conta o mapa de Angola, diz a que reino pertencia a província e / ou o município onde vives.

b) Cita os nomes de alguns reis, e os períodos dos seus reinados, do reino do qual fazia parte a tua província e / ou município.

c) Menciona alguns reinos que faziam fronteira com o reino do qual fazia parte a tua província e / ou município.

IV - Agradecimentos

_____, _____ de _____ de 20 _____

O País

Situado geograficamente no continente **africano**, Angola faz fronteira a **Norte** com a **República Democrática do Congo (R.D.C.)** e a **República do Congo**; a **Nordeste** com a **República Democrática do Congo**; a **Leste** com a **República da Zâmbia**; a **Sul** com a **República da Namíbia**; e a **Oeste** com o **Oceano Atlântico**.



Fig. 27. Mapa de Angola e os seus limites.

Angola possui uma superfície de 1.246.700 km². A extensão da sua fronteira terrestre é de 2.500 km, e a linha costeira com o Oceano Atlântico é de 1.600 km. O território está dividido administrativamente em **18 províncias**, nomeadamente: Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando Cubango, Cuanza-Norte, Cuanza-Sul, Cunene, Huambo, Huíla, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malanje, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire.

Geograficamente as províncias estão distribuídas da seguinte forma:

- a **Norte**: Bengo, Cabinda, Cuanza-Norte, Luanda, Malanje, Uíge e Zaire;
- a **Nordeste**: Lunda-Norte e Lunda-Sul;
- ao **Centro**: Benguela, Bié, Cuanza-Sul e Huambo;
- a **Sudeste**: Cuando Cubango e Moxico;
- a **Sul**: Cunene, Huíla e Namibe.



Fig. 28. Divisão Administrativa de Angola.

O governo

Proclamada a independência, foi necessário preparar a **Constituição da República**. A Constituição é a Lei magna e suprema de um Estado. O seu conteúdo apresenta a estrutura e a formação dos poderes públicos, forma de governo, aquisição de poder, distribuição de competências, direitos, garantias e deveres dos cidadãos. O Estado Angolano é um Estado Democrático de Direito que tem como fundamento a soberania popular. A Constituição da República de Angola (CRA) baseia-se na dignidade da pessoa humana e na vontade do povo angolano. A mesma tem como objectivo fundamental a construção de uma sociedade livre, justa, democrática, solidária, de paz, igualdade e de progresso social.

A Constituição da República de Angola estabelece os seguintes poderes e órgãos de soberania:

- Poder Executivo - exercido pelo Governo, designado Executivo;
- Poder Legislativo - exercido pela Assembleia Nacional;
- Poder Judicial - exercido pelos tribunais.

O Presidente da República é o Chefe de Estado, o titular do Poder Executivo e o Comandante em Chefe das Forças Armadas Angolanas, o qual exerce o Poder Executivo, auxiliado por um Vice-Presidente, Ministros de Estado e Ministros.

Actualmente, o Executivo conta com 4 Ministros de Estado e 21 Ministérios, sendo 7 Ministras e 14 Ministros, com idades compreendidas entre os 38 e os 70 anos.

MINISTROS DE ESTADO:

- **Ministra de Estado para Área Social**
- **Ministro de Estado e Chefe da Casa de Segurança do Presidente da República**
- **Ministro de Estado para a Coordenação Económica**
- **Ministro de Estado e Chefe da Casa Civil do Presidente da República**

MINISTÉRIOS:

1	Ministério da Defesa Nacional e Veteranos da Pátria
2	Ministério do Interior
3	Ministério das Relações Exteriores
4	Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos
5	Ministério das Finanças
6	Ministério da Administração do Território
7	Ministério da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social
8	Ministério da Agricultura e Pescas
9	Ministério da Indústria e Comércio
10	Ministério da Energia e Águas
11	Ministério dos Recursos Minerais, Petróleo e Gás
12	Ministério dos Transportes
13	Ministério das Obras Públicas e Ordenamento do Território
14	Ministério das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social
15	Ministério da Juventude e Desportos
16	Ministério da Economia e Planeamento
17	Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação
18	Ministério da Educação
19	Ministério da Saúde
20	Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente
21	Ministério da Acção Social, Família e Promoção da Mulher

O número, a designação e a orgânica dos Ministérios são instituídos pelo titular do Poder Executivo.

Os símbolos nacionais

Os símbolos nacionais da República de Angola são: a Bandeira Nacional, a Insígnia Nacional e o Hino Nacional.

A Bandeira Nacional, a Insígnia Nacional e o Hino Nacional são símbolos da soberania e da independência nacional, da unidade e da integridade da República de Angola, adotados aquando da proclamação da independência nacional, a 11 de Novembro de 1975.

A **Bandeira Nacional** tem duas cores dispostas em duas faixas horizontais. A faixa superior é de cor **vermelha-rubra** e a inferior de cor **preta**. Estas cores têm as seguintes representações:

- vermelha-rubra - o **sangue derramado pelos angolanos** durante a opressão colonial, a Luta de Libertação Nacional e a defesa da Pátria.
- preta - o **continente africano**.

No centro da bandeira nacional figura uma composição constituída pelos seguintes elementos:

- uma secção de uma roda dentada: símbolo dos **trabalhadores** e da **produção industrial**;
- uma catana - símbolo dos **camponeses**, da **produção agrícola** e da **luta armada**;
- uma estrela - símbolo da **solidariedade internacional**.

A roda dentada, a catana e a estrela presentes na Bandeira Nacional são de **cor amarela**, representando as **riquezas do país**.



Fig. 29. A Bandeira Nacional.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

A **Insígnia da República de Angola** é formada por uma secção de uma **roda dentada** e por uma **ramagem de milho, café e algodão**, representando, os trabalhadores e a produção industrial, os camponeses e a produção agrícola, respectivamente.

Na base do conjunto podem ver-se um **livro aberto**, símbolo da **educação e cultura**, e o **sol nascente**, significando o **novo país**.

Ao centro estão colocadas uma **catana e uma enxada** cruzadas, simbolizando o **trabalho** e o **início da luta armada**. No topo, figura uma **estrela**, símbolo da **solidariedade internacional** e do **progresso**. Na parte inferior do emblema encontra-se uma **faixa dourada** com os dizeres “**República de Angola**”.



Fig. 30. A Insígnia da República de Angola.

O **Hino Nacional** de Angola tem o título de *Angola Avante* e foi adoptado em **1975**, depois de Angola se tornar independente de Portugal. A letra é da autoria de Manuel Rui Monteiro e a composição é da autoria de Rui Mingas.



Fig. 31. Manuel Rui, autor da letra do hino Angola Avante.

Angola Avante

Ó Pátria, nunca mais esqueceremos
Os heróis do 4 de Fevereiro
Ó Pátria, nós saudámos os teus filhos
Tombados pela nossa independência
Honrámos o passado, a nossa história
Construímos no trabalho o homem novo
Honrámos o passado; a nossa história
Construímos no trabalho o homem novo

*Angola, avante, revolução
Pelo poder popular
Pátria unida, liberdade
Um só povo, uma só Nação*

*Angola, avante, revolução
Pelo poder popular
Pátria unida, liberdade
Um só povo, uma só Nação*

Levantemos nossas vozes libertadas
Para a glória dos povos africanos
Marchemos combatentes angolanos
Solidários com os povos oprimidos
Orgulhosos lutaremos pela paz
Com as forças progressistas do mundo
Orgulhosos lutaremos pela paz
Com as forças progressistas do mundo

*Angola, avante, revolução
Pelo poder popular
Pátria unida, liberdade
Um só povo, uma só Nação*

*Angola, avante, revolução
Pelo poder popular
Pátria unida, liberdade
Um só povo, uma só Nação*



Fig. 32. Rui Mingas, compositor do hino Angola Avante.



Exercita

Entoa o Hino Nacional de Angola.

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

A Moeda Nacional, o Kwanza, nome do maior rio de Angola, é a primeira unidade monetária nacional criada a 11 de Novembro de 1977 em substituição do Escudo, moeda colonial. A moeda foi emitida em notas de valor facial de Kz 1000,00, Kz 500,00, Kz 100,00, Kz 50,00 e Kz 20,00. Para além das notas, foram emitidas moedas metálicas de valor facial de Kz 10,00, Kz 5,00, Kz 2,00 e Kz 1,00. A abreviatura da moeda é Kz, reconhecida internacionalmente pela sigla AOA.

Ao longo dos anos, foram adoptadas alterações na moeda para garantir maior segurança, combater a falsificação e a inflação. Estas alterações incidiram, fundamentalmente no seu valor facial, no tamanho e nas suas características.

Denominação	Sigla		Período
	Local	Internacional	
Kwanza	Kz	AOA	1977
Novo Kwanza	NKz	AON	1990
Kwanza Reajustado	KzR	AOR	1995
Kwanza	Kz	AOA	1999 a data actual

Quadro das denominações do Kwanza desde o período da sua criação até à presente data.

Actualmente, existem notas de valor facial de Kz 200,00, Kz 500,00, Kz 1000,00, Kz 2000,00 e de Kz 5000,00. Para além das notas, existem também moedas metálicas no valor facial de Kz 1,00, Kz 5,00, Kz 10,00, Kz 20,00, Kz 50,00 e de Kz 100,00.



Moeda de 1 Kwanza (Frente e verso).



Moeda de 20 Kwanzas (frente e verso).



Moeda de 5 Kwanzas (frente e verso).



Nota de 200 Kwanzas (frente e verso).



Moeda de 10 Kwanzas (frente e verso).

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA E A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA



Moeda de 50 Kwanzas (frente e verso).



Moeda de 100 Kwanzas (frente e verso).



Nota de 500 Kwanzas (frente e verso).



Nota de 1000 Kwanzas (frente e verso).



Nota de 2000 Kwanzas (frente e verso).



Nota de 5000 Kwanzas (frente e verso).

GLOSSÁRIO

Angariador

Recrutador; mobilizador de pessoa para o desenvolvimento de uma actividade.

Bandeira

Pedaço de tecido, geralmente rectangular, cuja cor ou combinação de cores ou de figuras serve de distintivo do país, região, entidade, organização, entre outras.

Bantu

Relativo ao povo **bantu** ou às suas línguas, significa indivíduos, seres humanos/pessoas

Causa

Motivo, razão, origem.

Capitalismo

É um sistema económico que visa o lucro e a acumulação das riquezas.

Colónia

Território ocupado, administrado e dominado ou seja, território governado por um Estado, dito metrópole, fora das suas fronteiras geográficas.

Colonização

Estabelecimento de colónias; dominar ou subjugar outro povo.

Comércio triangular

Comércio marítimo que se fazia entre os continentes africano, americano e europeu, durante o período do tráfico de escravos e assim designado por tomar no Mapa Mundo a forma de um triângulo.

Conferência

Reunião organizada para se tratar de assuntos particulares ou públicos.

Consequência

Resultado natural, provável ou forçoso de um facto; efeito.

Cultura

Conjunto de hábitos, costumes e tradições de um povo. A forma de ser e de estar de um povo.

Desenvolvimento

Acto ou efeito de desenvolver; progresso; aumento.

Desporto

Prática regular de uma actividade que requer exercício corporal e que obedece a determinadas regras, para lazer, para desenvolvimento físico ou para demonstrar agilidade, destreza ou força (ex.: *desporto escolar; fazer desporto; praticar desporto*).

Divisão Administrativa

Repartição da administração de um território.

Escravatura

Prática social em que um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro designado de escravo, imposta por meio da força.

Escravo

Pessoa que está ou foi privada da sua liberdade, sendo submetida à vontade de outrem. Escravo é tido como propriedade. Pessoa que está sob a dependência absoluta de um dono ou de um proprietário.

Expansão

Acto ou efeito de se expandir, alargamento, difusão.

Forte

Obra de fortificação; fortaleza; castelo.

Golpe de Estado

Acto de força pelo qual um governo é derrubado e substituído.

Governo

Acto ou efeito de governar; poder executivo, administração, regime. Poder ou colectividade que dirige um Estado.

Hino Nacional

Canto de louvor a uma pátria.

Imperialismo

Política de expansão e domínio territorial, cultural e económico de uma nação dominante sobre as outras.

Independência

Liberdade; autonomia, soberania.

Insígnia

Sinal distintivo de dignidade de função ou de nobreza, emblema, medalha.

Instalação

Estabelecer-se, alojar-se, ir morar para.

Instituição

Estabelecimento de utilidade pública; organização, fundação.

Invasão

Acto ou efeito de invadir; ocupar por meio de força; entrar hostilmente.

Libertação Nacional

Tornar livre um determinado território; autonomizar.

Manifesto

Declaração pública em que se expõem os motivos que levaram à prática de certos actos que interessam a uma colectividade.

MIA

Movimento para a Independência de Angola (1957).

Migração

Acto de passar de um país ou de uma região para outra.

MINA

Movimento para a Independência Nacional de Angola (1953).

Nação

Estado que se governa por leis próprias. Conjunto de indivíduos habituados aos mesmos usos, costumes e língua.

Nacionalismo

Patriotismo, relativo a nacionalidade

Nobreza

Classe dos nobres.

Ocupação

Acto ou efeito de ocupar, posse.

Opressão cultural

Oprimir os hábitos e costumes que contribuem para a herança social de um determinado povo, de uma comunidade.

País

Território, Estado, Nação.

Penetração

Chegar ao interior, entrar

PLUA

Partido de Luta Unida de Angola (1956).

Pombeiro

Aquele que atravessa as aldeias para negociar com os nativos.

Pré-colonial

Anterior à colonização.

Presídio

Guarnição de uma praça de guerra; prisão militar, reclusão de criminosos.



Racismo

Doutrina que afirma a superioridade de determinadas raças e assenta na alegada superioridade e direito de dominar ou suprimir as outras.

Reino

Estado que tem um rei como soberano.

Repressão

Suster a acção; violentar, oprimir, castigar.

Resistência

Força com que um povo reage contra a acção do outro; reacção, oposição, defesa.

Revolta

Rebelião contra a autoridade estabelecida; sublevação; insurreição; levantamento; motim; sentimento de indignação.

Símbolo

Sinal representativo; emblema; imagem ou objecto material que representa uma realidade visível.

Sistema político

Forma de um governo.

Território

Grande extensão de terra; área correspondente a uma determinada jurisdição.

Tráfico

Negócio ou actividade comercial ilegal

Tumbu

Conjunto de aldeias (sanzalas).



BIBLIOGRAFIA

- AFRONTAMENTOS (s/d). *História de Angola*, Porto Educação.
- Aguiam, B. de. (1903). *A Revolta do Bailundo e os Conselhos de Guerra de Benguela*. Lisboa, Portugal: Imprensa Lucas.
- Altuna, P. R. R. de A. (1985). *Cultura Tradicional Banto*. Luanda, Angola: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral.
- Andrade, A. de. (1897). *A Questão da Borracha em Angola, Sobre as dificuldades que o Alto Planalto de Benguela apresenta na introdução das novas espécies produtoras*. Bihé, edição do autor.
- ANGOLA/INIDE-MED - *Iniciação à História* - 4.^a classe.
- ANGOLA/MED. (1983). *Atlas Geográfico* (1.º vol.). Suécia.
- ANGOLA/MED. (1983). *História, Ensino de Base* - 8.^a classe (1.º vol.).
- Arnold, J. (1985). *Grandes Datas da História Universal*. Verbo.
- Arquivo Histórico de Angola (1995). *Actas do Seminário “Encontro de Povos e Culturas em Angola”*: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Luanda, Angola, p.510.
- CIPIE-MEC - *Iniciação à História* - 4.^a classe.
- Fernandes, J. & Ntongo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda, Angola: Editora Nzila.
- Madureira, A. (1998). *A Colonização Portuguesa em África 1890-1910: Retrospectiva e Diagnóstico*. Editora Livro Horizonte.
- Madeira, C. M. (2005). *Educação Moral e Cívica* - 7.^a classe, Manual do Adulto, 1.º Ciclo do Ensino Secundário. Luanda, Angola: INIDE.
- M'bow, A. M.,ki-Zerbo, J. &Devisse, J. (1967). *Histoire de l'Afrique, Des origines au VI^e siècle*. Paris, France: Hatier.
- MED - *História* - 7.^a classe.
- MED. (1976). *História* - 8.^a classe (1.º volume).
- MED - *História de Angola*.
- MED-INIDE (1995). *História* - 6.^a classe. Moçambique: Editora Escolar.
- MINADER (Outubro & Novembro de 2006). *Boletim Informativo da Direcção Nacional de Agricultura, Pecuária e Florestas*. Ano I, n.º 1.
- MINADER (Janeiro, Fevereiro & Março de 2007) - *Boletim Informativo da Direcção Nacional de Agricultura, Pecuária e Florestas*. Ano I, n.º 2.
- MINADER (Abril & Setembro de 2007). *Boletim Informativo da Direcção Nacional de Agricultura, Pecuária e Florestas*. Ano I, n.º 3.
- MINADER (Junho de 2008). *Boletim Informativo da Direcção Nacional de Agricultura, Pecuária e Florestas*. Ano II, n.º 4.



Moncada, C. (1903). *Campanha do Bailundo em 1902*. Luanda, Angola: Imprensa Nacional.

Pepetela (1990). *Luandando*. Porto. Elf Aquitaine Angola.

Redinha, J. (1975). *Etnias e Culturas de Angola*. Instituto de Investigação Científica de Angola.

UNESCO - *Lugares de Memória da Escravatura*. Lisboa, Portugal: CEAIFLUL.

Zau, F. (2005). *Marítimos Africanos e um Clube com História*. Lisboa, Portugal: Universitária Editora.

Zerquera, J. (2003). *Iniciação à Geografia - 4.ª classe*.

